

militário



MILITIA

REGULAMENTO

Art. 1.º — MILITIA é a revista destinada precipuamente a tratar dos assuntos da Fôrça Pública do Estado de São Paulo e do seu Clube Militar, difundindo notícias e conhecimentos técnicos policiais-militares, assuntos culturais de Ciência, Filosofia e Artes, e bem assim debates sobre problemas de interesse geral.

Art. 2.º — Sua publicação, prevista nos Estatutos Sociais do Clube, art. 2.º, letra "f", está autorizada pelo Exmo. Snr. Coronel Comandante Geral da Fôrça Pública, conforme Bol. Geral n.º 245, de 4-IX-47.

A Revista está regularmente registrada, de acordo com as leis da Imprensa.

Art. 3.º — A colaboração é franca, todavia, a Revista não publicará trabalhos político-partidários ou religioso-sectários, que não se enquadrem no seu programa.

§ único — Serão evitados os elogios pessoais e repelida a detração.

Art. 4.º — A colaboração entregue fica pertencendo à Revista, porém, sem compromisso de publicação, a qual é feita segundo o juízo da Diretoria, tendo em vista o exposto no artigo anterior.

Art. 5.º — E' admitida a polêmica, dentro dos princípios estabelecidos no art. 3.º, desde que serena e impessoal. A Diretoria reserva-se o direito de suspendê-la quando julgar conveniente aos interesses da Revista.

Art. 6.º O exame das colaborações será feito sob dois aspectos: especializado e geral. O primeiro estará a cargo da respectiva Comissão Técnica, referida no art. 8.º, e o segundo caberá à Redação da Revista.

Art. 7.º — A Revista terá um Diretor, um Redator-Chefe, cinco Redatores, um Secretário, um Gerente e um Tesoureiro,

nomeados pela Diretoria do Clube Militar, com exercício por dois anos, coincidentes com o seu mandato.

Art. 8.º — A Revista disporá ainda de Comissões Técnicas de Revisão, em número variável, compostas de 2 oficiais cada uma, designados pelo Diretor da Revista, por proposta do Redator-Chefe.

Art. 9.º — A Revista disporá, também, de um agente em cada Unidade ou Repartição da Fôrça Pública, e fora da Corporação, onde seja necessário.

Art. 10.º — Ao Diretor incumbe :

a) — Animar, coordenar e realizar a expansão da Revista, orientando-a segundo as conveniências do Clube Militar, os superiores interesses da Fôrça Pública e as razões da Disciplina Militar.

b) — Responsabilizar-se pelo mérito da Revista.

c) — Representá-la em todos os atos e solenidades.

d) — Assinar a correspondência, podendo delegar esta atribuição, no todo ou em parte, a seu juízo, aos Redator-Chefe, Secretário, Gerente e Tesoureiro.

e) — Fazer as nomeações referidas nos arts. 8.º e 9.º.

f) — Visar os documentos de receita e despesa da Revista, depois de apurada sua legitimidade pelo Tesoureiro.

g) — Propor à Diretoria do Clube Militar a fixação e alteração da tabela de preços de assinaturas e anúncios.

h) — Ter a iniciativa de todas as providências que assegurem o êxito da publicação.

§ único — O Diretor será substituído pelo Redator-Chefe, em seus impedimentos.

(Cont. no verso da contra-capa).

MILITIA

REVISTA PUBLICADA NA FÔRÇA PÚBLICA DO
ESTADO DE SÃO PAULO

ANO I — Janeiro/Fevereiro de 1948 — N.º 2

DIRETOR: — Cel. José Sandoval de Figueiredo;
REDATOR-CHEFE: — Major Laércio Gonçalves de Oliveira;
SECRETÁRIO: — 1.º ten. Plínio Rolim de Moura;
REDADORES: — Cap. Brasilino Antunes Proença;
Cap. Milton Marques de Oliveira;
1.º ten. João Vieira de Matos;
1.º ten. Adauto Fernandes de Andrade;
1.º ten. Sérgio Rodrigues Caldas, e
2.º ten. Iolando Prado.
GERENTE: — Cap. Adm. Germano Ribeiro Scartezini;
TESOUREIRO: — 1.º ten. Adm. Nelson Martins da Silva.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — Rua Alfredo Maia, 106, (Tipografia da
Fôrça Pública) — Fone 4-8171, ramal
204).

Assinatura anual	Cr \$ 25,00
Assinatura semestral	Cr. \$ 15,00
Número avulso	Cr. \$ 5,00

“MILITIA” destina-se a tratar de assuntos técnicos policiais-militares e culturais em geral.

A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos políticos-partidários ou religiosos-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.

Pede-se que os originais sejam dactilografados, com espaço duplo, sendo que não serão devolvidos, mesmo quando não sejam publicados. Pede-se ainda sejam entregues à redação, no endereço acima.

A Revista não assume responsabilidade de conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

SUMARIO

DISCURSOS :

Do sr. Presidente da República	3
Do sr. Governador do Estado	6
Do ten. Adauto Fernandes de Andrade, em Santa Catarina	28

COLABORAÇÕES :

Nossa História e Nossos Problemas

Alguns Centavos de Polícia — 2.º ten. Teodoro Nicolau Salgado	11
A formação profissional do nosso oficial — 1.º ten. Osvaldo Feliciano dos Santos	38
Apologia do B.E. — Seven	40
Sobre a fundação da Caixa Beneficente — Ten. cel. Manoel Marinho Sobrinho	9
Reflexões sobre a visita do Gal. Tassigny — Cap. Arrisson de Souza Ferraz ..	16
Uma sugestão prática — Cap. Francisco Vieira Fonseca	20
Padronização das Polícias Militares — 1.º ten. Olivio F. Marcondes	24
O Nosso Partido — Centurinha	61
Seara Alheia	66
Por que não cuidamos disto? — L.T.R.S.	86
Segundo Batalhão da Força Pública — 1.º ten. Cálcio C. Montes	88
Mais uma Colônia de Férias — Cap. G. R. Scartezini	90

Literatura, Etc.

Maní a neta do Mahatma — Núbio	15
Saudade — Maj. Naul Azevedo	26
Solilóquios de um aluno-oficial — Espadim	37
O "santo" — Tancredo Collaço	42
A cultura e a pintura — Sgt. Sílvio Pedroso	46
No dia de Reis — Cavalheiro Freire	76
Dois tragédias — J. Sandoval de Figueiredo	93
Agora sim, o mundo curvou-se ante o Brasil — Rolim de Moura	101
Da poesia ao provérbio — ten. Antônio Vieira Filho	103

REDAÇÃO :

Um homem que dignificou a Humanidade	14
Natal do "Bombeirinho"	22
Aspirantes de 1947	33
Fim de ano letivo	36
Aniversário do Serviço de Material Bélico	41
Várias	43
Nova diretoria da Ass. dos Oficiais Reformados e da Reserva	45
A Cozinha Central	49
Secção dos Leitores	70
Página Feminina	73
O Estopim	78
Palavras Cruzadas	80
O Carnaval de 1948	82
Boletim da Bibliotéca do H.M.	96
O Esporte no Clube	97
Prova de Tiro Rápido sobre Silhueta	98
Campeonato de Tiro no 8.º B.C.	100
Notícias	105
Legislação	106

DISCURSO

PRONUNCIADO PELO GENERAL EURICO GASPAS DUTRA, PRESIDENTE DA REPÚBLICA, A 25 DE JANEIRO DE 1948, POR OCASIAO DAS FESTAS COMEMORATIVAS DO 394.º ANIVERSARIO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE DE SAO PAULO

Senhor Governador do Estado de São Paulo,
Senhor Cardeal Arcebispo,
Meus Senhores :

A penúltima vez que me concedestes a hospitalidade da vossa gloriosa Cidade, aqui vim, como Ministro da Guerra, exprimir o agradecimento do Exército Nacional à mulher bandeirante pela confiança patriótica e pelo incentivo carinhoso dedicado às forças brasileiras que combateram no velho chão da Europa. Recordei nessa visita, como recorde ainda agora, a cerimônia im-

ponente e magnífica da entrega da bandeira nacional, no Vale do Anhangabaú, às unidades paulistas que iam então integrar a Fôrça Expedicionária Brasileira.

Retornei, em 1945, para agradecer o lançamento, entre vós, da minha candidatura à Presidência, quando me colloquei, como cidadão, a serviço da volta ao regime constitucional, buscando na



O Snr. Presidente Eurico Gaspar Dutra, a Sr.ª D.ª Leonor Mendes de Barros e o Snr. Governador Adhemar de Barros e outras altas autoridades assistem ao desfile militar realizado em comemoração à data de fundação da cidade.

vossa tradição republicana a deliberada e firme orientação que nos haveria de restituir, como restituiu, uma Constituição democrática e um governo livremente eleito pelo Povo.

Foi nessa ocasião, faltando um mês para a jornada pacificadora de 29 de outubro, que tive oportunidade de, sobre São Paulo e a cooperação espiritual da Igreja, enunciar estes conceitos:

“Felizmente não lhe falta, como, de resto, à nossa Pátria, nessa campanha, o espiritual e eficiente apóio da Igreja, legitimamente interessada na obra comum da democratização do mundo dentro dos princípios de humanidade capazes de preservar o indivíduo, a família e a sociedade, dos males que os ameaçam, oriundos de ideologias extremadas que repugnam à razão natural, anulam a personalidade, redicularizam a fé, enfraquecem a família, destroem a liberdade individual, automatizam as multidões e afastam dos caminhos do homem a esperança do bem-estar social, que é, afinal, o nobre objetivo da luta pela vida. Guardiã da doutrina evangélica de Cristo que lhe ensina o organismo multi-secular, e dos admiráveis ensinamentos da “Rerum Novarum”, e da “Quadragesimo Anno”, está reservada à Igreja, nos tempos revoltos de agora, uma grande e delicada missão de reconstrução e reequilíbrio do mundo, reconduzindo os homens desviados pelas tempestades desta época de saturação materialista às rotas bonanças do espiritualismo, da justiça e da caridade cristã”.

Rememoro essas palavras, neste momento, para agradecer, em nome do Brasil, a imensa contribuição das nossas forças espirituais, em São Paulo, na de-

fesa do patrimônio moral da nacionalidade.

A história da vossa gente é a nossa própria história. Nos limites desta grande Cidade, o velho Colégio dos Jesuítas iniciava uma obra de civilização que se tornaria inteiramente autônoma às margens do Ipiranga. Do coração da província paulista, partiu o movimento republicano que nos levou ao 15 de Novembro.

Por duas vezes fostes pioneiros da conquista do solo: — quando o revelastes nas bandeiras, e quando o ocupastes com os cafezais, levando-os do Vale do Paraíba às margens do Paraná.

Na energia desses episódios, o povo brasileiro se revê com orgulho e os sente reproduzidos no terreno da nossa industrialização. O vosso espírito criador se revela também pujante na poderosa organização que construístes, nas indústrias e nas fazendas, nos portos e nas ferrovias.

Sente-se ainda no plano da inteligência como no plano moral, a grandeza das vossas iniciativas, dentre as quais é meu desejo ressaltar, no passado, a campanha contra o analfabetismo e a da pregação do voto secreto — tornado realidade —; e, maior que tôdas, a cruzada nacionalista, iniciada em 1915, inflamando a vossa ardorosa mocidade que tão bem compreendeu o evangelho de civismo pregado por Olavo Bilac. Por tôdas essas razões, brasileiros de São Paulo, sinto-me lisonjeado com as vossas homenagens, e especialmente com as palavras do vosso intérprete deste momento, o vosso operoso governador.

Acaba de ser traçado um quadro real da posição de São Paulo dentro da Federação. Avultam, desde logo, a vocação constitucionalista da terra bandeirante e a índole dos paulistas que os

conduz ao trabalho construtivo, dentro do clima da ordem. Desde que o espírito paulista se desalterou sempre nas mais puras fontes de brasilidade, não há como falar na volta de São Paulo ao seio da comunidade brasileira. Esta não existiria como a conhecemos: estaria mutilada histórica e substancialmente, se a componente paulista não a tivesse sempre integrado, indissolúvelmente. O que houve no país foi a vitória do ideal democrático e o restabelecimento do sistema representativo, em consonância com as aspirações mais vivas e mais legítimas de toda a nossa gente.

Congratulo-me, pois, convosco, porque o Brasil está constitucionalizado, e porque, na sua autonomia, São Paulo decide dos seus negócios peculiares, escolhendo os seus dirigentes e encaminhando os seus próprios destinos. Terminaram os sofrimentos de São Paulo, sobretudo quanto às incertezas em face do Poder Central e seus efêmeros delegados políticos, no trato dos assuntos locais. Gozando agora de auto-determinação, dentro de sistema federativo, — impõe-se-vos maior entendimento para uma ação político-administrativa, acima das atividades partidárias, situando a terra de Piratininga no seu brilho de estrela de primeira grandeza, na constelação brasileira. Cessou a época dos equívocos e desentendimentos, justificando-se uma trajetória harmoniosa, a benefício da solução dos vossos magnos problemas que são, em última análise, problemas do Brasil.

São Paulo constitui, cada vez mais, o laboratório principal onde se forjará a liga dos superiores e recíprocos interesses entre os trabalhadores e o parque industrial, entre a produção rural e os homens do campo. Guardando a li-

nha de equilíbrio, é preciso promover o desenvolvimento fabril, para melhor beneficiar o proletariado; e zelar pelos direitos do trabalhador, para, com isso, assegurar o crescimento e a solidez da riqueza de São Paulo. As empresas não serão entravadas, mas respeitadas na sua liberdade de iniciativa, como os que vivem do trabalho hão de encontrar, numa legislação esclarecida, bem e humanamente interpretada, eficiente instrumento na defesa contra lucros imoderados ou ganância desenfreada. O Estado deve dedicar-se ao serviço dos superiores imperativos da Nação, e não ficar submetido a classes ou agrupamentos.

O sadio otimismo construtivo que satura os altiplanos de Piratininga — disse-o eu aqui quando candidato à Presidência — é um clima de cura, por excelência, para quaisquer contágios do pessimismo dos que vivem a lamentar a terra que usufruem, e a descreer dos homens que trabalham, na ânsia demagógica de destruir o que não ajudaram a construir. As energias desaproveitadas e inertes, como a das águas, há pouco lembradas, da Cachoeira de Paulo Afonso, precisam — e o serão — postas a serviço da coletividade.

Ainda mais orgulhoso desta terra e desta gente, venho agora a São Paulo para proclamar que temos o mesmo dever de otimismo daqueles que, faz quase quatrocentos anos, fundaram esta Cidade extraordinária, hoje tornada florão das plagas americanas.

Levantando a minha taça pela felicidade pessoal do vosso Governador e pelo êxito da sua administração, — saúdo a prosperidade do Estado de São Paulo e o bem estar do seu povo, — e a paz e a glória do Brasil.

Discurso pronunciado pelo Dr. Adhemar de Barros, governador do Estado, no dia 15 de dezembro de 1947, em comemoração ao aniversário da Fôrça Pública

Ao oferecer-vos esta bandeira — imagem auri-verde do nosso amor paulista pela Pátria — quero dizer-vos algumas palavras de júbilo e de fé patriótica.

A Fôrça Pública, de que sois dignos componentes — quer como soldados, quer como membros da sua brilhante oficialidade — sempre despertou o entusiasmo de todos nós.

Ela é paulista pela sua missão pela sua presença aos fastos de nossa vida social, mas principalmente brasileira por ser paulista, e não menos paulista por figurarem, nas suas fileiras, filhos de todas as regiões do país.

Ela é do povo, porque é uma fôrça em defesa das instituições democráticas, criadas pelo povo. Não só por isso; senão ainda porque se fez tradicional a sua integração nos grandes momentos de júbilo coletivo, nos desfiles marciais em continência à bandeira da pátria, nas festas cívicas em que os seus clarins anunciam a alvorada de um Brasil maior, nas notas vivas que sempre nos arrebataram quando dos concertos de sua famosa banda musical na praça pública e — não raro — nos instantes de luta, quando se faz necessário traduzir e reviver o sentimento militar do paulista, a serviço, sempre, da nossa grande terra comum.

Sejam estas as minhas primeiras palavras de saudação à tropa aqui presente e aos distintos oficiais que

a dirigem, hoje, na grave missão de zelar pela ordem pública.

Ao coronel Eleutherio Brum Ferlich, para que transmita aos seus comandados, todo o meu louvor pelo garbo, disciplina, eficiência e brilho com que se apresentou a Fôrça Pública, nas festas que acabamos de presenciar.

Meus patrícios:

Nada mais falso do que o preconceito de que o paulista é infenso às virtudes militares.

A expressão “civil e paulista”, exigida pelo povo de S. Paulo em certa hora da nossa vida política, não significa qualquer despreço à farda.

Traduz outro sentimento, o de autonomia, que é nosso apanágio histórico — e sim mesmo autonomia no sentido em que essa palavra não colide com a consciência de um destino nacional.

Releiam-se os documentos mais longínquos de nossa formação social e histórica, e ver-se-á, facilmente, que o homem de Piratininga sempre amou as virtudes militares. Já o próprio bandeirante era o cabo de tropa, o generalíssimo. Cada bandeira, não raro, era um pequeno exército em função de combate e defesa. Como a própria legião romana, a mesnada mediavel, a falange greco-macedônica, o grupo bandeirante, já no alvor da colônia, traduzia os nossos predicados de disciplina, de coman-

do, de obediência, de patriotismo. Poderia eu citar os exemplos, que os documentos oferecem: o caso de um Francisco Pedroso Xavier, o vilari-cano, cuja bandeira, com os seus for-tins e guarnições, destroçou, na ser-ra do Maracujá, a coluna de Andino, composta de 400 cavaleiros e seis-centos índios paraguaios. Raposo Ta-vares não é só o cabo de tropa que dilatou o Brasil para o sul; é também o comandante que levou a contri-buição militar paulista à expulsão do flamengo, na hora difícil em que a armada do conde da Torre sofre o seu mais duro revés.

O mesmo se dirá de Domingos Jorge Velho, na epopéia dos Palma-res; de Pascoal Moreira, com o seu campo entrincheirado de Boitetú; de Matias Cardoso, no "comando único" das tropas do nordeste. No século XVIII, quando se trata da defesa do Rio Grande, na luta contra os es-panhóis, conta-se que os paulistas se ofereceram em grande número, para o combate. A vestimenta do ban-deirante, o gibão de algodão, o cal-ção de couro, o mosquetão e a es-copeta, são substituídos, então, pela farda e por outras armas, ainda tôs-cas. Pobres, é certo, calçados com couro de veado, ou vestidos de baê-ta, como os famosos "caneludos", mas — que importa? — não faltam êles ao seu dever militar. Com cento e trinta mil almas, às véspe-ras do século XIX, Piratininga era um quartel cheio de corpos arma-dos. Aí estão os aventureiros reais, os sertanejos, os uteis, os "houssards", os dragões, os fuzileiros, os caçadores.

A hitória de Piratininga desmen-te, pois, desde o seu primeiro instan-te, a prevenção do paulista contra

a farda. Ao contrário, ninguém mais civil na construção do trabalho; nin-guem mais militar à hora de substi-tuir a ferramenta pelas armas.

Nesse quadro admirável, vê-se bem que a nossa gloriosa Fôrça Pública tem a sua explicação natural e ló-gica.

Ela surge de uma constante histó-rica.

O paulista ama o trabalho mas quer a ordem, sem a qual o trabalho não frutifica. E para garantia da ordem, para atender a um imperati-vo do seus sistemas de vida, que mais bela criada do que a desta tradicion-al Fôrça Pública?

Tradicional, digo bem.

A primeira providência para a sua organização — todos o sabem — já vem de ha mais de um século. A 15 de dezembro de 1831 é que o brigadeiro Tobias, presidente da en-tão Província, reúne o Conselho, que era constituído por José Manuel de França, Francisco Almeida Ferreira do Amaral, José Mateus de Abreu, José Pedro Galvão de Moura Lacer-da e o secretário geral do Govêrno, Joaquim Floriano de Toledo, avô paterno de Pedro de Toledo, o imor-tal governador de S. Paulo em 32. Nessa reunião, cuja data hoje se co-memora, o presidente exhibe a carta de lei de 10 de outubro e o respecti-vo decreto de 22 do mesmo mês e ano, pelo qual o Govêrno era auto-rizado a criar o Corpo de Guardas Municipais, formado de voluntários e dividido em praças de infantaria e cavalaria. Mas o progresso de São Paulo é rápido e já em 1834 se am-pliava a iniciativa com a criação da

Guarda Policial, que viveu até 1866, quando é ampliada para o serviço do interior da Província. É Américo Brasiliense quem, afinal, em 1891, reorganiza a corporação com o nome de Fôrça Militar de Polícia. Campos Sales completa o empreendimento, em 1896, com a instituição da brigada policial, da Guarda civil da Capital e da Guarda civil do Interior do Estado.

A sua história vem, pois, de muito longe, no tempo; e, se é local pela sua função de polícia, é nacional pela amplitude de sua atuação, nas lutas em que tomou parte, sempre ao lado do povo e da pátria. Assim foi por ocasião da revolta da armada, em 93, a sua ação no litoral, nas divisas do Paraná; e no combate junto às barrancas do rio Pelotas, em 94. Assim foi em Canudos, em 97, na luta contra os cangaceiros, como fôrça auxiliar do nosso Exército. Assim mais tarde, em 1924, em 1926, em 1930. Em qualquer destas efemérides, a Fôrça Pública de S. Paulo, já então como fôrça auxiliar do glorioso Exército brasileiro, soube ser digna da sua legenda bandeirante, pela sua bravura, fidelidade às instituições, obediência às autoridades contituídas.

E mesmo em 32, que fez a Fôrça Pública paulista senão confraternizar com o povo — do qual é filha — e formar ao lado dos que pediam a ordem, na revolução constitucionalista?

Uma revolução que pedia a lei, uma revolução em favor da Constituição brasileira, só podia ter a significação do amor à ordem, às instituições, ao Brasil unido e eterno.

Não se tratava, pois, de um grito belicoso do nosso estadualismo, mas de um movimento nitidamente nacional, pois o destino nacional dos paulistas não é uma figura, uma imagem, uma flôr de retórica, e sim uma afirmação do próprio sentido paulista da vida, que nunca foi, nem será outro, senão o de “trabalhar, dia e noite, pela grandeza do Brasil”.

Meus camaradas:

A Fôrça Pública tem um passado luminoso e um grande papel a cumprir, na hora presente.

Nunca atravessamos um momento de tanta inquietação, em que fosse tão necessário o sentimento de pátria e de disciplina em vossos corações!

O Brasil precisa de todos os seus filhos, para vencer as forças do mal, que constituem a anti-nação; isto é, para manter a sua unidade, a sua grandeza, os ideais cristãos e democráticos que informam a sua história, contra a ameaça sinistra das ideologias exóticas e sanguinárias.

Sob a farda que vestís, não há sòmente um compromisso de honra para com a disciplina militar; há um coração de brasileiro, pulsando pela grande pátria que S. Paulo mesmo ajudou a formar, com o seu sangue, com o seu trabalho e com o seu heroísmo.

Oferecendo-vos esta bandeira — que é o símbolo sacrossanto desse amor à pátria — eu vos concito, com emoção, a um juramento verdadeiramente paulista: todos pelo Brasil, fieis ao destino histórico de Piratininga!”

Sobre a fundação da Caixa Beneficente da Fôrça Pública

Cultivemos a verdade em todos os atos da nossa vida, para que se faça "justiça escoreita". —

Já desfilaram sôbre o tablado do tempo, cento e treze anos da fundação da Fôrça Pública, sem que se tenha ainda escrito sua história.

Apenas ligeiras narrações foram feitas na poliantéia comemorativa do primeiro centenário da milícia bandeirante.



General José Feliciano Lobo Viana

Nossa memória é perecível e falha em sua compreensão.

Os fatos pouco a pouco vão sendo contados de modo diferente, alterando a verdade histórica.

Ten. Cel. Manoel Marinho Sobrinho.

A Caixa Beneficente da Fôrça Pública, uma das mais perfeitas organizações de seu gênero, em nosso país, apesar de ter apenas 42 anos de existência, já ha quem ignore quem concebeu a idéia altruística de sua fundação, atribuindo-a à figura épica do saudoso tenente-coronel Pedro Arbues Rodrigues Xavier.

Houve, certamente, um lamentável equívoco.

A iniciativa da fundação da Caixa Beneficente pertence de direito ao venerável general José Feliciano Lobo Viana, quando investido do Comando do Corpo de Bombeiros, sendo, então, capitão do nosso glorioso Exército comissionado no posto de tenente-coronel da Fôrça Pública. Em seu officio n.º 378, de 1.º de Setembro de 1894, reiterando o de n.º 223, de 9 de Julho daquele ano, êste bemeifeitor, em brilhante e comovedora exposição de motivos dirigida ao Comandante Geral, rogou-lhe, encarecidamente, que intercedesse junto ao govêrno do Estado no sentido de ser criada uma Caixa Beneficente destinada a amparar as famílias dos nossos camaradas, por ocasião do falecimento de seus chefes.

E não se limitou, o generoso comandante Lobo Viana, a solicitar, em verdadeira súplica, a criação de uma "Caixa de Socorro", tal o nome que lhe deu, mas, para ajudar ao Govêrno e aos legisladores, nessa tarefa, enviou junto ao seu referido officio um ante-projeto de lei e regulamento para que fosse, sem mais demora, tomada aquela medida,

sem ônus para o Estado, a qual reputava de elevado alcance social e cristão.

O continuador de tão alviçareira iniciativa foi o bondoso e bravo tenente coronel Francisco Alves do Nascimento Pinto, então comandante do 3.º Batalhão, Alma profundamente generosa que era, chamou a si o dever de irrigar a terra semeada, para que a boa semente germinasse. Espírito saturado pelos embates da grande guerra do Paraguai, onde combateu cerca de um lustro, dali voltou no posto de coronel honorário do Exército, trazendo uma fé de officio brilhantíssima e o coração sempre propenso ao amparo dos desvalidos. Foi um excelente comandante. Seus subordinados lhe dedicavam carinhosa afeição. Faleceu no posto de general honorário do Exército, glorificado pela veneração de seus camaradas e dos seus admiradores do vasto círculo de suas relações.

Outros seguiram-lhe com a palavra, até que a iniciativa do nobre general Lobo Viana, atualmente residente no Rio de

de Janeiro, em bem avançada idade, foi convertida em lei, n.º 958, de 28 de Setembro de 1905, na presidência do egrégio estadista Jorge Tibiriçá, de respeitável memória, a quem São Paulo e o Brasil devem assinalados serviços.

O bravo Comandante Pedro Arbues, tendo exercido o cargo de chefe da Casa Militar do Snr. Dr. Jorge Tibiriçá, é possível que tenha colaborado junto ao presidente e o próprio poder legislativo, para que fosse abreviada a aprovação do projeto de fundação da nossa benemérita Caixa Beneficente.

Na conferência que escrevemos, para comemorar o 31.º aniversário da Caixa Beneficente — a qual foi imprimida em folhetos — encontram-se referências e abundante documentação que comprovam nossas asserções.

Cultivemos o amor à verdade em todos os dias de nossa existência, para que se faça justiça integral, ao menos na voz da história.

FABRICA MAKERLI

CALÇADOS MAKERLI SUPREMO

MANOEL KHERLAKIAM S/A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CALÇADOS

FORNECEDOR DA FÔRÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

RUA ANHANGABAÚ, 778

Telefone, 2 - 1226

SÃO PAULO

ALGUNS CENTAVOS DE POLÍCIA

2.º Ten. Teodoro Nicolau Salgado

“En peu de temps une forte police transforme un peuple et lui inculque le sens de la discipline nécessaire aux grandes nations”.

CHARDON

Certo dia, manuseando algumas obras sobre assuntos policiais, encontrei em uma delas um trecho interessante que me despertou atenção, pois que se referia de um modo sintético à importância da Polícia em uma nação.

O trecho assim dizia: — “Uma das finalidades primordiais do Estado é garantir a segurança coletiva da nação contra qualquer agressão estrangeira».

As organizações militares visam manter a integridade da nação.

Contudo, esta defesa nacional não poderia ser satisfatoriamente feita se o governo não mantivesse a ordem interna e não tivesse uma organização policial e judiciária para prevenir e reprimir os atos anti-sociais, anti-morais e anti-jurídicos; não dispuzesse, enfim, de um serviço de segurança interna, de uma polícia capaz de manter a ordem pública e de tornar uma realidade a vontade do Estado, para o bem comum».

Que cousa extraordinária é a polícia para uma nação, cujo povo saiba compreendê-la.

Infelizmente há, entre o público brasileiro, uma falsa concepção quanto à importância e finalidade da polícia em uma Nação como a nossa.

Essa falsa concepção é fruto das múltiplas intervenções de nossas polícias, principalmente as uniformizadas, em movimentos políticos e revolucionários, muitas vezes de finalidades excusas e desmanteladoras da ordem social, política e economica do País.

Presentemente as organizações policiais fardadas, de quasi todos Estados do Brasil, sofrem os reflexos de atos que praticaram irrefletidamente e procuram, agora, reorganizar-se, reintegrando-se de fato na sua verdadeira missão, que é a de policiamento em todos os seus aspectos, junto à sociedade.

O saudoso Dr. Afranio Peixoto, um dos mestres da medicina legal no Brasil, e escritor de escól, discorrendo sobre polícia em uma de suas obras (Medicina-Legal - 2.º Vol. pg. 91), observa: - «As distinções entre polícia civil e militar, comuns no Brasil, são indígenas. A polícia civil é que é polícia de toda parte. A polícia militar daqui, constituída por brigada, alguns batalhões, armados como os do Exército, foi criada para se contrapor a êste, quando o governo nele não confia, ou para lhe dar achego aos oficiais, nas épocas de tranquilidade. Nos Estados da

federação ha corpos militarizados para defeza contra incursões das tropas da União, propensas a intervenções armadas por discordâncias políticas».

È preciso que concepções como estas desapareçam do Brasil, pois, vai longe o tempo em que algumas polícias-militares dispunham de meios materiais suficientes para arquitetarem e apoiarem revoluções ou movimentos armados, estabelecendo lutas fratricidas dentro do território nacional.

Os tempos atuais são outros, os espíritos de brasilidade e de unidade nacional despertaram em nosso povo e, felizmente, o Exército Brasileiro, nêste após-guerra, tornou-se mais forte e coeso, estando por conseguinte vigilante e pronto, afim de defender e garantir, se preciso, a segurança e a ordem interna do País, se por ventura aparecerem novamente em nossos cenários políticos, como já têm aparecido em várias épocas, caudilhos e aventureiros, apoiados por armas empunhadas infelizmente por algumas polícias-militares estaduais.

O emprêgo de polícias militares em movimentos de carater político, não é mal exclusivamente brasileiro, foram e são comuns em paizes novos e em franca evolução política, social e econômica.

Exemplificando o que dissemos, vejamos o que diz certo trecho de um artigo publicado nos Arquivos da Polícia Civil de São Paulo, no ano de 1941, intitulado "O papel do Gabinete Federal de Investigações na vida dos Estados Unidos" — «A muitos ouvidos talvez não

tenha soado bem a frase do primeiro presidente Roosevelt por haver dito, alhures, que à AMÉRICA SO' PRECISAVA DE POLÍCIA. Bem interpretada esta frase, equivalia a dizer que a América precisava de ordem interna, de disciplina, necessitava de paz, necessitava de se libertar de "maiorcas", "revolutions", "pronunciamentos», nas Américas Central e do Sul; da criminalidade caudillesca, brutal, atávica. Posteriormente, o seu próprio paiz teve que se curvar à rudeza de sua frase «A América só precisa de polícia», eis que foi obrigada a imprimir novas diretrizes à sua organização policial, teve que dar maior amplitude de ação ao atual Gabinete Federal de Investigações, porque sentiu a necessidade de prevenir e reprimir os múltiplos e complexos aspectos da criminalidade norte-americana, desde a criminalidade evolutiva, favorecida por intelectuais e maus políticos que punham os seus recursos ao serviço do crime, estimulando, protegendo e instigando a criminalidade sob suas variadas formas".

Chegou para os nossas polícias militares o momento de se reorganizarem dentro dos princípios modernos, afim de que assistam com maior eficiência às necessidades policiais de nosso povo, procurando assim imitar as grandes polícias mundiais, como as de Londres, New-York, Paris, Canadá, Buenos-Aires, Chile, etc..

Urge que as polícias militares se empreguem a fundo em sua missão precípua que é a de policiamento em todos os setores das ati-

vidades humanas, apesar de serem reservas do Exército Nacional.

O que é evidente de fato, e não podemos contestar, é a grande influência que tem a polícia sobre os elementos componentes da sociedade, bem como o seu valor na formação das forças vivas da nação.

Ramon Cortes Conde, comissário de polícia da cidade de Buenos Aires, no ano de 1941, em seu trabalho intitulado "Ética Policial", assim se exprime: — "La Policía, en su doble faz, preventiva y repressiva, ejerce una misión importantísima. Puede, por las circunstancias de su contacto diario con la población, influir poderosamente sobre la sensibilidad popu-

lar, desvaneciendo prejuicios arraigados y actuando como factor decisivo en el mejoramiento y la dignificación de las personas, puede, en condiciones inigualables, contribuir a la formación de los hábitos y costumbres morales, practicando una acción serena y tranquila, pero constante y eficaz...".

Presentemente atravessam, as polícias militares do Brasil, uma fase de transição, motivo pelo qual devem orientar seus esforços num só sentido, que é o de bem servir ao povo, não se esquecendo que hoje, mais do que ontem, precisamos ter em mente a célebre frase: "A América só precisa de Polícia", afim de que possa prosseguir trabalhando em páz, pela páz do mundo.

TECIDOS, VESTUARIOS E
ARMARINHO POR ATACADO

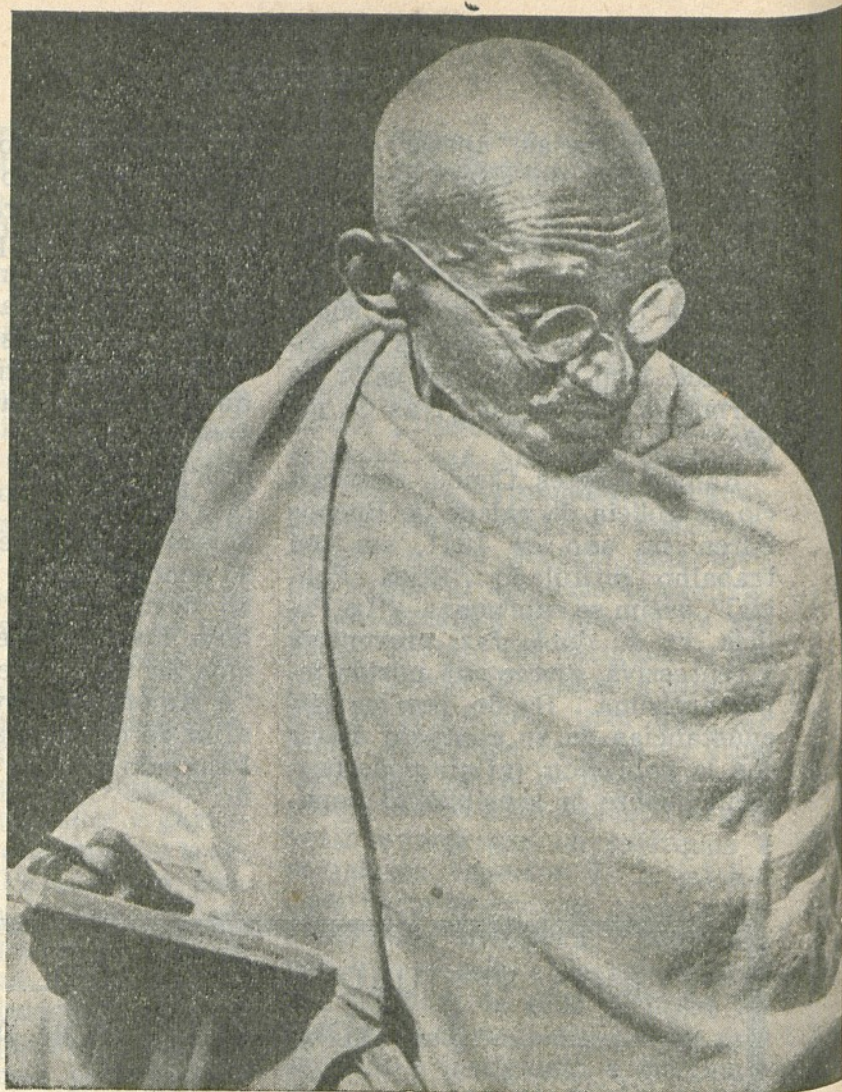
COMPANHIA DE TECIDOS ANTINORI

R. Florencio de Abreu, 328
Telefones: 2-5633 e 3-7886

São Paulo

End. Teleg. "Antinori"
Caixa Postal, 1087

Um
homem
que
digni-
ficou
a
huma-
nidade



MOHANDAS KARAMCHAND GANDHI, Mahatama.
Apóstolo da morte paradoxal

Nascido em 2 de Outubro de 1869, em Parbander, na Índia, formou-se em direito na capital inglesa, logrando êxito na advocacia na África do Sul.

Abandonou a profissão em 1908, e em 1915, já de volta à Pátria, uniu-se a C.R.Das no movimento que visava a independência nacional dos indianos.

Dez anos depois era o líder incontestado dessa reação contra o domínio britânico, luta que se caracterizou pela "não violência". —

Na vitória, recente, declarou-se todavia um vencido, reconhecendo, melancolicamente:

"Já se foi o tempo em que as massas indianas seguiam tudo quanto eu dizia. Agora a minha voz é a voz de um solitário".

Afinal tombou, pela violência, às mãos de um compatriota, ao qual, todavia, numa suprema consagração a seus princípios, teve forças para desculpar, enquanto morria.—

Mani, a neta do Mahatama

NÚBIO

A notícia espalhou-se célere, aos quatro ventos.

Manipuladores telegráficos morsearam para o mundo a grande tragédia: morreu Mohandas Karamchand Gandhi, o Mahatama.

Houve um colapso universal, à brutalidade do golpe; as águas sagradas do Jumna e do Ganges se imobilizaram, assombradas; e quando a Terra começou de novo a girar no seu eixo, após o minuto doloroso da tarde indiana, a reação se manifestou no pranto de toda a humanidade.

Mani, a donzela de bronze, não chorou.

— O “Dapi” acabou, anunciou ela com firmeza na voz, depois que o Mahatama expirou, com a cabeça repousada no seu regaço.

Filhos, netos, membros do seu “achram”, ministros e discípulos não continham as lagrimas.

Mani, estoica, recitava versículos do Bhagavth Gita, ninando, numa carícia inconsciente, o Grande Adormecido.

As suas dezeseis primaveras, transcorridas à sombra da filosofia de Gandhi, eram cheias de sabedoria, de resignação e fé.

Para Mani, a morte não roubára ao avô os atributos de Mahatama; êle transporia ainda os espaços siderais, e, pelo mistério do desdobramento, viria falar-lhe, no mesmo corpo cremado às margens do Jumna.

Receberia dele, ainda, as lições da não violência e do supremo perdão; ela seria sempre a discipula dileta do autor do Hind Svaradj, o homem que, mão direita à testa, perdoou logo ao primeiro tiro o crime do seu matador.

O “Hey Ram! Hey Ram!” do Mahatama não a abrangia.

Para ela não era um adeus, como aos demais; Gandhi voltaria sempre do Nirvana, ao seu mais simples chamado, e juntando as mãos e aconchegando-as ao rosto, a abençoaria carinhosamente.

Foi por isso que Mani não chorou.

SERRALHERIA AMERICA

FABRICA DE PORTAS DE CHAPAS DE AÇO ONDULADAS

Especialidade em trabalhos
artísticos - Lustres - Grades
Portões, etc.

Executa-se qualquer trabalho em
ferro batido - Solda autogênica e
solda elétrica - Preços módicos

AURICHI & FACCHINATO

Trabalha-se tanto para a Capital como para o Interior

Rua Javahés, 184 (Fundos) - Tel. 5-4715 - S. PAULO

Reflexões sôbre a visita do General Tassigny

Cap. Arrisson de Souza Ferraz

Ao general Delattre De Tassigny, herói autêntico de duas conflagrações, expoente de primeira grandeza de um exército que deu à humanidade e aos fastos militares, figuras como Bonaparte, Condé, Turone, Jomine, Nei, Junot, Foch, Jofre e Castelneau, tributou o Brasil as mais carinhosas homenagens, por ocasião de recente visita à nossa terra.

As honrarias dispensadas ao illustre cabo de guerra gaulez superaram, em muito, as formalidades protocolares. A nossa terra, em verdade, está muito ligada à nação latina e, de maneira toda especial, ao seu glorioso exército, ao lado do qual se bateu nas duas maiores hecatombes que a história registra. Por outro lado, está ainda na memória dos brasileiros a poderosa contribuição do exército francês às forças armadas do Brasil, através das missões instrutoras que aqui vieram, a partir de 1922, dirigidas por figuras da estatura mental e moral de Gamelin, Noel, Lavallade e outros. Lá mesmo na França continental, na fascinante e encantadora Paris, oficiais brasileiros foram beber ensinamentos, através de preciosos estudos em Saint-Cir, Saumur e Joinville-Le-Pont.

Tassigny aportou primeiro à capital da República e de lá veio a São Paulo de Piratininga. Aqui, do programa de recepção, constou uma visita ao quartel general da

Fôrça Pública, onde o eminente chefe militar foi recebido pelo nosso Comandante Geral e pelos Comandantes das Unidades sediadas na Capital.

A presença do grande capitão gaulêz, no quartel da Fôrça Pública, tinha para nós uma significação muito maior que um gesto de cortesia usual, muito além de uma prova de consideração para com a Milícia de um Estado da Federação Brasileira. Tassigny nos trouxe momentos felizes de evocação de um passado fulgurante, do período áureo da nossa história que tem o seu marco basilar no início da obra da Missão Militar Francesa, nos primeiros anos deste século.

Quando chegou a São Paulo, em Março de 1906, a missão instrutora da Fôrça Pública, contratada por aquele bandeirante de saudosa memória, Jorge de Tibiriçá, ainda nos achavamos engalanados por vibrantes louros conquistados em guerras externas e comoções intestinas. Tomamos parte no esforço bélico nacional para revidar a afronta do ditador paraguaio e lutamos, nas chapadas de Mato Grosso, na «Retirada da Laguna», e nos pantanais do Chaco, em território inimigo. Em 1893, fomos ao Paraná e ali tomamos parte na odisséia do cerco da Lapa. Em 1897, atendendo aos apêlos da nação, enviamos o 1.º Batalhão de Caçadores, o Heróico Batalhão

Paulista, como o denominou o imortal Euclides da Cunha, aos ressequidos sertões baianos para ajudar a apagar o rastilho do incêndio que Conselheiro ateara e que punha em perigo as insipientes instituições republicanas. Nas quebradas do Oeste, nas xarqueadas do Paraguai, nos barrancos do Vasa-Barris ficaram bravos e heróis, atestando o valor de uma Corporação devotada à terra brasileira.

A técnica militar, porém, com que realizamos estas empreitadas homéricas estava bem longe da ciência da guerra, naquele tempo já bastante desenvolvida no Velho Mundo. Com efeito, aos primeiros clarões do século atual, franceses e germanos, êstes seguindo as teorias de Frederico e Holtke, e aqueles desenvolvendo os ensinamentos de Napoleão, disputavam o primado da arte guerreira. Gaulizes e teutônicos eram, sem favor, àquelas alturas os mestres da guerra.

Iniciando os seus trabalhos em ambiente de reserva e mesmo de certa resistência, como fruto, de um lado, do nativismo natural do brasileiro, do outro pela errônea concepção de nossa grandeza, alicerçada na doutrina do ufanismo nacional que tanto nos envaidecia, a Missão Militar Francesa conseguiu, aos poucos, superar êsses obstáculos e empreender a grande obra que marca um dos capítulos mais luminosos de nossa evolução. O meio era o mais propício possível. Livre de certos embargos, de determinados fatores adversos, comuns em situa-

ções análogas, seria, como foi, campo fértil aos grandes cometimentos.

Em pouco mais de três lustros, sem levar em conta o período da primeira Grande Guerra que chamou os instrutores franceses aos campos de batalha, na defesa da Pátria, nossa caminhada foi qualquer cousa de monumental. Surgiram os primeiros cursos de formação para os diversos postos da hierarquia, grupados, mais tarde, em Unidades-Escolas. Apareceu a Escola de Educação Física, com a denominação de Curso de Esgrima e Ginástica, estruturada por Louis Lemaître e Delfim Baliancie, mestres credenciados da famosa Joinville. Traduzida e adaptada, tivemos copiosa regulamentação, condensando, em linhas gerais, a doutrina que a França cimentara, com preciosos estudos, acuradas pesquisas, e, sobretudo, com ousadas concepções de soldados ilustres que ilustram as páginas da história. Nossos efetivos se multiplicaram. De pouco mais de quatro milhares, passamos a ter fixação tocando a casa dos 9.000 homens. Figuras ilustres da Corporação, com os horizontes alargados pelos estudos, foram ao Velho Mundo, beber novos conhecimentos. O coronel Pedro Dias de Campos estagiou em Saint-Cir, Saumur, Potsdam e nas Academias Militares da Itália. Pedro Arbues, o herói sem medo e sem jaça (*Sans per et sans repproche*), «o cavaleiro andante da Fôrça Pública», recebeu preciosas lições militares nos principais Estabelecimentos da França. O saudoso te-

mente coronel Francisco Julio Cesar Alfieri, com a técnica que assimilou em nossas fileiras, brilhou nos campos de batalha da península italiana, enquadrado no exército regular. A instrução policial foi aprimorada. No interior do Estado, os destacamentos, com efetivos iguais e até maiores que os da atualidade, mantinham a ordem com a máxima eficiência. Os endiabrados «capturas» realizavam prodígios, na cata de criminosos e amigos do alheio. E na Capital os guardas-cívicos, impecavelmente uniformizados, com bigodes luzidos e alinhados, com perneiras tipo bota comando, davam a nota. Perturbou a ordem, transgrediu a lei, lesou a sociedade, estava nas malhas da polícia. A ação da guarda-cívica era infalível como um teorema de Euclides.

E a instrução militar? Nêsse setor, nossos progressos foram admiráveis. Os desfiles, as grandes manobras e até os exercícios diários atestavam o alto grau do adestramento da Corporação. As paradas do Prado da Moóca, ainda hoje lembradas pelo povo paulista, reunindo grandes efetivos a se locomoverem como se fossem um só homem, com os movimentos precisos e medidos da infantaria, com as cargas simétricas da garrida cavalaria, com verdadeira massa «composta de artistas dos mais hábeis», vibrantes de entusiasmo e fazendo vibrar, as paradas do antigo hipódromo da rua Bresser eram uma

dessas cousas que a retina fixa uma vez para nunca mais esquecer.

O quartel da Luz, a gloriosa caserna do Batalhão de Laguna, do cêrco da Lapa e das barricadas de Canudos, era a sala de visita da Fôrça Pública. Foi alí que recebemos Clemenceau, o impiedoso destruidor dos gabinetes, o homem da célebre frase: «Vou fazer a guerra; vou vencer a guerra». Ao ver as evoluções da tropa em sua honra, o grande filho da Vendéa declarou que lhe parecia estar assistindo a demonstrações dos regimentos franceses. Também Alberto I, o heróico soberano de um povo heróico, foi recebido, naqueles tempos saudosos, na praça de guerra da avenida Tiradentes e extasiou-se com a tropa que evolucionou e desfilou em sua homenagem. Do 1.º Batalhão, dirigiu-se o monarca à Escola de Educação Física, onde presenciou caprichosa demonstração em sua honra, demonstração essa que pediu fosse repetida. Ao felicitar o comando da Escola e os executantes, teve o grande rei-soldado estas palavras: «Tenho a sensação de estar vivendo, aqui, num pedaço da França».

Inconfundível prestígio desfrutava a Fôrça Pública, nas esferas oficiais e em todas as camadas da sociedade bandeirante. Sempre que saía à rua, nos desfiles ou em simples exercícios matinais, as calçadas se apinhavam de gente, a aplaudí-la com carinhosa efusão. Palmas e aclamações soavam, de todos os lados, em todo o trajeto.

A história dêsse período esplendoroso não pode ser contada como um dos motivos de uma crônica ligeira. Ela daria, por si só, volumosa obra, rica de ensinamentos, pontilhada de ascensões luminosas, bem digna da pena agil e vibrante dos intelectuais da Fôrça Pública, dos beletristas da Corporação, cujo número, para honra nossa, é bem grande. Mas pode ser vivida, em toda a sua plenitude, em toda a sua grandeza, na sucessão de alguns minutos. O pensamento, essa maravilha do espírito humano, tem o poder admirável de mergulhar nas alternâncias do passado e reviver, em passagens e meteóricos momentos, as grandes epopéias, os grandes episódios que ficaram na estrada percorrida. Pela imaginação dos chefes militares da Fôrça Pública, convocados para homenagear o general Delatre de Tassigny, todos vindos do período áureo da Missão Francesa, todos participantes da sua obra gigantesca, devem ter passado, naqueles minutos fugazes e encantadores, os quadros multicores, os panoramas fascinantes, os cenários radiosos, de um pretérito grandioso. Cabe aqui a sentença palpitante e atual da

nossa época: «Nunca se fez tanto, em tão pouco tempo, na vida da Fôrça Pública».

Não devemos tomar e visita do ilustre general gaulez, que tanto nos honrou, como motivo sentimental e evocativo. Devemos tomá-la, também, como um convite à repetição de uma etapa de trabalhos e grandes realizações, idêntica a que está sendo rememorada. A situação atual é bem diferente da situação dos primeiros anos do século. A vida nacional é diversa; outra, também, é a posição de São Paulo no concerto da Federação. Não podemos, por isso, percorrer os mesmos caminhos, perlustrar os roteiros balizados pelos mestres gaulezes e pelos seus auxiliares da própria Corporação. Mas o objetivo que deve ser buscado hoje, é o mesmo de ontem, ou seja, uma Fôrça Pública poderosa, pujante, grande no seu efetivo, maior no seu aparelhamento e na sua eficiência técnica, para o serviço de Piratininga e do Brasil. Convém tentar essa arrancada gigantesca, bem digna dos descendentes dos bandeirantes, dos herdeiros que somos dos legendários gigantes de botas de sete léguas.

ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA

DO

Dr. João Francisco da Cruz

Advocacia em geral e especialmente em assuntos militares.

EXPEDIENTE: DAS 13 ÀS 17 HORAS

Praça da Sé, 87, 1.º — Sala 2 — Fone 2-7994 — S. PAULO

UMA SUGESTÃO PRÁTICA

A criação do Colégio Estadual "Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar"

Cap. Francisco Vieira Fonseca

Fazendo destas colunas a nossa pequena tribuna, vimos apresentar à consideração dos senhores deputados da Assembléa Legislativa do Estado, e, especialmente, ao camarada cap. dr. José Artur da Mota Bicudo, nosso representante naquela Casa — uma sugestão prática para apresentação, discussão e aprovação de uma lei, visando crear o Colégio Estadual, "Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar".

A justificação e artigos do projeto em apreço, dispensam quaisquer comentários em tôrno da justiça que se fará, às famílias dos milicianos e funcionários civis do Estado, que forem sacrificados em serviço público.

As entidades de classe, cujos elementos serão beneficiados com a execução da medida proposta, e, especialmente, ao Clube Militar da Fôrça Pública, solicitamos ventilar o assunto através de debates em suas sedes, enviando-nos as suas sugestões aditivas ou substitutivas, no sentido de aprimoramento do projeto. E aos senhores deputados solicitamos seu interesse por êle, já que tanto têm demonstrado em prol do amparo às famílias dos servidores públicos e à causa educacional em nossa terra.

Ei-lo:

Projeto de lei n.º de de 1948.

Considerando que:

a) - cabe ao Estado a difusão do ensino secundário e a proteção aos filhos dos servidores que contribuem para

a segurança pública, sob a qual se realiza o progresso da coletividade;

- b) - é necessário oferecer aos filhos dos que servem à Fôrça Pública, à Guarda Civil e à Guarda Noturna, ensino secundário suficiente para habilitação ao concurso de ingresso às escolas formadoras de quadros dirigentes dessas corporações, bem como garantir o mesmo ensino aos filhos dos que forem sacrificados em serviço público;
- c) - para consecução desses fins, torna-se necessário um educandário próprio, com organização especial;
- d) - através de mais de cem anos de existência, a Fôrça Pública do Estado de São Paulo tem prestado assinalados serviços à coletividade paulista, ressaltando desta forma o nome de seu fundador, brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar;
- e) - com a instalação de uma secção de internato remunerado, em condições idênticas a institutos particulares, destinado a jovens de outras famílias, poder-se-á conduzi-la a um regime autárquico.

A Assembléa Legislativa do Estado decreta:

Art. 1.º) - Fica criado nesta Capital, para funcionamento no próximo exercício de 1949, um Colégio Estadual destinado:

- a) - garantir educação secundária gratuita a filhos dos servidores da segurança pública e a filhos de quais-

quer funcionários públicos, cujos pais tenham sido sacrificados em serviço;

- b) - oferecer educação secundária, em regime de internato, sob preços módicos, a filhos dos servidores da Segurança Pública e funcionários públicos, estabelecendo mensalidades para desconto em folha de pagamento;
- c) - manter uma secção de internato destinada a jovens de outros grupos sociais, de maneira a, como fonte de renda, contrabalançar as despesas oriundas com o dispositivo da letra "a".

Art. 2.º) - O educandário creado pelo art. 1.º recebe a denominação de Colégio Estadual "Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar", em homenagem ao fundador da Fôrça Pública do Estado.

Art. 3.º) - O Colégio Estadual "Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar" terá regulamento próprio, em cuja organização serão observadas as disposições da legislação federal referentes ao ensino secundário.

Art. 4.º) - A Secretaria da Educação entrará em entendimentos com a Secretaria da Segurança Pública, a fim de, em conjunto, estudarem o plano para a construção do prédio destinado a abrigar o estabelecimento ora creado, nomeando, para isso, uma comissão incumbida dessas providências.

Art. 5.º) - Para a nomeação do pessoal da administração ou do ensino, serão aproveitados, de preferência, elementos da ativa, da reserva ou reformados da Fôrça Pública, com funções gratificadas.

§ 1.º) - Para a nomeação do pessoal acima citado, serão preferidos nas funções de diretor, vice-diretor ou de professor:

- a) - os que forem portadores de diploma de engenheiro ou de licenciado em Filosofia, Ciências e Letras, expedidos por escolas oficiais ou reconhecidas, distribuindo-se as matérias em que se especializaram os candidatos;
- b) - em caso de inexistência de candidatos conforme a letra anterior, os que forem portadores de qualquer diploma de curso superior expedido por escola oficial ou reconhecida, desde que sua especialização se coadune com a matéria escolhida.

§ 2.º) - Caso não haja candidatos habilitados para todas essas funções, dentre os elementos da Fôrça Pública, poderão ser admitidos:

- a) - oficiais da reserva ou reformados das Fôrças Armadas Nacionais, portadores de títulos especificados nas letras "a" e "b" do parágrafo 1.º;
- b) - civis, diplomados por Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, os quais serão comissionados no posto de 2.º tenente.

Art. 6.º) - As despesas com o funcionamento do educandário creado por esta lei, correrão por verbas orçamentárias próprias, ficando, em sua falta, o Poder Executivo autorizado a abrir os créditos necessários".

E' esta, pois, a nossa primeira colaboração para "MILITIA". Aguardamos da parte de nossos camaradas o seu grande interesse pelo projeto em apêço, trazendo-nos a sua contribuição valiosa para torná-lo realidade.

ESTABILIDADE

- Mas seu capitão, o Snr. tem uma situação estavel!
- Tão estavel que sou capitão ha mais de quinze anos.

NATAL DO "BOMBEIRINHO"

A 28 de dezembro passado realizou-se no Quartel Central do Corpo de Bombeiros, à rua Anita Garibaldi, o Natal do "Bombeirinho", com farta distribuição de utilidades e brinquedos à criançada presente, bem como de guloseimas, guaraná, refrescos, etc..

O Comércio e a Indústria da Cidade con-

tribuíram generosamente para o êxito da festa. A Rádio Record, através de artistas de seu "cas." e do locutor Sr. Murilo Antunes Alves concorreu para o brilho de que se revestiu essa solenidade comemorativa da data máxima da Cristandade.

Os instantâneos abaixo fixam aspectos a.í tomados por nossa reportagem.



Papai Noel, entre a petizada, distribuindo guloseimas. Como "guarda de honra", dois guerreiros: um índio e outro romano.



O popular Genésio Arruda e outros artistas da Rádio Record abrilhantaram a festa. No foto vemos o major Esdras, Sub-Cmt. do C.B., ao lado de Genésio, distribuindo brinquedos à petizada.



Padronização das Polícias Militares

As Polícias Militares do Brasil contam com mais de cem anos de existência e constituem uma classe enorme e necessária; porém, composta de instituições desagregadas e heterogêneas, — fatores que não favorecem a evolução geral das mesmas, por dificultarem a generalização de organização, de técnica fundamental, de emprego de material adequado e de prerogativas e garantias.

A mesma razão que induziu os homens do século passado a transformarem os Córpos de Guardas Municipais nas Polícias Militares Estaduais, ante a necessidade de uma unificação policial dentro do Estado, conduzirá os homens de hoje a não encontrarem justificativas plausíveis para a sobrevivência das mesmas, sem uma adaptação lógica à realidade nacional, para o necessário desempenho cabal e eficiente de sua missão precípua.

Na objetivação deste propósito, houve por bem a Brigada Gaucha pleitear a emenda constitucional que visou a federalização das Polícias Militares. O Cel. Rocha Brochado, do Exército, defendeu, como deputado federal, a emenda, acrescentando que “a federalização das Polícias Militares é um imperativo da consciência nacional, reforça a unidade Pátria; é, pois, medida de alto patriotismo”.

As Polícias Militares, sem o espírito da época, o espírito de confederação, de apêgo a uma jurisprudência generalizada, necessitarão de uma

alma de espartano para não sucumbirem, como instituições anacrônicas, aos embates da era moderna. Elas estão a necessitar de um Comando Único, — de um Órgão Central —, de onde emanen as diretrizes gerais que nortearão a sua existência. Os setenta mil brasileiros que integram as Polícias Militares, só poderão servir cabalmente à causa pública, desenvolvendo uma ação eficiente e necessária de segurança interna e de ordem pública, sob a jurisdição de um Órgão Central. Seus sentimentos construtores, seu devotamento à causa pública, suas necessidades e possibilidades ainda não puderam ser apreciados devidamente, em razão da falta de Comando Único, de onde emanaria a orientação geral, objetivando o emprêgo eficiente dos quadros, com material adequado, e a formação de oficiais e de graduados habilitados em polícia preventiva, técnica e perícia policiais, legislação policial-militar e na arte militar.

Sob a jurisdição do Órgão Central, as Polícias Militares teriam por alicerces as características, as prerrogativas, as garantias e as condições morais, que inspiram confiança ao Povo e ao Governo a que servem.

Face ao panorama nacional as Polícias Militares aparentam estar à margem dos acontecimentos; porém, a “velha guarda”, apoiada por uma mocidade idealista e atilada, está convencida da possibilidade de melhores dias, consciente de que o que se

faz necessário é somente a adaptação, a transformação, que as fará transpor os limites estreitos da jurisdição estadual e da ação rotineira a que estão chumbadas, para conquistarem a organização e as garantias asseguradas pelo Poder Federal, na qualidade de Corporações padronizadas, sujeitas a um Órgão Central, desempenhando, com uniformidade de ação e com eficiência, em todos os Estados do País a sua missão essencial de manutenção da segurança e da ordem pública, na condição de forças auxiliares do Exército Nacional.

Sem esta adaptação ou evolução imperiosa, os nossos legisladores, à procura de solução para o problema de segurança da ordem pública e das instituições municipais, acabarão subdividindo as Polícias Estaduais em Polícias Municipais. Será a volta ao regime do passado, o retrocesso. A Polícia Municipal, além de acarretar encargos onerosos para o

município, não poderá corresponder satisfatoriamente ao fim a que se destina. Será uma organização local, manobrável pela facção política dominante no município e, portanto, uma polícia de prepostos ou coagidos, sem a independência funcional e moral e a imparcialidade de ação necessária para a garantia da ordem pública e das instituições.

Para o ideal tomar corpo e se concretizar é necessário a ação. Os pinguins mantêm atitude de desprendimento, de ousadia, sempre apurados, com as cabeças levantadas para o alto; mas não levantam o vôo. Aparentam que vão alçar o vôo, mas morrem palmilhando o gelo que os viu nascer.

(Este artigo provém de compilações de trechos de trabalhos do Cel. Cantídio Q. Régis, da Polícia Militar de Santa Catarina, sobre o assunto, feitas pelo Ten. Olivio F. Marcondes.

Fernando Meyer

FORNECEDOR DE TODAS AS UNIDADES DA FORÇA PÚBLICA
DO ESTADO DE SÃO PAULO

Rua Líbero Badaró n.º 73 — 3.º Andar — Sala 14
Telefone 3-6421 — São Paulo

SECÇÃO DE PAPELARIA

Artigos para escritório, livros em branco, impressos em geral, encadernação, artigos escolares, etc.

SECÇÃO DE LIMPEZA E HIGIENE

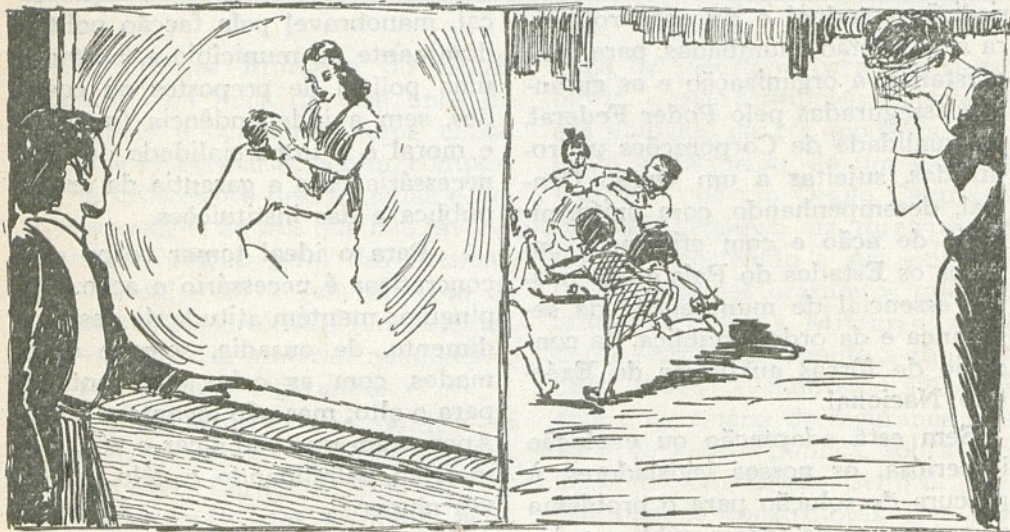
Vassouras e escovas de pêlo, raiz, e piassava, espanadores, cestos, rôdos, palha de aço, cêra, lustról, óleo para máquinas e estopa, almofaças para animais, saponáceos, etc.

SECÇÃO DE FERRAGENS

— Pregos, parafusos, fechaduras e ferragens em geral —

SAUDADE

MAJOR NAUL AZEVEDO



Um homem fica horas inteiras, debruçado à janela de sua casa, revivendo o passado. Só, sentindo um vácuo imenso na vida, estranho aos rumores da rua barulhenta, evoca as mais pequeninas passagens de sua felicidade: Vê a espôsa, que perdera, afagar-lhe a fronte escaldada de sonhos, numa carícia dulcíssima... Sente-a, ama-a, sorri-lhe... E' a Saudade!

* *

Uma mulher perdeu tudo quanto seria capaz de a fazer feliz no mundo: seu filhinho. Vê passar, numa alegria ingenua e descuidada, um bando de crianças de rostos rosados e olhares risonhos. Comprime-se-lhe o peito num soluço eterno e molham-se seus olhos na sangria branca... E' a Saudade!

* *

Esta é a Saudade que dói...

* *

Hoje, aquebrado e decadente, este velho, outrora, fez palpitar muito coração de mulher bonita. Volúvel, sempre se desfez de uma paixão para começar outra. Para o galante conquistador o amôr estava

no desejo de possuir, como a criança que chora para colher uma flôr, esquecendo-a logo após. "A conquista era tudo. A posse um quasi nada".

* * *

Num banco solitário do jardim, medita, vendo voitar pares felizes de namorados e reconstrôe os belos tempos de rapaz.

* * *

Sente uma alegria enorme em enirecer-lhe as cãs... É a Saudade !

* * *

Eu, cansado dos tropeços de uma vida cheia de trabalhos, vejo passarem-se as festas do fim e de começo de ano: Natal e Ano Bom... Reis... Meu sapatinho, ao sereno, cheio de balas e brinquedos... Minha árvore de Natal... Meu presepi, faiscante de luminarias e quinquilharias, para mim, gemas preciosas... Os foliões tirando reis...

* * *

A espera ansiosa do Ano-Bom, das badaladas sonóras dos sinos de minha terra... A minha meninice... E' a Saudade !

* * *

... Mas há a saudade que embala.



DISCURSO pronunciado pelo 1.º Tenente ADAUTO FERNANDES DE ANDRADE, da Força Pública de São Paulo, em Florianópolis, no Quartel da Polícia Militar, por ocasião da festa de encerramento do curso de esgrima e ginástica militarizada para oficiais, praças e civis, do qual foi encarregado, naquela Corporação.

Exmo. Sr. Dr. Aderbal Ramos da Silva, D. D. Governador do Estado de Sta. Catarina;

D. D. autoridades civis, militares e eclesiásticas;

Meus senhores,

Senhoras,

Camaradas !



Nesta fotografia aparecem os: Dr. Aderbal Ramos da Silva, governador de Santa Catarina; Cel. Cantídio Regis, Cmt. da Polícia Militar; CMG. Antão Barata, Cmt. do V Distrito Naval e Ten. Cel. Nilo Teixeira, Cmt. do 14.º

B.C.. De perfil o autor do discurso.

Mais por uma excessiva gentileza, bem característica da brilhante oficialidade desta tradicional Corporação, que mesmo pela função que atualmente nela desempenha, coube-me, neste momento, fazer a V. Excia.,

Sr. Governador, a apresentação dos elementos civis e militares que acabam de concluir um rápido treinamento de esgrima. Tarefa sobremaneira honrosa, não esconde, também, a aspereza de que se reveste,

porquanto implica em algumas considerações, baseadas, especialmente, em dados remotíssimos que se perdem por entre os milhares de anos que nos separam dos primitivos habitantes do nosso globo terrestre. A história da esgrima, como sabemos, está intimamente ligada à própria história da humanidade. Recordá-la agora, é, portanto, volvermos, ligeiramente aos primórdios da nossa civilização, e penetrarmos, de início, na comunidade do homem das cavernas, das palafitas, vivendo em constantes lutas pela sua subsistência, contra os animais bravios, a princípio, e depois mesmo pela própria sobrevivência, entre as tribus já organizadas, vagando pelas terras desconhecidas. Falar da esgrima, é penetrarmos, mais tarde, na era revolucionária dos metais, e nos determos um pouco na apreciação das inúmeras e diferentes armas que deles surgiram, e como utilizá-las. É percorrermos o Egíto lendário, a Índia misteriosa, a China pagã, a Grecia imortal de Platão, e vivermos temporariamente na temível Esparta, onde até as mães sabiam pedir aos filhos que partiam para as guerras, voltassem com o escudo ou sobre êle, pois deixá-lo com o inimigo era a maior desonra para um soldado espartano. É acompanharmos a correria louca e vitoriosa de Alexandre pela Asia, e nos determos com Anibal e seus elefantes, depois da inacreditável transposição dos Alpes, às portas da Roma antiga; da Roma dos Cesares, da Roma de Cato, o incentivador do arrasamento da Cartago heróica. É tomarmos contacto com as inúmeras escolas de gladiadores na Italia, e depois as-

sistirmos ainda, e desolados, aos seus inúmeros e sanguinolentos combates no Coliseu romano, arrancando aplausos de u'a multidão ávida de sangue e bestialidade. É participarmos do banquete que Odin, pai da mitologia escandinava, oferecia no seu palácio aéreo aos guerreiros, homens e mulheres, caídos heroicamente nos campos de batalha. É refletirmos, pesarosamente, no sangue inocente derramado por Átila, cognominado "o flagelo de Deus", à frente dos seus 600.00 bárbaros. É caminharmos pelas terras mouriscas da Espanha invadida, e nos depararmos com Saladino, mais além, enfrentando com a sua cavalaria destemida as bandeiras abençoadas de Ricardo Coração de Leão. É, pois, meditarmos surpresos junto às muralhas quasi intransponíveis da Jerusalem disputada, resistindo aos seus inúmeros cercos. Falar da esgrima, é nos deslumbrarmos ante o cavalheirismo tocante da famosa Cavalaria Medieval; vivermos no seu apogêu e acompanharmos, entristecidos, a sua decadência irremediavel, com a morte em um Torneio, em 1559, de Henrique II da França. É vivermos a fantasia das contendidas entre Capuleto e Montechios, na Italia, e o romantismo dos constantes duelos contaminando a Europa toda. É navegarmos, sem rumo certo, com os piratas audaciosos pelos mares longínquos e sem fim, ouvindo as suas aventuras e participando de suas façanhas espetaculares, como nos contos das Mil e Uma Noites". É, também, percorrermos a Alemanha de Frederico Jean; visitarmos a Suécia de Pedro Ling, e descansarmos um pouco na França de Napoleão vitorioso,

e do próprio Napoleão derrotado por Wellington, em Waterloo. É, finalmente, penetrarmos no Brasil-Colônia, e acompanharmos as lutas contra os holandeses, contra os franceses, e, as que travamos pela nossa independência. É seguirmos as picadas das inúmeras bandeiras paulistas embrenhando-se pelos sertões inhóspitos e traiçoeiros de nossa terra, até as cordilheiras andinas, à vista do Pacífico desconhecido, espraindo-se, mansamente, alheio à nossa ousadia, nas costas intermináveis do Chile. É combatermos Solano Lopes, penetrarmos em Canudos, e nos arrastarmos até mesmo às demais campanhas que por várias vezes ensanguentaram, principalmente, o solo bandeirante. É avançarmos um pouco mais, em plena era atômica, desde a surpreendente resistência polonesa, até a campanha difícilíssima mas vitoriosa nas ilhas do Pacífico. É vermos surpreendidos e ao mesmo tempo confortados, as espadas invencíveis e ameaçadoras dos samurais, quebradas violentamente pelas baionetas libertadoras dos soldados americanos.

Como vemos, a esgrima vem acompanhando "pari passu", a marcha das civilizações. Evoluiu com as suas conquistas e vem resistindo, sem desfalecimento, aos seus desequilíbrios frequentes. Dilatou fronteiras e aniquilou impérios. Derrubou dinastias milenárias e impôs diferentes formas de governo. Viveu, pois, nobre, útil e romanticamente. . . .

Mas parece-nos, à primeira vista, e é comum dizer-se mesmo que ela serviu exclusivamente à guerra. Exageraram os que assim procuram deslustrá-la e combatê-la. A esgrima, é sem dúvida, um dos esportes mais

completos, e foi sob este aspecto que ela se difundiu largamente na antiguidade e no mundo moderno. Mas a verdade, simplesmente, essa verdade belíssima que fere, que destrói, mas que também edifica, é haver de nossa parte uma certa aversão injustificável pela esgrima, talvez por ser árdua e de difícil aprendizagem, e não oferecer oportunidade aos seus praticantes de serem vivamente aplaudidos por numerosa assistência, como acontece nos esportes coletivos. Daí o indiferentismo com que ela vem sendo tratada, e notadamente pelos que, nos esportes, lamentavelmente só esse objetivo procuram. Porém, acertadamente compreendida como um exercício salutar e perfeito, foi que ela se desenvolveu também em nosso país. E neste particular, sinto-me orgulhoso em apresentar São Paulo como o centro das suas maiores atividades, e a Corporação a que pertença, a centenária Força Pública de Laguna e Canudos, como já o disseram, o alicerce bem sólido sobre o qual altiva ela se assentou, para depois erguer-se fortemente, encetando sua marcha sadia e utilitária pelos recantos mais distantes da "TERRA DE SANTA CRUZ". Foi ali, no então Quartel da Luz, hoje Primeiro Batalhão de Caçadores, que ela hasteou sua bandeira triunfante, que no seu farfalhar contínuo, fala aos jovens a linguagem dos fortes, aos soldados a linguagem dos bravos, tombados com honra em defesa da Pátria. E não é demais falarmos agora desse período aureo para o esporte nacional, pois que assim procedendo, rendemos também uma justa homenagem à terra de Garibaldi e à França de Clemenceau, de quem

recebemos os primeiros ensinamentos deste ramo de atividade física.

Foram alguns italianos radicados na Capital paulista, em 1885, e a primeira missão militar francesa junto à Fôrça Pública, em 1906, que lançaram as bases desse salutar esporte. O Clube Masaniello Parise, Giacinto Sanges, a Escola de Ginástica e Esgrima, no "Quartel da Luz", são marcos indestrutíveis da nossa benemérita e patriótica contribuição em prol do aperfeiçoamento físico do povo brasileiro. E aqui se apresentam, particularmente, como os nossos maiores apóstolos da esgrima, as figuras inconfundíveis dos tenente Parga Rodrigues e alferes Pedro Dias de Campos, hoje, respectivamente, general do Exército Nacional e Coronel da Fôrça Pública de São Paulo. E a semente tão sabiamente lançada nas terras fecundas da histórica Piratininga, germinou, cresceu e se desenvolveu assustadoramente. Hoje não se compreende mais a esgrima afastada, como antes, dos centros de cultura física do Brasil. Muito ao contrário, ela agora, como nos tempos memoráveis da Grecia antiga e da romântica Cavalaria Medieval, faz parte de nossa educação integral, e principalmente da instrução nos quartéis, onde ela se mostra indispensável, não só pelas suas asperesas para enrigecer a fibra do soldado, não só também por constituir uma tradição militar honrosa e cheia de glórias, e da qual são os militares os seus legítimos fiadores, como desporto excelente que é, flexionar e desembaraçar principalmente aqueles que, carregando uma espada, simbólica ou não, devem fazê-lo com elegância.

Assim, a famosa Polícia Militar de Santa Catarina, sob o comando inteligente do senhor Coronel Cantídio Quintino Regis, circundado pela ação entusiasta do senhor Tenente Coronel Marinho e de seus dedicados oficiais, e sempre apoiada pelo govêrno de V. Excia., sendo como de fato o é, a pioneira dos esportes neste Estado, compreendeu muito bem a necessidade de fundar, como realmente aconteceu, um curso geral de esgrima para oficiais e praças, também extensivo ao elemento civil. Sua contribuição na educação física não nos deixa nenhuma dúvida. Aqui está um estádio magnífico, recebendo diariamente elementos de todos os recantos catarinenses, para a prática higiênica dos exercícios físicos. Anualmente, a Inspeção de Educação Física, sob a direção honesta e enobrecedora do senhor Capitão Américo Silveira d'Avila, tem formado, com o auxílio incansável de vários oficiais, grande número de professores de educação física que se espalham por todo o Estado, levando aos nossos irmãos, nas cidades e nos campos, nas serras e nas praias, os ensinamentos aqui recebidos gratuitamente. E vamos mais além: a "Federação de Caça e Tiro", fundada e dirigida pelo dinamismo patriótico e inconfundível do sr. Major Lara Ribas; o "Aéro Clube de Florianópolis", sob a entusiasta orientação do sr. Major Asteroide; o "Praia Clube", organização modelar desta cidade, sob a direção criteriosa e incentivadora do sr. Capitão Mendes; o "Barriga Verde", clube essencialmente dirigido por oficiais desta Corporação, e que tem incrementado, principalmente, o esporte feminino;

o estádio iniciado em Porto-União, e um outro já concluído em Araranjá, pelo esforço sobrehumano e dignificante de dois valorosos oficiais da Polícia Militar, sr. Capitão Mario Guedes e Tenente Rui Stockler de Souza, tudo isto, Exmo. Sr. Governador, vem dizer clara e altamente do sentimento patriótico que reina dentro desta escola de civismo; que anima esta Corporação também centenária, cujos feitos através sua existência laboriosa já atravessaram fronteiras, conquistando não só a simpatia dos bons brasileiros, como a gratidão de todo o país. E a Fôrça Pública de São Paulo, que sempre se apresentou no cenário político e educacional da nação, com pequenas mas úteis iniciativas, não poderia mesmo deixar de emprestar-lhe agora a sua humilde mas sincera colaboração, em pról desta grande causa que juntas abraçaram: o desenvolvimento físico desta nossa raça em formação.

Mas estas duas Corporações já se irmanavam antes em nobres e sadios ideais, por um Brasil sempre maior. Defendendo os mesmos princípios, unidas bateram-se valentemente. Com as mesmas aspirações, ambas se extremaram em valor, coragem, trabalho honesto e em eficiência demonstrada brilhantemente, nas mais difíceis e diferentes empresas em que se empenharam. Gente assim, Exmo. Sr. Governador, só pode mesmo orgulhar êste nosso país imenso, querido e prometedor; honrar aos nossos antepassados que souberam morrer por êle, e dar a esta mocidade brasileira, uma esperança bem viva e segura de um próximo reerguimento moral e físico da nossa gente.

É o fim bastante significativo e patriótico, para o qual juntas e compreensivelmente elas trabalham.

Equitativa Terrestres, Acidentes e Transportes, S/A

Capital realizado: Cr. \$ 3.500.000,00

Produção em 1947: Cr. \$ 67.335.050,50

Matriz — Rio de Janeiro — Sucursal para o Estado de São Paulo

Praça da Sé, 158 - loja, 2.ª e 3.ª — Telefones: 3-5175/6/7

Superintendente: DR CARLOS ALBERTO LEVI

Gerentes: Snrs: José Augusto Vasconcelos e Abrahão Garfinkel

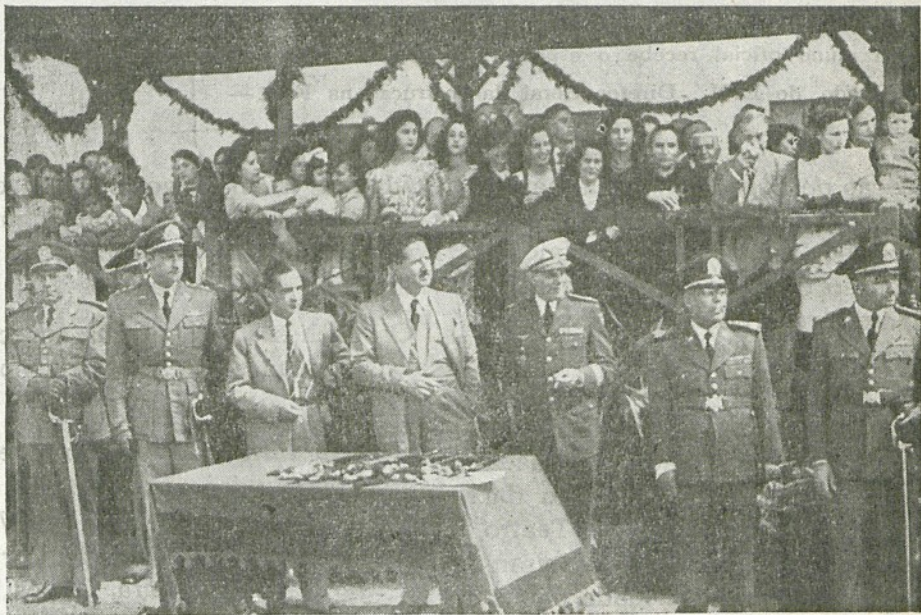
Seguros de: Incêndio — Acidentes do Trabalho — Acidentes Pessoais —
Transportes Marítimos e Terrestres — Responsabilidade
Civil — Aeronáuticos.

Agentes e representantes em todas as principais cidades do Brasil
Ambulatórios próprios — Organização de serviço médico modelar

Aspirantes de 1947

Seguindo louvável praxe que já se tornou tradicional, o C.I.M., comemorou a formatura dos aspirantes de 1947, com várias festividades, abrilhantadas com a presença de altas autoridades civís e militares, e grandemente concorridas, fatos que demonstram o apreço em que são tidos os novos aspirantes, e a nossa Fôrça, nos círculos oficiais e sociais de São Paulo.

A 23 de dezembro, em grandiosa cerimônia que contou com a presença do Exmo. Snr. Dr. Adhemar de Barros, governador do Estado, realizou-se a declaração de aspirantes, seguida da entrega de espadins e compromisso solene. Após um magnifico desfile de toda a tropa, em continência às autoridades presentes, foi servido um delicioso "cock-tail" a convidados e participantes.



Autoridades presentes à cerimônia de encerramento do ano letivo no C.I.M.: O Exmo. Snr. Governador Adhemar de Barros ladeado pelos Snrs. Brig. Armando Araibóia, Cmt. da 2.^a Zona Aérea e Cel. Nelson de Aquino, Secretário da Segurança Pública. À esquerda nota-se o Snr. Cel. Eleutherio Brun Ferlich, Cmt. da F.P. e Cel. Coriolano de Almeida Junior, I. Adm.. À direita o Snr. Cel. Pedro Dias de Campos, e Ten.-Cel. Heliodoro Tenório da Rocha Marques, Cmt. do C.I.M.—



Um aluno oficial recebe o espadim das mãos do Snr. Ten.-Cel. Anibal de Andrade, do E.N., Diretor Geral da Instrução na F.P.—

Bênção de Espadins — Na manhã do dia 26, na igreja de Na. Sa. da Consolação, realizou-se a cerimônia da Bênção de Espadins, em que foi oficiante o reverendíssimo Bispo Auxiliar da Arquidiocese, D. Antônio Maria Alcides de Siqueira.

Baile de Gala — A nota social de destaque das festividades foi dada pelo imponente baile realizado dia 27, nos majestosos salões do Teatro Municipal, e oferecido aos aspirantes, suas famílias e sociedade paulistana. A magnificência dos salões aliada ao brilhantismo da festa, fizeram-na um verdadeiro acontecimento social.

“Militia” se congratula com o C.I.M. e sua Comissão de Festas, pelo brilho que souberam dar às fes-

tividades, fazendo votos para que tais fatos, que tanto recomendam a Fôrça, se tornem uma tradição na vida social de São Paulo.

Os clichés fixam alguns aspectos das festividades tomados pela nossa reportagem.

A nova turma de aspirantes está assim constituída: Eros Afonso da Cunha, João Bidin, Wilson de Vasconcelos, Mário Máximo de Carvalho, Mário José Ferreira, Carlos Alberto de Faria, Clovis de Melo, Antônio Gonzaga de Oliveira, Evandro Francisco Martins, Cláudio de Souza, José Antônio de Almeida, Teodoro Cabete e Helio G. de Carvalho.

Aos novos oficiais e suas famílias, nossos calorosos parabens.

Baile de Formatura dos Aspirantes



A 27 DE DEZEMBRO ÚLTIMO REALIZOU-SE, NO TEATRO MUNICIPAL, O BAILE DE FORMATURA DOS ASPIRANTES DA FORÇA PÚBLICA QUE TERMINARAM O CURSO EM 1947. NOSSA OBJECTIVA FIXOU ESTES ASPECTOS DA BRILHANTE REUNIÃO

FIM DE ANO LETIVO

23 de dezembro de 1947.

O Centro de Instrução Militar está engalanado para as solenidades de encerramento do ano letivo.

Embora seja o mesmo ambiente festivo que caracteriza as comemorações da nossa querida Escola do Barro Branco, sente-se que há, neste dia, algo de mais grandioso a transparecer na vibração emotiva da assistência. É que, sob êste título despretencioso, se esconde a festa máxima do C.I.M. — a cerimônia de graduação dos novos aspirantes, sargentos e cabos — seguida da promoção de ano para os alunos remanescentes do Curso de Oficiais.

Para os graduados e suas famílias, as quais desde cedo lotam as acomodações, esta festa significa o término feliz de longos estudos, muitas vezes, realizados à custa de quantos sacrifícios. Para êles êste dia representa um marco inesquecível na estrada da existência, um ponto de passagem obrigatória para que a vida lhes permita a realização de ideais maiores.

Para o C.I.M. esta cerimônia vale como uma verdadeira prestação de contas para com a Fôrça e para com todos que acompanham com interesse o seu trabalho, após um ano de realizações levadas a termo a despeito das dificuldades da hora presente. Neste dia a nossa Academia abre os seus portões e exhibe, discretamente embora, às autoridades e aos convidados, o resultado do cumprimento de sua missão principal — a preparação de qua-

dro para a Fôrça Pública — dentro das sujeições impostas pelos regulamentos e pelas suas tradições.

Para nós, e conosco está a maioria dos oficiais, a solenidade, em todos os seus detalhes, evoca lembranças indeleveis de tempos que se perdem no passar dos anos. Êsse rememorar quasi sempre nos conduz, insensivelmente, ao pensamento de que êses jovens que agora desfilam, cheios de garbo e de esperança, em continência às autoridades, serão os dirigentes da Fôrça Pública de amanhã.

Sentimos, então, com mais intensidade, a importância dessa nossa Escola como centro de formação dos nossos líderes do futuro; e como deveríamos estar mais estreitamente compromissados com sua atuação, seu desenvolvimento e sua eficiência nos dias que virão.

Não são muitos os que compreendem que os problemas do C.I.M. transpõem, destarte, os limites morais da Unidade em si, para virem interessar a toda a Fôrça, porque o Centro é, até onde a formação humana assegura a estrutura duma coletividade, o grande responsável pelo futuro da Milícia Paulista.

Prestigiá-lo em suas aspirações legítimas e cooperar na solução racional de seus problemas, será a melhor forma de invertermos nossa parcela de bom senso para auferirmos rendosos benefícios no futuro, sob a forma de progresso para a Fôrça e conceito honroso à carreira que abraçamos.

==== Soliloquios de um aluno oficial ====

parodia

*Montar cavalo brabo e mal ferrado,
Estolar bem as coxas numa cela,
Fazer perigosissimo "variado",
Levar coices toda hora na canela,*

*A física fazer quasi pelado,
Polir bem um cardume de fivela,
Lixar bem um fuzil enferrujado,
E driblar o R. D. — essa esparrela,*

*Rastejar na instrução como minhoca,
Da mochila cuidar com muito zêlo,
E andarilhar depois como camelo.*

*Desfilando no prado da Moóca...
E' demais... horror... sofrer insano...
Oh! saudades do tempo de paizano.*

ESPADIM

ALMEIDA LAND & CIA.

CASA FUNDADA EM 1905

Ferro - Aço - Ferragens - Tintas - Oleos - Vernizes - etc.
Máquinas Operatrizes - Ferramentas para indústrias e oficinas mecânicas
Bombas centrifugas e Geradores de eletricidade
Correias de borracha e de couro
Mangueiras e tubos de borracha para ar comprimido, agua, vapor, ácidos, etc.
Lonas e encerados — Material para Estradas de Ferro

Rua Florencio de Abreu, 231

— SÃO PAULO

A formação profissional do nosso oficial

1.º ten. Osvaldo Feliciano dos Santos

Assunto que me preocupa de há muito tempo é a formação profissional do nosso oficial, ante a necessidade de que seja posta em harmonia com a finalidade de emprego dos oficiais.

Tudo se transforma na vida.

Os conceitos solidamente respeitados noutras eras, não passam hoje de fator puramente histórico, pois não se coadunam com as necessidades atuais. Causas biológicas e econômicas, a exemplo da influência exercida na formação dos primeiros grupos sobre a face da terra, continuam e continuarão a constituir os elementos responsáveis pela modificação da vida social.

A observação das normas éticas é imposta pelos imperativos da coexistência; elas compõem e determinam o ambiente favorável ao convívio humano e constituem a forma da vida social.

E isso porque qualquer infração de norma ética causa enorme repulsa à sociedade, pois desrespeita a um conjunto de normas, desrespeita a uma coletividade.

Como admitirmos, pois, que a formação profissional de nossos oficiais se plasme por regulamentos de bases antiquadas, sobretudo em face da celeridade das reformas sociais que se operam no mundo, das quais não nos podemos alhear?

Felizmente temos notícias de que se cuida de reestruturar o

R. C. I. M., para torná-lo mais atual.

Ainda há pouco lera um artigo do Cap. Fernando Allah, ao qual rendo minhas sinceras homenagens pela clareza conciente que nos transmitem seus argumentos sobre o ensino dos cadetes do E.N., e, à maneira dele, acho que nosso curso de formação também não se ajusta logicamente ao quadro da vida quotidiana do oficial que ele deve formar.

Porque, se é verdade que nossos oficiais devem receber a instrução que lhes garanta o bom desempenho da doutrina de guerra, quando convocados, não é menos certo que deve ser melhor instruído para a prática diuturna do complexo serviço de policiamento, cuja função, longe de subestimar-se, é de se exaltar, pela coragem, arrojo e sangue frio, aliado a um moral inquebrantável, exigidos no lidar com o povo, que se nos apresenta em situações as mais diversas. E isso porque na expressão «povo» se incluem as mais heterogêneas classes sociais. Assim, é nosso parecer que em vez de nos aprofundarmos e estendermos em conhecimentos não imprescindíveis ao exercício de nossas funções precípuas, deveríamos ministrar aos futuros oficiais matérias de real aplicação na vida de cada dia.

Para que se saia bem de certas missões policiais não bastam aptidões natas. Isso é muito mas não



é tudo. Precisamos que cada oficial seja um elemento completo, capaz de acompanhar com independência de maneiras a um diplomata, como de enfrentar situações criadas por grupos políticos, extremados ou não, sem discrepar da conduta pacífica, enérgica e preventiva que deve manter nessas ocasiões. Ainda é preciso que saiba êle conduzir e orientar seus soldados, oriundos dos mais diversos meios, infundindo-lhes respeito e estima no chefe, liames que, inexistentes, poderão tentar contra o bom desempenho das missões atribuídas ao oficial de tropa.

O estudo da sociologia e psicologia se impõem à formação de nossos oficiais. O estudo de línguas é de capital importância. O desembarço social também é outra cousa necessária e, que sem

maiores despesas, poder-se-ia por em prática com a criação de um grêmio escolar.

Muitas sugestões ainda poderíamos apresentar, se outro não fosse nosso escopo, senão de congratular-nos nestas linhas com a feliz idéia que anima o espírito de nossos dirigentes em reestruturar a formação dos quadros na Força Pública.

Certo é que, eu creio, sem descurar do respeito que me inspiram os corpos orientadores do C.I.M. e D.G.I., melhor trabalho se fará e mais ou menos duradouro, se colhidas forem as observações pessoais da congregação de professores e instrutores do Centro, afeitos mais de perto às necessidades e reações dos alunos no ensino de suas disciplinas.

Sociedade Comercial de Tecidos

ARGUISSO LTDA.

FORNECEDORES DA FÓRÇA PÚBLICA,
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144

Caixa Postal, 4062

Fone 6-2397

— End. Teleg. "ARGUISSO"

— SÃO PAULO

APOLOGIA DO B. E.

SEVEN

Último boletim — derradeiro suspiro do velho B.E. do casarão velho da rua José Getúlio.

Velho Batalhão de idéias novas. Duas vezes abafado, pela terceira vez surgiste para engrandecimento da Fôrça. O mais nobre de todos os engrandecimentos — o engrandecimento moral.

A pleiade de oficiais que compunham teu quadro, cantarão, nas plagas da Corporação, o hino do dever; o hino do amor à responsabilidade; o hino da confiança recíproca, da confiança que gera solidariedade, da confiança que funde todos, num só todo.

Tuas fileiras formavam soldados, desenvolviam graduados, aperfeiçoavam oficiais. Aperfeiçoavam! Este é o termo cabível porque, pela tendência natural, o noviço se adaptava ao ambiente selete, nelas então existente.

Lá não havia desentendimentos nem agulhões. A sinceridade se impunha, como norma geral, e ninguém se assemelhava a moleques preguiçosos, que trabalham sob a influência do patrão, a coristas ou dançarinas que vivem para enlevar o próximo.

Cada um era senhor de sua missão e todos comungavam do mesmo princípio — elevar a Fôrça para S. Paulo, para a maior parte viva do Brasil.

A idéia do chefe era o teorema; nunca o axioma. O chefe punha à margem a infalibilidade, que lhe era conferida pelo posto, e não ti-

nha pejo de acrescentar, a seu pensamento, a iniciativa de um subordinado.

E houve harmonia. Harmonia militar — camaradagem e respeito; ensino e método; trabalho e vontade; justiça.

A desarmonia pode originar-se da desconfiança. Quem nunca foi digno da confiança de outrem, verá sempre, no próximo, um desonesto. O chefe não pode ser desconfiado. Ele decide sobre bases concretas para não desmerecer sua posição. Respeitando as prerrogativas de cada círculo, ele pune ou recompensa. E, em cada decisão, ele demonstra seu espírito de justiça.

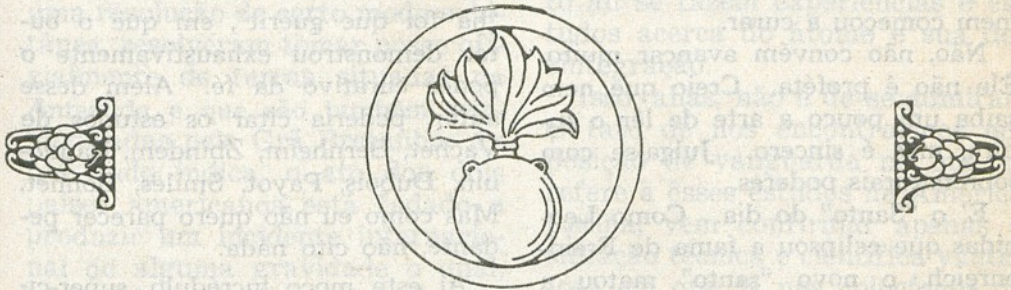
Velho B.E. do casarão velho, onde as punições se alternavam com as recompensas.

Tinhas, por credo, o regulamento.

O mourejar, em tuas fileiras, visava o objetivo de formar soldados para a Fôrça. Soldados e não mercenários! Enquanto um trabalha pela satisfação íntima do dever cumprido, outro não se lembra senão da folha de vencimentos. Um nasceu para a sociedade; outro, para o pútrido egoísmo. O soldado vive para seu dever; o mercenário restringe suas obrigações ao peso do salário que lhe pagam. Um se apega à missão e com ela se desseca; outro desseca os cofres do Estado.

Velho B.E. do casarão velho, onde novas idéias se harmonizavam.

Fizeste soldados para a Fôrça. Fizeste homens capazes de ceder, pelo menos, parte dos interêsses próprios, em pról do interêsse comum. Bom seria que tú ressurgisses para que nossa milícia continuasse a contar com os bons serviços que lhe prestaste.



ANIVERSÁRIO DO SERVIÇO DE MATERIAL BÉLICO

No dia 2 de janeiro do corrente ano, o Serviço de Material Bélico comemorou o seu 12.º aniversário, pois a sua criação data de 1936, embora a sua existência venha de mais longe, isto é, de 1917 com a fundação do Gabinete de Munições que ocupava um barracão junto à ala direita do Quartel Central da Guarda Cívica, na antiga Varzea do Carmo, prédio hoje ocupado por uma unidade do E.N..

A comemoração contou com as honrosas presenças do Exmo. Snr. Coronel Eleutherio Brum Ferlich, M.D. Comandante Geral da Fôrça Pública, Snr. Tenente Coronel José Ramos Nogueira, Major Luiz Pereira Leite — representando o Snr. Tenente Coronel Diretor da D.G.I. e de outros oficiais representantes de suas unidades.

O programa comemorativo constou do seguinte: —

- 7,00 horas — Formatura geral;
- 8,00 — Hasteamento da Bandeira;
- Leitura do Boletim alusivo à data;

— Canto do Hino Nacional;

— Inauguração do retrato do Snr. Tenente Coronel José Ramos Nogueira;

Em seu Boletim o atual chefe do referido Serviço, Major Manoel Marques Machado, ressaltou os relevantes trabalhos prestados pelo saudoso Major Nataniel Prado quer como fundador do Gabinete de Munições, quer como inventor das granadas N.P. e dos maquinários da Oficina de Cartuchos.

Aludiu também, no mesmo Boletim, aos brilhantes oficiais que dirigiram o S.M.B. e que são dignos de nossas homenagens pelo muito que fizeram em benefício de nossa gloriosa Fôrça Pública e que, porisso, justo é que citeamos seus nomes: — Majores Arci da Rocha Nóbrega, Ramiro Gorreta Junior, Juvenal Batista Gomes e Tenente Coronel José Ramos Nogueira, os dois primeiros do E.N. e os dois últimos desta Corporação.

O "SANTO"

Tancredo Collaço, escreveu

Surgiu assim, sem mais nem menos, de repente. Todo o mundo começou a ter fé no homem. E o homem começou a curar.

Não, não convém avançar muito. Ele não é profeta. Creio que nem saiba um pouco a arte de lêr o futuro, mas é sincero. Julga-se com sobrenaturais poderes.

E' o "Santo" do dia. Como Leonidas que eclipsou a fama de Freidenreich, o novo "santo" matou a "santa" de Coqueiros. A "santa" de Coqueiros agora, com toda certeza, não cura mais nem uma dorzinha de barriga.

A ciência, pela voz de um nosso cientista, fala: — "A força dos taurmurgos, a energia curativa dos curandeiros, dos espíritas, da "Christian Science" e do "New Saugth", a cura dos famigerados clínicos, o renome dos grandes especialistas são dados, acrescidos, multiplicados pela fé

intima, profunda, sincera e inabalável dos enfermos". Também eu poderia citar a obra classica de Charcot "ha foi que guérit", em que o autor demonstrou exhaustivamente o poder curativo da fé. Além desse autor, poderia citar os estudos de Vachet, Bernheim, Zbindem, Baudouin, Dubois, Payot, Smiles, Bonnet. Mas como eu não quero parecer pedante, não cito nada.

Aí está moço incrédulo, super-civilizado, com predileções exquisitas e exquisitas atitudes de livre pensador; aí está senhorita diplomada, cultíssima, ávida de coisas extraordinárias e extraterrenas, de alma incompreendida e hipersensível (a pobresinha!); como, apesar de um ser livre pensador e outra hipersensível incompreendida, encontraram ambos, ao consultar o "santo", alívio para as dores confessáveis e inconfessáveis.

Laboratório Farmacêutico "EROS" Ltda.

Especialidades farmacêuticas

HIPODERMÍA — PRODUTOS OFICINAIS

Avenida Guilherme Cotching n.º 817

Fône, 9-6664

SÃO PAULO

VÁRIAS

Chegou a vez das terras polares

A Argentina e o Chile, adotando uma resolução de certo modo subitânea, resolveram tomar posse oficialmente de terras situadas na Antártida e que são também reivindicadas pela Grã Bretanha. Ao que tudo indica, o ato dos dois países americanos está fadado a produzir um incidente internacional de alguma gravidade o qual, na sua inevitável repercussão, arrastará outros países americanos e principalmente os Estados Unidos.

Apoiando-se no fato de que, por convenções continentais assinadas, a agressão a um país americano constitui agressão aos demais, a Argentina e o Chile se encontram à vontade para solicitar o apóio dos Estados Unidos que, por outro lado, não podem, especialmente agora, se desviar com os irmãos de raça da Europa... Além disso, si houver êxito na experiência chileno-argentina, por certo a Guatemala acabará reclamando a Honduras Britânica e a Venezuela exigirá, talvez, a Guiana Inglesa. Nisso tudo quem vai ficar em situação deveras embaraçosa será Tio Sam, que neste momento, mais do que nunca, precisa agradar a Gregos e Troianos...

O betatron da Faculdade de Filosofia

Causou grande entusiasmo entre os que se dedicam ao estudo científico, econômico e político da energia nuclear, a informação de

que a nossa Faculdade de Filosofia possui um betatron e que há muito ali se fazem experiências e estudos acerca do átomo e sua desintegração.

Isso, aliás, não é de se admirar. O fato de nos encontrarmos em posição de vanguarda no que se refere a êsses estudos na América Latina, vem confirmar apenas a situação técnica e científica vantajosa em que já nos colocamos de há muito, no terreno das investigações e pesquisas industriais, graças a um pugilo de sábios que dia e noite constroem a grandesa de S. Paulo e do Brasil na nossa Escola Politécnica e no Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo.

A corrupção na China

A maior dor de cabeça do Departamento de Estado norte-americano neste momento é a corrupção que lavra entre os membros do governo e os funcionários do regime de Chang Kai Chek. Milhões de dolares são encaminhados anualmente para a China afim de que o governo nacionalista consiga enfrentar o exército comunista chinês com vantagem, mas parece que o dinheiro, ao envez de ser empregado na guerra, vai todinho para os bolsos dos amigos de Chang Kai Chek. Pelo menos é o que dizem os militares norte-americanos instrutores e observadores engajados no exército nacionalista. Segundo estes, a corrupção e a desonestidade chegou a um

ponto tal que os funcionários do governo, para ganhar dinheiro, chegaram a vender metade dos cartuchos que haviam recebido dos Estados Unidos para quem? para os seus próprios inimigos, os comunistas. Assim também é demais...

Voltaremos a queimar trigo ?

Drew Pearson, o grande jornalista norte-americano, criticando o general Peron por ter êste exigido pelo seu trigo um preço demasiado pesado, aventou a hipótese de, dentro em pouco, a Argentina não poder vender o seu cereal nem a preços baixos, porque são esperadas, na próxima safra grandes colheitas, capazes de superar de longe o consumo mundial, tal como êle se encontra, considerando os níveis anteriores à guerra.

Si tal suceder com o trigo e possivelmente com os outros cereais, é bem possível que em breve também venhamos a ler nos jornais que na Argentina, no Canadá e nos Estados Unidos o trigo começou a ser incinerado para assegurar a estabilidade dos preços, tal como já o fizeram com o café no Brasil, com a laranja na Espanha, com os carneiros na Argentina e com o próprio trigo em quasi todo mundo.

Metropolitano de emergência

O presidente da Câmara Municipal Sr. Marrey Junior, apresentou uma indicação à Câmara, pedindo a criação de um metropolitano de emergência destinado a atender os bairros da Penha, Belém, Tatuapé, Braz, Luz, Bom Re-

tiro, Barra Funda, Lapa, etc. que seria constituído por composições ferroviárias que percorreriam êsses bairros pelos trilhos da Central e da Santos-Jundiaí, como um verdadeiro metropolitano. «A Gazeta», comentando o projeto, disse que a idéia era tão extraordinária que era de se admirar não ter ninguém pensado nela antes. Podemos assegurar que o autor da idéia é um oficial da Fôrça e nosso companheiro de redação, o qual, dirigindo-se ao presidente da Câmara Municipal, fez-lhe ver as vantagens do metropolitano de emergência.

O nosso petroleo

Os trusts estrangeiros têm procurado tomar contacto com os meios administrativos federais, visando aplicar seus capitais e explorar o nosso petróleo, segundo a maneira clássica, isto é, enxugando e exaurindo os póços conquistados e deixando no país, em troca, alguns níqueis em forma de pagamento aos operários que trabalham nas jazidas. Êsse sistema além de nenhum lucro deixar à nação detentora do combustível bruto, ainda leva essa nação a se escravizar, sofrendo por fim as imensas desgraças que arruinaram o México, a Bolívia, o Paraguai, a Venezuela, etc. países ricos em petróleo, mas nulos economicamente em relação ao seu povo.

Contra isso, entretanto, já se levantaram vozes prestigiosas como a do general Góis Monteiro, general José Pessoa, general Horta Barbosa, senador e ex-presidente da República Artur Bernardes, etc., que demonstraram quão danoso seria entregar

nossas imensas riquezas petrolíferas aos trusts, fato que um governo patriótico como o do honrado general Dutra, jamais permitiria.

A Argentina, a Bolívia e o México, depois de uma luta tremenda e

que em certos casos produziu a queda de seus governos, assim como revoluções e guerras sanguinárias, conseguiram libertar-se do trust estrangeiro, marchando hoje para um destino feliz e próspero.

Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva



A 31 de Janeiro findo, a Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Força Pública deu posse à sua nova diretoria, eleita para dirigir-lhe os destinos no biênio 1948-1949. Na fotografia acima, tomada no ato, notamos, sentados, da esquerda para a direita: ten. cel. Napoleão de Almeida, o presidente empossado; deputado Alfredo Faraht, que honrou a reunião com sua presença; ten. cel. Otávio Azeredo, presidente cujo mandato findou e ten. cel. Agostinho Pereira da Fonseca. Em pé, vários oficiais

A ESCULTURA E A PINTURA

"Honos alit artes"

Cícero

Silvio Pedroso

2.º Sargento

Penetrando no domínio das belas-
artes é mister que seja positivado
que a arte da escultura nasceu pri-
meiro que a pintura.

A primeira delas tem por fim es-
culpir na matéria (mole ou dura),
a feição do motivo, por intermédio
do buril ou do cinzel; e a segunda
define-se como a representação num
superfície plena, dos objetos ou
figuras plásticas mediante desenho e
côr. Os antigos egípcios acredita-
vam que o inventor da pintura, fôs-
se um pastor por nome Gige, que vi-
veu nos primeiros tempos do mundo.

Em alguns livros que se prendem
à religião (Antigo Testamento), há
referências da pintura; assim é que
o jantar do rei Assuero segundo a
Bíblia, era adornado por tendas pin-
tadas.

Ao redigir esta crônica, tão balda
de merecimentos por parte dos dou-
tos no assunto, tenho ante os meus
olhos um quadro interessante ao qual
me reporto.

Trata-se de um encontro casual
numa região montanhosa, do cele-
berrimo pintor Cimabue e o peque-
no pastor Giotto.

Este pintor, ao passar por um
terreno escarpado e adornado de so-
berbas e vetustas rochas, avistou,
sentada em uma dessas pedras, a fi-
gura de um menino que, em atitude
abstrata, punha muita atenção no
serviço que executava.

Acionado pela curiosidade, des-
montou o seu cavalo e numa abor-
dagem sorrateira, qual verdadeiro fe-
lino, aproximou-se pelas costas da-
quela criança sem que esta o pres-
sentisse.

O pequeno condutor de ovelhas
tinha preso, entre os joelhos, um
blóco de granito liso, empunhava um
pedaço de carvão vegetal, por inter-
médio do qual tentava a reprodu-
ção de um grupo de ovelhas que o
cercavam.

Giotto estava atento àqueles ani-
mais, onde buscava inspiração e os
seus traços de principiante eviden-
ciavam algo de sobrenatural.

Trajava-se de um modo paupérri-
mo, sandálias rôtas, cabelos excessi-
vamente desenvolvidos, cutis bron-
zeada pelos raios solares, mas ins-
tintivamente trazia na massa do san-
que, sem o saber, a concepção do
belo, peculiar às almas inteligentes
que caracterizam os gênios.

Cimabue sentiu-se envaidecido em
sua arte.

Sentiu por aquela criança ingênua
uma simpatia paternal, estava ali
perdido no recôndito daquelas pe-
dras abruptas, um admirador da arte
que êle idolatrava e dentro da qual
era um expoente.

Perscrutou o que vira... compre-
endeu tudo!

Viu na semi-nudez daquele ado-
lescente a encarnação precóce de

uma futura e insofismável glória da pintura

Cimabue oferece proteção ao pastor Gioto.

Um encontro acidental determinou uma glória, numa confirmação autêntica de que "o talento é o gênio inato e preciente".

Em se fazendo alusão às artes, é necessário trazer à baila o nome da Grécia antiga, que serviu de berço à decantada civilização helênica e que tanta influência chegou a exercer sobre outros povos.

Assim é que o Século de Péricles marcou época na história da humanidade e é assinalado pelo notável desenvolvimento das letras e das artes, graças à cooperação de Fídias.

Fídias é o grande escultor ateniense, verdadeiro mágico do buril que passou à posteridade como autor do Templo de Júpiter (Maravilha do Mundo Antigo), Partenon e outros.

O Partenon (santuário de Palas ou Minerva) foi construído mediante outros templos na colina do Acrópole em Atenas e sobre êle erigia-se a Estátua de Minerva. Tinha quinze metros de altura sendo assim constituída: rosto e carnes de marfim; armas, vestes e cabelos de ouro e os olhos de pedras preciosas.

Diz-se-ia que, na nudez das graciosas linhas e adornos destas obras de arte, estava retratado o fausto dos costumes da época.

Os gregos rendiam adoração à prática do culto pagão - o nudismo, chegando a materializar a beleza pelo corpo nú e escultural da mulher.

As três Graças aparecem despidas numa síntese que fala pelo poder

do Criador, e Venus de Milo representava, para aquele povo, o paradigma da perfeição plástica feminina.

O grande Charles Baudelaire (satanista) numa suprêma apologia ao belo culto à Estátua de Venus em seu soneto "Hymne à la beauté" assim se expressa:

"Sors-tu du gouffre noir ou descends-tu des astres?" (sic).

O ápice da lança empunhada pela deusa Minerva, segundo a lenda, servia de faról aos navegantes como hodiernamente acontece com a Estátua da Liberdade que se descortina majestosa e altaneira à entrada do pôrto New-York, e que sintetisa a democracia reinante na terra de Tio Sam.

Penetramos na umbrosa e longa noite dos déz séculos, pôsto que as artes só vão encontrar um reerguimento por ocasião da Renascença.

A Renascença surgiu na Europa (Itália) em fins da Época Medieval e prelúdio da Idade Moderna, sendo determinada pelo intercâmbio de aproximação dos sábios gregos de Constantinopla que refugiados desta última, encontraram guarida nas escolas e universidades italianas.

Com o advento da Renascença que apresenta laivos do paganismo, aparece uma pléiade de verdadeiros gênios e dentre os diversos países que possuíram seus representantes, destacam-se: Rafael Bonezio, Ticiano, Miguel Angelo, Leonardo da Vinci, Corregio, Rembrandt, Durer, Holbein, Murilo, Rubens e outros.

No plano das artes que constituem a epigrafe desta crônica, ordena a justiça implacável que o nome de

Leonardo da Vinci, seja pôsto este-riotipado em letras maiúsculas considerado o maior gênio de todos os tempos e detentôr dos seguintes títulos: pintôr, escultôr, arquiteto, es-criitor, físico, engenheiro e músico.

É êle o autôr do quadro Ceia do Senhor, Gioconda e múltiplos ou-tros que contribuiram para outorgar-lhe uma consagração universal.

A execução da Gioconda está con-substanciada na reprodução de uma patrícia de rara beleza, compleição física robusta como só acontece às mulheres latinas, testa alta encima-da por uma densa cabeleira solta distribuída sôbre os ombros, deixan-do transparecer parte de um colo cadio e ebúrneo.

Gioconda, quando se deixava re-tratar pelo artista, sentia a influên-cia de um ambiente de música, a divina arte que atúa direta e pro-fundamente sôbre o nosso "ego" se-gundo a afirmação de Schopenhauer, e acrescida por uma cócega suave feita em um dos seus membros in-feriores por uma corça que alí apa-recia, surge a explicação de um sor-riso perene e angelical.

É êste um dos múltiplos quadros do artista imortal, até hoje conside-rado inexcédível em perfeição, ar-ranjo policrômico e soberba inspi-ração.

Imortais sejam as artes e os seus diletos representantes!

A Queiroz Lugó & Cia.

Madeiras em grande escala

Serrarias

Esperança e Paula Souza

Fones: (4-2260

(4-5786

Rua Plínio Ramos n.º 99

SÃO PAULO

Filial:

SÃO PAULO

Serraria Norte

Rua Bresser n.º 2.176

Fones: 9-2521 e 9-2524

Filial no Norte do Paraná

CAMBE' — SERRARIA AURORA

IBIPORÁ — SERRARIA IBIPORÁ

SECÇÃO DE CÁRPINTARIA E FABRICA DE TACOS

A COZINHA CENTRAL

Solução do problema da alimentação científica do miliciano.

A nutrição é hoje um grande setor que preocupa os nossos homens públicos, pois as nações modernas já se decidiram a proporcionar alimentação científica a seus povos.

Os conhecimentos adquiridos nos laboratórios revelam o teor alimentício dos produtos e a necessidade orgânica de consumo.

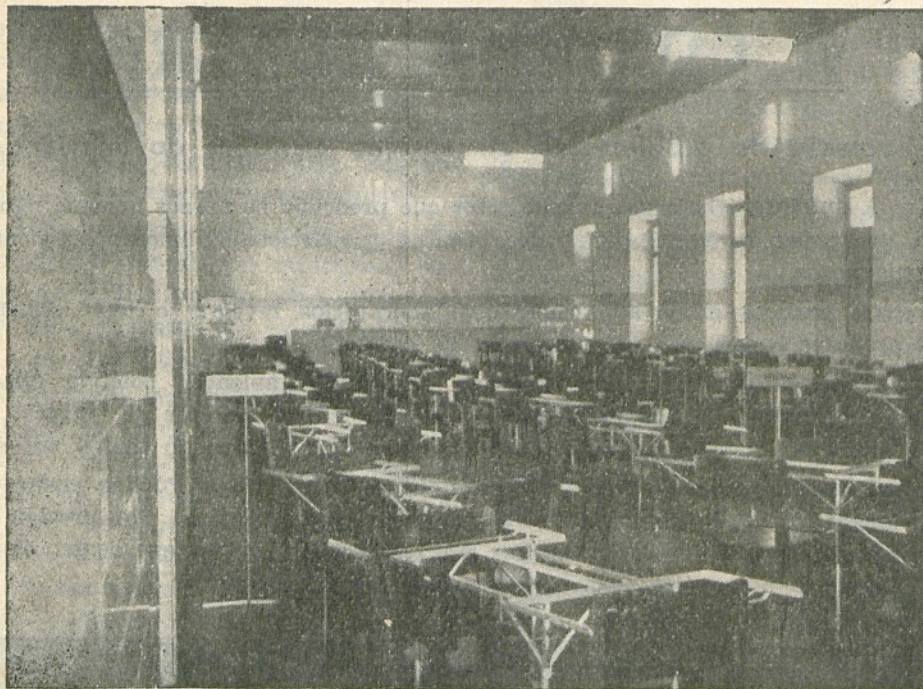
Agora, toda coletividade serve-se de uma organização coletiva aliada à direção científica, instalação higiênica com maquinário redutor de trabalho e de alta produção, tudo de maneira a atender aos fins, dentro do tempo suficiente.

E assim pensando foi que a administração da Fôrça Pública encarou decisivamente o problema da alimentação dos seus milicianos. Era preciso substituir o sistema arcaico então usado. E o fez com tal rapidez que dentro de quasi dois meses o novo sistema-distribuidor passou a funcionar.



Aspecto da inauguração da Cozinha Central, que contou com a presença do sr. governador do Estado, dr. Adhemar de Barros, do sr. secretário da Segurança Pública, cel. Nelson de Aquino, do sr. secretário da Saúde, dr. José Queiroz Guimarães, outras autoridades do Estado e da Fôrça Pública. Focaliza o cel. Eleutherio Brum Ferlich, comandante geral da Corporação, quando lia o boletim alusivo à solenidade.

(Foto Ruiz)



Vista interna do refeitório, vendo-se, alinhadas, as mesas e cadeiras prontas para o início da refeição.

(Foto Ruiz)

A 1.º de janeiro deste ano começou a funcionar a cozinha central da Fôrça (C.C.) organizada pela Comissão de Subsistência, consoante deliberação do Comando da Corporação, destinada ao preparo da alimentação de consumo pelo pessoal sediado em São Paulo. O ato de inauguração contou com a presença do Exmo. Snr. Governador do Estado e da Exm^a. Snr^a. D.^a Leonor Mendes de Barros, além de outras altas autoridades estaduais.

Essa importante dependência foi modelada pelas modernas cozinhas coletivas do tipo de que dispõe o S.E.S.I. (Serviço Social de Indústria), preparando a alimentação segundo os mais atualizados conhecimentos de nutrição.

Esta notícia visa dar uma idéia de como foi concluída essa realização, do mais alto interesse para a Fôrça Pública.

A Comissão de Subsistência começou suas atividades a 27 de outubro de 1947, dispondo do prazo de 50 dias úteis para estudar e concluir a organização da C.C., cujo funcionamento devia ser iniciado a 1.º de janeiro de 1948, como aconteceu.

Os oficiais que a compunham são os seguintes: Major Laércio Gonçalves de Oliveira, 1.ºs tens. Walter José Hollatz Nogueira, da adm. José Gomes da Silva e 2.º ten. Samuel Rubens Armond.

Os serviços foram supervisionados pelo Snr. Cel. Coriolano de Almeida

Junior, inspetor administrativo da Força Pública.

De início, a Comissão visitou as organizações congêneres, isto é, a cozinha distrital do S.E.S.I., as cozinhas-restaurantes do S.E.S.C. e S.A.P.S. e refeitório da Companhia Goodyear, que serviram de norma à organização da C.C.. O sistema dessas cozinhas, adaptado de modelo norte-americano, consiste em obter alimentação adequada sob orientação nutricionista, e economicamente, através da racionalização dos serviços. Uma novidade dessa or-

ganização é a eliminação dos garçons: o interessado vai buscar a refeição no ponto de distribuição e depois de consumí-la, no refeitório, devolve à copa a bandeja e utensílios com que se serviu. Outra, é a mecanização de todo trabalho que seja susceptível de atribuir-se a máquina, poupando-se o trabalho manual.

Após os necessários estudos a Comissão passou às conclusões práticas referentes à montagem da C.C.. Cabia-lhe providenciar, em pouco mais de um mês:



Os legumes e verduras com a sua grande quantidade de sais minerais entram em abundância no cardápio do miliciano. A funcionária da Cozinha Central está acionando o aparelho para fatiar e cortar legumes e verduras, e ralar queijo.

Esta máquina conduz também a etiqueta HOBART, nome já bastante conhecido como especialista em máquinas auxiliares de cozinha.

(Foto Ruiz)

MITIJM

O papel que veste PRODUTOS

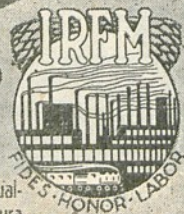


Celosul

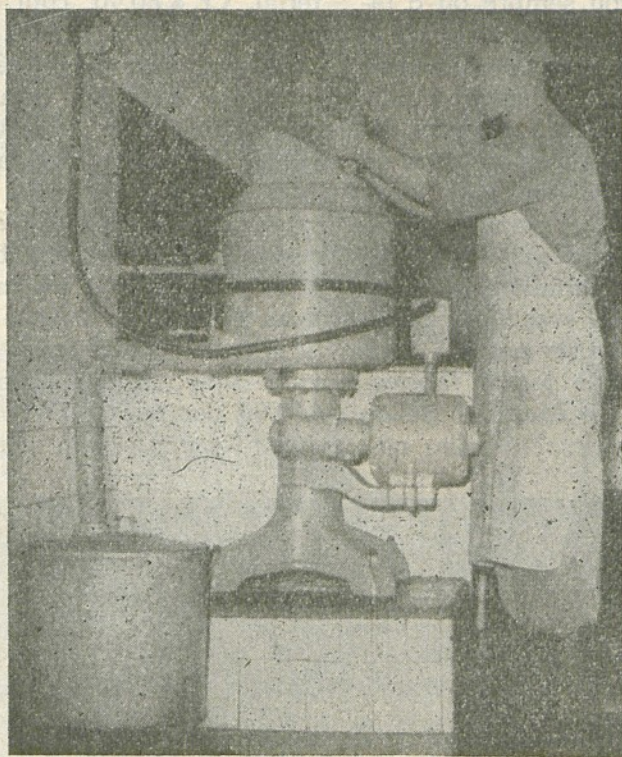
DE 30, 45 E 60 GRAMAS POR M²

BRANCO
DE COR -
IMPRESSO

Em folhas planas de 90x100 cm. ou de qual-
quer outro formato - Em bobinas de qualquer largura



60



Nesta máquina de descascar batatas e legumes diversos, são produzidos 240 kgs. por hora de trabalho. De funcionamento e manejo simples, constitui um grande auxiliar do estabelecimento. É também da marca **HOBART-DAYTON**.

(Foto Eduardo Quartim)

a) adaptação dos prédios das cozinhas do 1.º B.C. e R.C., conjuntos, para neles instalar a nova dependência;

b) aquisição do material necessário para completar a montagem da cozinha na forma desejada;

c) recrutamento e preparo do pessoal operador, desde o técnico até o de execução mais modesto.

A adaptação dos prédios ficou a cargo dos Serviços de Engenharia, Material Bélico e Transmissões. Compreendeu alguma obra de alvenaria, instalação de maquinário novo, telagem das janelas (nas dependências da C. C. e refeitórios é raro en-

contrarem-se moscas) e pintura geral, que o S.E. executou. A cargo do S.M.B. esteve a parte de seralheria e à Sc. de Transmissões ficou a relativa à instalação elétrica, que foi reformada para efeito de comportar a sobrecarga resultante do aparelhamento elétrico montado. Tudo foi feito em ordem e dentro do tempo restrito previsto.

Enquanto eram executadas as adaptações a Comissão cuidou da aquisição do equipamento, principalmente de copa e cozinha. Dispunha de um crédito de Cr. \$ 700.000,00. As concorrências foram distribuídas pessoalmente pela Comissão incorpo-

rada, que procurou sempre ou o fabricante ou o atacadista, de sorte a obter preços mínimos, para conter a despesa dentro dos limites da verba, assaz apertados. Por outro lado, procurou explorar os recursos da própria Corporação, em suas oficinas, no que obteve grande vantagem: Por exemplo as 250 mesas de refeitório, inicialmente necessárias, de construção especial, que no comércio teriam de ser pagas a Cr. \$ 415,00 por unidade foram fabricadas pelo Serviço de Material Bélico ao preço de custo do respectivo ma-

terial, Cr. \$ 80,90, com uma economia de Cr. \$ 83.525,00.

Já que fizemos referência a essa diferença de preço vamos citar outras, igualmente acentuadas, para que se evidencie o critério com que agiu a Comissão neste importante setor. Para as 250 mesas foi necessário adquirir 1.000 bandejas de aço inoxidável (4 por mêza), idênticas as que são usadas nos estabelecimentos congêneres. Estas haviam sido pagas ao preço de Cr. \$ 140,00 por peça. Depois de entendimentos muito bem orientados, jun-



Aspecto interno, vendo-se os cozinheiros, da própria Corporação, em atividade num dos modernos fogões fornecidos pela METALÚRGICA WALLIG, S/A, firma especialista em instalações para estabelecimentos de nutrição.

(Foto Eduardo Quartim)



Linha de caldeirões a vapor, em número de 10, para o cozimento dos alimentos. Também são da afamada marca WALLIG, indispensáveis às cozinhas coletivas, do gênero da que vem de ser instalada na Fôrça Pública.

(Foto Ruiz)

to às diversas fábricas que podiam confeccionar o artigo, foi conseguido numa delas o preço de Cr. \$ 84,50 por bandeja, resultando uma economia de Cr. \$ 55.500,00, consequentemente. Da mesma forma foi feito quanto às talheres e travessas, também de aço inoxidável, que, dentro da mesma especificação necessária, foram obtidas por preço menor de 30 a 40 por cento, ou seja, com uma redução de Cr. \$ 40.000,00, arredondados. Nestes tres casos citados foram poupados Cr. \$ 179.025,00.

Relativamente ao pessoal, foi recrutado o seguinte, de acôrdo com as necessidades atuais a suprir;

a) *Corpo técnico*: constituído por uma nutricionista-chefe com o

Curso de Nutricionista, da Faculdade de Higiene e Saude Pública, da Universidade de São Paulo, contratada nesta Capital; uma assistente, com o mesmo título; quatro técnicas em alimentação, formadas pelo Instituto Técnico e Industrial Feminino "Carlos de Campos";

b) *Pessoal de execução*: 4 cozinheiros e 10 ajudantes; para o serviço de limpeza e escolha de gêneros e legumes, 11 serviçais femininas e 7 homens; para o lavatório do material de copa e cozinha e serviço de faxina 11 homens; para os serviços de despensa 4 homens; idem de açougue 4; idem de frigoríficos 2; para o serviço das caldeiras 4; para os serviços de copa 4; de refeitório 8; e

distribuição externa de refeições 8;

Os cozinheiros fizeram estágio na cozinha distrital do S.E.S.I. e os açougueiros no Fregorífico Armour, de sorte a se habilitarem para o bom desempenho de suas obrigações.

Enfim, estabelecendo um recorde de produção, dentro dos 50 dias úteis de que dispunha, a Comissão conseguiu providenciar tudo que se fazia mister para por a C.C. em condições de funcionar a 1.º de janeiro de 1948. Apesar de estar em sua fase inicial de atividade, a C.C. tem funcionado satisfatoriamente. Está capacitada para fornecer alimentação a 6.000 homens, sadia, agradável e abundante.

Concluindo êste breve relato, vai, em seguida, a discriminação das principais dependências da Cozinha Central com esclarecimento de suas atribuições:

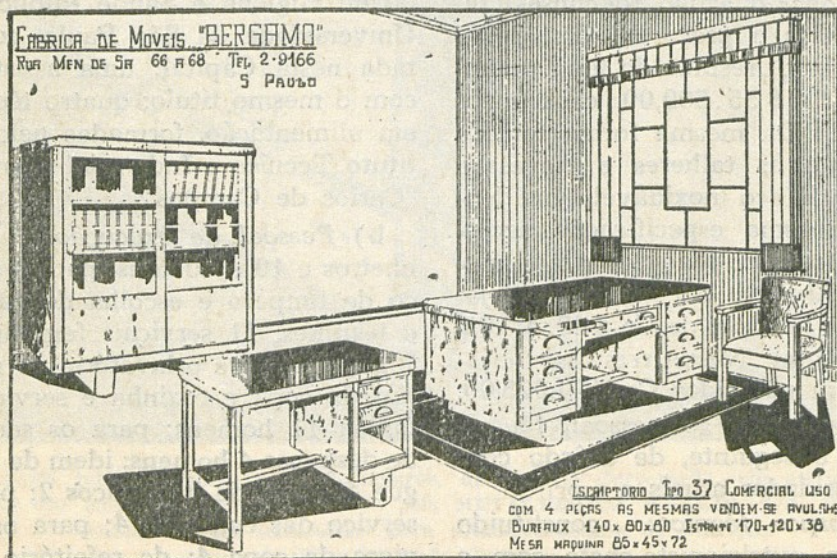
Secção de Cozimento: cozinha a alimentação, em caldeirões a vapor ou fogões adequados e faz o acondi-

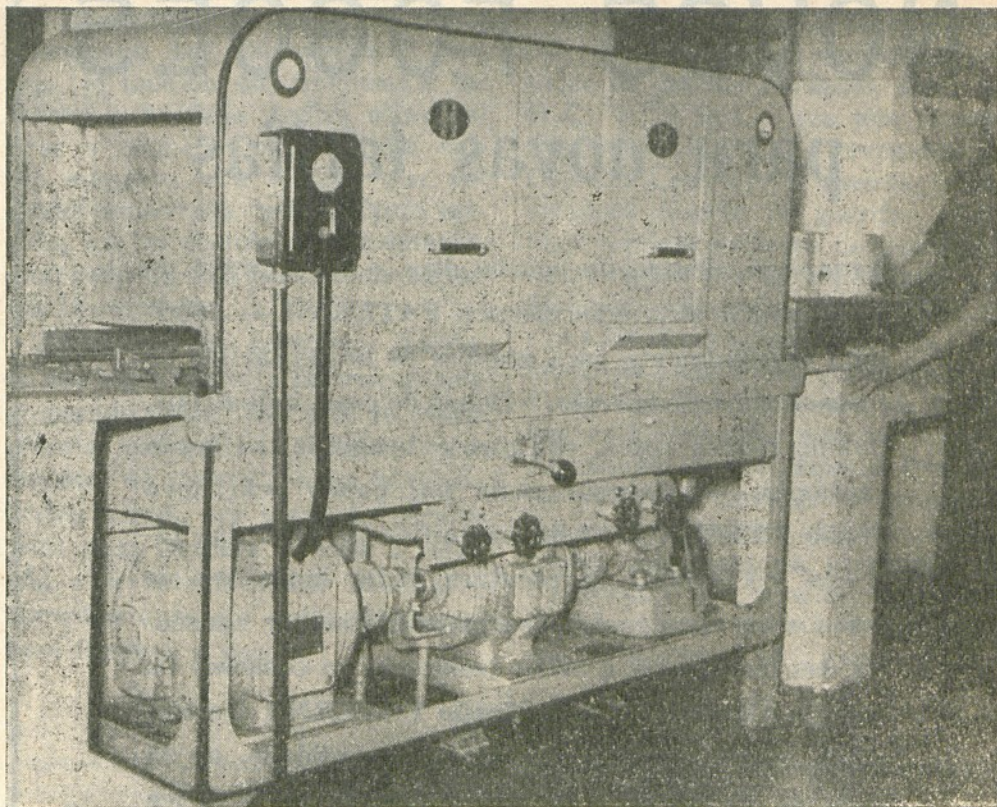
cionamento para a distribuição interna ou externa em vazilhames térmicos para conservação do calor até 20 horas.

Serviço de limpeza e escolha de gêneros e legumes: escolhe, seleciona e limpa os gêneros preparando-os para o cozimento, verduras e legumes etc.. Dispõe de máquinas para fatiar legumes e hortaliças, extrair suco, para ralar queijo e descascar batatas.

Lavatório do material de copa, cozinha e serviço de faxina: aqui são lavados os vazilhames em geral, de cozinha e de distribuição do alimento preparado; o material de copa, isto é, bandejas, travessas, talheres, chécaras, etc.. O lavatório dispõe de u'a máquina de lavar louça com capacidade para 5.000 peças por hora, de forma que o serviço é quasi totalmente mecanizado.

Despensa: aqui são reunidos, de véspera, procedentes do Aproveitamento da Comissão de Subsistên-





Esta máquina, para lavar pratos e outros utensílios de copa e cozinha, foi instalada pela **COMPANHIA HOBART-DAYTON DO BRASIL, S/A.** De grande utilidade para redução do trabalho humano, pois tem uma capacidade mecânica para 5.000 peças horárias.

(Foto Eduardo Quartim)

cia, todos os gêneros verduras, pão, leite, fruta, etc. a serem empregados no cardápio do dia seguinte, que é organizado com a devida antecedência pelo Corpo Técnico

Açougue: recebe, desossa, retalha e prepara a carne destinada ao consumo da cozinha, passando-a depois ao fregorífico, onde é guardada até o momento de utilização.

Fregorífico: é constituído de dois compartimentos, com capacidade para guarda de todos os gêneros susceptíveis de deterioração rápida — carne, leite, verdura, frutas, etc.; recebe,

outrossim, os alimentos preparados que tenham de aguardar aplicação no dia seguinte.

Caldeiras: fornecem à secção de cozinha o vapor necessário ao aquecimento dos caldeirões de preparo da alimentação; asseguram o fornecimento de água aquecida a todas as dependências da cozinha, ao lavatório e ao serviço de faxina em geral.

Copa: distribue a alimentação pelos refeitórios anexos, e mantém o material respectivo (bandejas, travessas, talheres, louças, etc.). No

NOVOS FOGÕES

para novas tarifas

Aguardem, dentro de poucos dias, o lançamento do novo modelo de fogão elétrico PATERNO — fabricado especialmente para atender às novas tarifas de fornecimento de energia. Donas de casa, industriais, hotéis, restaurantes, colégios e hospitais, só terão vantagens em esperar mais um pouco pelo novo Fogão PATERNO. Este magnífico produto das fábricas PATERNO apresentará reais inovações no estilo e na construção, assegurando melhor aparência das instalações e maior economia no consumo da energia elétrica. O novo fogão PATERNO oferece, ainda, como garantia de sua alta qualidade, os 25 anos de experiência da maior fábrica da América do Sul especializada em fogões elétricos. —

Paterno & Cia.

Matriz: R. Conselheiro Crispiniano, 39 - Tel. 4-6856 - S. Paulo

Filiais: São Paulo — Rua Conceição, 59 — Tel. 6-4274

Rio — Rua Sta. Luzia, 799-B — Tel. 22-4261

Belo Horizonte — Avenida Amazonas, 286

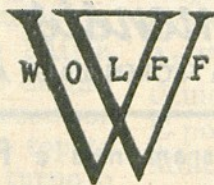
âto de distribuição das refeições o interessado, em fila, recebe a bandeja já munida das travessas e talheres; a bandeja desliza sôbre esferas e pequenos trilhos, num balcão adequado, a à medida que vai sendo empurrada, pelo próprio servido, vai recebendo a alimentação, que é retirada dos vazilhames térmicos já referidos.

Refeitório: no refeitório, instalado em lugar amplo e higienicamente preparado, estão dispostas as mesas próprias nas quais se instalam 4 comensaes ao mesmo tempo, havendo, nessas mesas, um lugar de encaixe para cada bandeja. Finda a refeição o servido leva sua bandeja e utensílios ao posto de recolhimento, para limpeza e guarda.

Distribuição externa de alimentação: a alimentação consumida por todas as demais unidades, além do R.C. e 1.º B.C., que têm refeitórios anexos à C.C., é preparada na Cozinha Central; da mesma forma acontece quanto às guardas e demais serviços externos de guarnição. As refeições vão às Unidades e aos diversos postos de serviço acondicionadas em recipientes térmicos, como já foi esclarecido, que conservam o calor por muito tempo, de forma que os homens são servidos sempre de comida quente, aspecto êste importante, sem dúvida. O transporte aos diversos pontos é feito rapidamente, por meio de caminhões, acontecendo que o almoço é distribuído no máximo até às 12 horas, e o jantar até às 18 horas.



Companhia Brasileira de Artefactos de Metais



**BAIXELAS, TALHERES E ARTIGOS PARA PRESENTES EM
PRATA 90 E EM PRATA DE LEI — TALHERES
DE ALPACA — AÇO INOXIDAVEL E
FERRO ESTANHADO**

Escritório Central: Rua de Hipódromo, 1.200 — S. PAULO
— **Fone: 9-1121 (Rêde Interna) Caixa Postal, 113-B** —
— **Teleg. Wolffmetal** —

Filial no Rio: R. Mexico, 41 - 17.º andar - Caixa Postal, 3253
Fone: 22-4845 - Teleg. WOLFFMETAL

São as seguintes as indústrias paulistas fornecedoras de material utilizado na instalação da Cozinha Central:

CIA. BRASILEIRA DE ARTEFACTOS DE METAIS:

Bandejas, travessas razas e fundas, talheres, tudo de aço inoxidável; marmitas térmicas e de alumínio, com diversas capacidades; além disso, grande parte de utensílios de cozinha.

CIA. HOBART-DAYTON DO BRASIL:

Máquina de lavar pratos e outros utensílios de copa e de cozinha, com uma capacidade mecânica para 5.000 peças horárias; máquina para cortar e fatiar legumes, verduras e queijo; máquina de descascar batatas e legumes, com capacidade para 240 quilos horários; picador de carne para 350 quilos horários; cortador de frios; e extrator de sucos.

INDUSTRIA DE MÓVEIS BERGAMO S/A.:

Escrivaninhas de embuia, poltronas giratórias, estantes e cestos.

INDUSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO S/A.:

Pratos e chicáras.

METALÚRGICA WALLIG S/A.:

Fogões a lenha, caldeirões de cozimento a vapor, cúpulas para fogões, exaustor e chaminé.

PATERNIO & CIA.:

Fogão elétrico com 6 chapas e 3 fornos.

SOCIEDADE PAULISTA DE ARTEFACTOS METALÚRGICOS Ltda.:

Latões de ferro estanhado para transporte de leite.

Sociedade Technica

Bremensis Ltda.

CAIXA POSTAL 18-B • RUA FLORENCIO DE ABREU, 815 SÃO PAULO

Máquinas-ferramenta e Ferramentas

Máquinas, Tipos, e Materiais Gráficos

Máquinas Agrícolas

Bombas Hidraulicas

Material Ferroviário

Material Elétrico

Aços

Casas no *Rio de Janeiro, Curitiba, Recife, Bala*

O Nosso Partido

CENTURINHA

Sob o título acima publicámos, no último número desta revista, um artigo sem a mínima idéia de atingir companheiros que tomaram parte em movimentos armados, em obediência a ordens, em face de contingências inelutáveis ou ainda voluntariamente, pondo-se na mais das vezes herôicamente a serviço de um ideal ou de um ponto de vista presumivelmente justo.

Combatentes da revolução de 30 e exaltados idealistas de 32 viram em nossas palavras uma censura à sua conduta e, sem meias medidas, exigiram de nós uma explicação definitiva do nosso pensamento. Nada mais natural e correto do que essa atitude dos companheiros. Então um homem cheio de boas intenções topa uma parada como a de 30, arrisca a sua vida certo de que vai salvar a Pátria de políticos corrompidos e de inimigos das liberdades e aparece por aí alguém que ainda tem o topete de o censurar? Por seu turno o constitucionalista de 32, que viu S. Paulo humilhado, que assistiu o rasgar cínico de uma constituição e lutou pela sua volta, porventura também não é um cidadão digno como qualquer outro e talvez mais ainda?

Estamos perfeitamente de acordo. Em ambos os casos não havia lei. Em 1930 o governo embora honesto rasgou a lei, degolando os deputados da Paraíba, fraudan-

do as eleições e impedindo, portanto, que o povo brasileiro visse nas câmaras e na presidência aqueles que êle desejava lá colocar. O Brasil se levantou, não contra o Snr. Washington Luiz, mas contra o tripúdio sôbre a lei, a demoralização da lei, o desprezo da lei. Em 1932 aconteceu o mesmo. O Brasil estava sem lei, sem constituição e o povo brasileiro não é um bando de selvagens que pudessem ficar permanentemente entregue à anarquia. Porisso S. Paulo se levantou contra os que escarneciam da lei. O problema é simples. Ou se está a favor da lei ou se está contra a lei.

Um govêrno que se desmanda é um govêrno inimigo da lei. Um govêrno que desobedece a Constituição é, nada mais, nada menos, que um inimigo da Constituição. As Forças Armadas não são constituídas de janizaros, já dizia Ruy. E porque deverão sê-lo as Polícias Militares? A estas não compete por acaso, a defesa da lei?

Quando condenamos o espírito conspiratório, não quisemos nos levantar contra os justos anseios de um povo que precisa da lei para viver tranquilamente. Com o combater os impulsos políticos do militar não quisemos com isso castá-lo politicamente e sim pedir-lhe que não ponha êsses impulsos a serviço dos inimigos da lei e da ordem, sejam êles uma organiza-

ção, sejam êles um govêrno descarrilhado dos trilhos legais.

Quisemos fazer sentir que o militar, na execução de uma tarefa profissional, é um ser politicamente neutro. Só não é neutro quando a lei está em causa. Nesse momento êle tem que raciocinar por si e deixar de ser um simples autômato.

E' porisso que se torna necessário, como prática fundamental, a aplicação dos ensinamentos recebidos na instrução geral. Mas aplicação de verdade. Antes disso, porém, é preciso que haja instrução intensiva, especialmente de educação moral, de tal modo que os nossos soldados e oficiais sejam, a exemplo dos norte-americanos, capazes de repetir de cór as leis básicas que interessam o cidadão, como por exemplo, os direitos individuais inscritos na Constituição da República.

Dando esta satisfação aos nossos leitores cremos tê-los conven-

cido de que jamais seríamos contra um movimento como o foi o de 30, que no mínimo nos deu o voto secreto e eleições limpas, nas quais os cidadãos da República podem tomar parte e eleger os seus representantes sem que haja o perigo de serem estes roubados nös seus diplomas. E nem o movimento de 32, que provocou o restabelecimento da lei, com a convocação da constituição de 1934.

Foi porisso que dissemos e hoje repetimos: As situações políticas e os govêrnos passam, mas a Fôrça fica. Si ela estiver sempre integrada na lei, jamais herdará ódios e desprestígios provocados por ações ilegais.

P.S. — Como Centurião é o pseudonimo de um oficial da Fôrça, que o adotou ha muitos anos, e como usá-lo nesta revista pode acarretar-lhe a responsabilidade de conceitos a que porventura seja contrário passamos a adotar o pseudonimo de Centurinha.

SILVA, MONTEIRO & CIA.

BARBANTES, FERRAGENS, TINTAS E MATERIAIS PARA
LIMPEZA E HIGIENE

Rua Paula Souza, 208 - S. 15 e 17
TELEFONE 4-8633

Caixa Postal, 1318
SÃO PAULO

Os vencimentos dos militares

(Palestra proferida pelo dr. Aduacto de Souza Castro no programa radiofônico "Justiça e Direito").

(Transcrito de "A GAZETA" de 1-3-48.)

Apresentado pelo general Euclides Figueiredo, acha-se, na Câmara Federal, em estudos, o projeto de auxílio-aluguel que concede aos militares acréscimos de 10, 20 e 30 por cento em seus vencimentos.

O senador Mario de Andrade Ramos acaba de oferecer, ao estudo de seus pares, um projeto que, entre outras medidas de caráter econômico e financeiro, visa proibir, por três anos, quaisquer aumentos ou acréscimos em vencimentos auferidos por funcionários civis ou militares.

Tendo servido no Exército, durante vários anos, em nossa juventude e como oficial da reserva que somos, sem percebermos quaisquer proventos dos cofres públicos, nos sentimos, assim, muito à vontade para tratar desse momentoso assunto que é primordial ao padrão de vida que deve ter o oficial das nossas Forças Armadas.

Conquanto a carreira militar se apresente como sendo uma das mais brilhantes e sugestivas, é, contudo, a mais sacrificada, pois exige de seus componentes espírito de renúncia e abnegação, mercê de um compromisso solene que o militar presta ao ingressar na carreira das armas.

Acrescentem-se a isto as virtudes, chamadas militares, que todo o militar deve possuir: Obediência, dedicação, ordem, disciplina, patriotismo e espírito de sacrifício, que fazem os militares viver a sua própria vida, por isso mesmo, bem diferente da vida dos demais membros da comunidade.

Para ingressarem nas Escolas Militares, além do curso de humanidades, sujeitam-

se os militares a rigoroso exame de seleção e para atingirem o oficialato têm de concluir um dos cursos estabelecidos para cada arma.

Já oficiais, têm que se sujeitar aos cursos de aperfeiçoamento e aos cursos especiais estatuidos para certas funções técnicas, e, não poderão ser promovidos ao Generalato sem os cursos de Estado-Maior e de Grandes Comandos.

Os militares, desde a simples praça de pré ao mais alto posto do oficialato, sofrem grande restrição em sua liberdade de locomoção: assim é que, não podem, sem licença de seus superiores, mesmo em férias regulamentares, se afastar da sede de sua corporação; estão sujeitos a transferências, sem consulta prévia, para os mais afastados rincões de nossa terra, faltando-lhes, dessa forma, estabilidade em sua vida familiar, já pela falta de conforto, nas longas e constantes viagens que são obrigados a empreender, já por terem que se desfazer dos objetos indispensáveis ao lar, que são vencidos, por preço infimo, para tornarem a comprá-los, por preço elevado, nos novos lugares para onde são mandados servir. Há, ainda, a considerar a obrigatoriedade do uso dos uniformes, de custo caríssimo em relação a qualquer traje de uso civil, por mais caro que seja, sem levar em conta as peças de equipamento e armamento que têm obrigação de possuir. E', também, interessante notar que o oficial tem necessidade de vestimenta civil, para poupar os seus uniformes que devem estar sempre em ordem.

Na França e outros países, o oficial goza de certas vantagens, de acôrdo com o tempo de serviço prestado: assim é que há adicionais de 10, 15, 20 e 30%, correspondente a igual número de anos de serviço. Entre nós, nem ao salário-família tem direito. Contudo, e é interessante assinalar, não se verifica, por parte dos militares, o menor movimento de protesto; a êles não cabe protestar; só lhes cumpre obedecer e aguardar.

Contou-nos um nosso amigo, major do Exército, cujo nome não queremos nem devemos declinar, que, tendo sido transferido para esta Capital, achava-se na impossibilidade de trazer sua família, pois que, aqui, com os seus vencimentos, não poderia alugar uma casa para abrigá-la, ou, então, teria de sujeitar-se a habitar num porão si quisesse tê-la perto de si.

Mas, perguntamos, quanto ganhará um major do exército para chegar à situação aflitiva desse nosso amigo? Apenas a irrisória quantia de Cr. \$ 4.750,00. E sabem os srs. ouvintes o tempo que levou êsse nosso amigo a galgar o posto de major? Apenas 30 anos!

Uma casa modesta, para família pequena, não se aluga, hoje em dia, por menos de Cr. \$ 2.500,00. O que resta ao nosso amigo para o sustento da família: alimentação, vestiário, educação dos filhos, uniformes e pequenas despesas indispensáveis. Apenas Cr. \$ 2.250,00. E' de passar!

A experiência estrangeira tem demonstrado, no tocante ao estudo do aumento de vencimentos, em face do aumento do custo de vida, que: 1.º) o custo de vida não pode ser adaptado às remunerações; pelo contrário, as remunerações devem ser adaptadas ao custo de vida; 2.º) quando sobrevém o desajustamento entre os preços e as remunerações, os efeitos são desastrosos para a saúde, disciplina, quali-

dade de trabalho, e, até, para as relações psicológicas e políticas entre os servidores e o Estado; 3.º) o "deficit" orçamentário é justificavel si as despesas governamentais concorrerem para estimular a conjuntura econômica e a elevação do padrão de vida; 4.º) ao contrário, o equilíbrio orçamentário é condenavel si a redução das despesas conduz à estagnação dos negócios e à redução do padrão de vida.

A aprovação do projeto Euclides Figueiredo mais se justifica, si confrontarmos os vencimentos dos militares com os dos diversos servidores públicos deste Estado e da Prefeitura Municipal desta Capital. Começemos pela mais alta autoridade militar em São Paulo, que é exercida por um General de Divisão. Confrontemos os seus vencimentos com os dos Desembargadores do nosso Tribunal de Justiça e com os dos diretores do Departamento da Prefeitura:

General de Divisão, 8.700,00; Desembargador, 15.000,00; Diretor do Departamento Jurídico, 14.166,70.

Vejamos, agora, o posto inicial do oficialato que é o 2.º tenente. Comparemos os seus vencimentos com os dos juizes de 1.ª entrância e com os dos engenheiros da Prefeitura de padrão inicial:

2.º tenente, 2.600,00; Juiz de 1.ª entrância, 5.500,00; engenheiro padrão inicial, 5.500,00.

Verifica-se, assim, que a mais alta autoridade militar, em São Paulo, percebe pouco mais da metade do que percebem os Desembargadores do nosso Tribunal de Justiça e o diretor do Departamento Jurídico da Prefeitura. E que um 2.º tenente percebe menos da metade do que percebe um juiz de 1.ª entrância e um engenheiro da Prefeitura de padrão inicial.

Si compararmos os vencimentos dos militares com os dos funcionários da Câmara do Distrito Federal, verificaremos os se-

guintes absurdos: — diretor da Secretaria — Cr. \$ 8.250,00, mais que os vencimentos de um general de Brigada; diretor do Expediente — Cr. \$ 6.750,00, mais que os vencimentos de um Coronel; encarregado do Pessoal — Cr. \$ 5.250,00, mais que os vencimentos de Major; marceneiro — Cr. \$ 4.500,00, mais que os vencimentos de um Capitão; encarregado da limpeza — Cr. \$ 3.900,00, mais que os vencimentos de um 1.º Tenente; oficial legislativo de menor categoria — Cr. \$ 3.300,00, mais que os vencimentos de um 2.º Tenente; dactilógrafo — Cr. \$ 2.500,00, mais que os vencimentos de um Aspirante a oficial; pintor — Cr. \$ 2.250,00, mais que os vencimentos de um Sub-Tenente; servente ou faxineiro — Cr. \$ 1.950,00, mais que os vencimentos do mais graduado dos sargentos.

Por tudo que acabamos de constatar e tendo em vista que o custo de vida está em elevação sempre constante, podemos concluir que, quando vier a ser transfor-

mado em lei o projeto Euclides Figueiredo, esse auxílio não mais satisfará as necessidades dos militares, sendo preciso novo projeto para atender às novas condições de vida desses servidores da Pátria.

Por que, então, não cuida já o Congresso do reajustamento de seus vencimentos e da estabilização do custo de vida, de modo que possam eles ficar a salvo das surpresas que diariamente, se apresentam no tocante ao aumento do preço das utilidades mais indispensáveis?

Congelar salários, ordenados ou vencimentos, como pretende o senador Mario de Andrade Ramos, sem estabilizar o custo de vida, é medida anti-econômica e contraproducente, que não resolve a nossa precária situação. E' preciso que se estabeleçam medidas inteligentes, visando o setor econômico e financeiro do país, para que se possa equilibrar o orçamento, sem a estagnação dos negócios e sem a quebra do padrão de vida do nosso povo".

ARGUS MERCANTIL LIMITADA

ATACADISTAS

Alameda Barão de Limeira, 212

Telefone 4-6549 - SÃO PAULO - Caixa Postal 3529

TECIDOS DE LÃ E ALGODÃO
ARTIGOS MILITARES

Fornecimentos às Repartições Públicas e à Fôrça Pública do Estado de São Paulo.

SEARA ALHEIA...

Seara alheia continua neste número o vigoroso artigo do Cap. Octavio Alves Velho, extraído de "A Defesa Nacional": A claresa meridiana das suas asserções e sua palpitante realidade tornam desnecessárias quaisquer observações completivas.

PROGRAMAS

Em anexo ao presente ensaio, resolvemos apresentar alguns *Pontos de partida* para a organização do ensino da Psicologia e da Pedagogia em nosso Exército, cujo estabelecimento, a nosso ver, é *imprescindível e inadiável*.

Dentro da orientação aludida anteriormente, e para imprimir um cunho deveras científico e atual às nossas sugestões, recorreremos aos preciosos conselhos de três grandes autoridades no assunto: a Professora *Noemy Silveira Rudolfer* e os Professores *Jovino Guedes de Macedo* e *Cecília Castro e Silva*.

A primeira, ex-Chefe do Laboratório de Psicologia Experimental do Instituto de Educação de S. Paulo, é hoje a catedrática de Psicologia Educacional na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e na Escola de Sociologia e Política da Universidade daquela mesma cidade; quanto aos últimos, são seus ajudantes na citada Faculdade de Filosofia. A todos devemos infinito agradecimento pela valiosa e considerável ajuda, sem a qual pouco teríamos podido fazer.

CURSO DE PSICOLOGIA

MILITAR

Este curso visa dar, tão objetivamente quanto possível, compreensão sistemática dos problemas da Psicologia, cuja definição seja de auxílio para o Oficial do Exército, como elemento integrante da Nação e como condutor de homens. Será finalidade fundamental habilitar o Oficial a ajustar-se aos problemas de comando e subordinação, às interações sociais, a compreender a própria personalidade e possibilidades intrínsecas e extrínsecas, a manter ou ganhar a integração necessária ao sucesso na profissão e na vida.

Cada assunto deverá sempre, de início, ser tratado indutivamente: — *a generalização sempre após a observação dos fatos objetivos, tanto quanto possível colhidos pelos próprios alunos*. (Cadetes ou Oficiais). Posteriormente se dará a dedução, para capacitar o aluno a aplicar o aprendido em situações reais, novas, e até mesmo imprevistas.

Maior valor terão os debates coletivos e a solução individual de problemas, que as preleções de classe. Seminários, grupos de debate, pesquisas, cursos de leituras — serão métodos preferidos às preleções.

Poder-se-á fixar, em princípio, a distribuição de tempo do quadro abaixo:

CURSO		TRABALHOS		OBSERVAÇÕES
		Preleções e conferências	Pesquisas, debates, etc.	
Na Escola Militar	1.º Ano	60 %	40 %	Os trabalhos práticos serão feitos coletivamente
	2.º Ano	50 %	50 %	Orientarão as turmas de pesquisas do 1.º ano
	3.º Ano	40 %	60 %	Trabalhos práticos individuais
Na tropa	Aspirantes	20 %	80 %	As sessões teóricas limitar-se-ão à discussão e esclarecimentos das dúvidas surgidas na atividade diária
	Subalternos	10 %	90 %	As sessões teóricas terão por fim manter em dia os conhecimentos científicos

1 — Objeto, campos e métodos da Psicologia. A Psicologia aplicada à vida militar.

2 — *O comportamento como reação total do organismo e da pessoa.* Os comportamentos típicos na vida militar.

3 — *Hereditariedade e ambiente.* A interação hereditariedade-ambiente, como fundamental na consideração do militar, por parte do Oficial. O ambiente militar: objetivos; estrutura; definição de funções; hierarquia; corpo de conselheiros, supervisores e informadores. Valor do conhecimento dos antecedentes hereditários e ambi-

entes do militar. Métodos de estudo, especialmente o estudo do caso individual.

4 — *Diferenças individuais.* Influência da variação de sexo, idade, cultura e de experiência no comportamento dos indivíduos. As "vivências" culturais do civil e do militar. Estudo de casos individuais.

5 — *O desenvolvimento físico e psíquico.* As, assim chamadas, etapas do desenvolvimento. A atitude do Oficial perante o nível de desenvolvimento do subordinado. A hierarquia militar e os níveis de desenvolvimento.

- 6 — *O comportamento fundamental inato.* Tipos. Evolução.
- 7 — *O comportamento instintivo.* Evolução. Ação social sobre os impulsos instintivos. As tendências instintivas e a disciplina militar.
- 8 — *O comportamento emocional.* A evolução das emoções no indivíduo, do ponto de vista de suas causas, número e manifestações. A emoção na vida militar. O medo perante a insegurança da vida na guerra. Medo e coragem. Papel do chefe (líder) militar na vida emocional dos subordinados.
- 9 — *O hábito e a reação condicionada.* A integração dos hábitos durante a evolução individual. A formação de hábitos na vida militar. Hábito e disciplina.
- 10 — *O comportamento inteligente.* Observar; abstrair; generalizar e aplicar. Solução de problemas. Prever e criticar. O nível de desenvolvimento mental e sua mensuração. A seleção de militares pelo nível de desenvolvimento mental. Tipos mentais. O tipo mental do Oficial perante a situação profissional. Influência do nível mental do militar na sua atitude e realizações na vida profissional.
- 11 — *Do agradável e do desagradável.* Motivos, necessidade de incentivos. Os motivos fundamentais do ser humano e suas manifestações na vida militar: desejo de segurança, desejo de prestígio, desejo de aventura, desejo de correspondência. A vida militar e a frustração de motivos. Mecanismos de racionalização, introversão, compensação e fuga. Os motivos como fatores de bom e mau ajustamento na vida militar. Redefinição de motivos do civil quando sorteado. Estudo de casos individuais.
- 12 — *O comportamento social.* Ambientes sociais a que se ajusta um ser humano. Evolução dos ajustamentos sociais durante o desenvolvimento individual. Sugestão e sugestionabilidade. O comportamento social do militar. A sociabilidade do militar. Vida social do civil e do militar. Estudo de casos individuais.
- 13 — *O comportamento moral e sua evolução.* Papel do nível de desenvolvimento moral do militar, sua atitude perante os superiores e a obediência. Estudo de casos individuais.
- 14 — *O comportamento religioso.* Evolução. A religiosidade do militar como fator de importância nos ajustamentos à vida militar, sobretudo na guerra. Estudo de casos individuais.
- 15 — *O comportamento afetivo.* Evolução. A censura social e a frustração de impulsos afetivos. Fixações, repressões, perversões, derivação e sublimação afetivas. Afeição e subordinação. Estudo de casos individuais.
- 16 — *Aprendizagem e aprendizado.* Evolução da experiência: integração e individuação. As curvas de aprendizagem e de esquecimento. Como enfrentar

tar os platôs (ou paradas), os erros e os esquecimentos na aprendizagem. A situação militar como propícia à aprendizagem, sobretudo de valores cívicos. A transferência de objetivos, ideais, valores e atitudes, adquiridos durante a vida militar, para a vida civil do reservista. O oficial como educador "sui-generis".

- 17 — *A personalidade.* A inter-ação hereditariedade-ambiente na organização da personalidade. O ambiente social e a personalidade. Evolução da personalidade. Mensuração da personalidade. Tipos psíquicos de militar e tipos de comportamento. A variação no tratamento de militares em função de seu tipo psíquico. A

integração e desintegração da personalidade na vida militar, sobretudo na guerra.

- 18 — *A "vivência" cultural do militar.* O militar como pessoa, como cidadão, como profissional.

Observações — Este programa poderá ser objeto do curso da Escola Militar, e comum a tôdas as Armas. Poderá mesmo, em todo ou em parte, ser aplicado às escolas de formação de oficiais dos Serviços e da Reserva, que também não podem prescindir atualmente dos conhecimentos fundamentais de Psicologia. Deverá ser associado ao estudo da Sociologia, já existente, e, se possível precedido de breves noções de Biologia (aliás, esta parte poderia ser objeto do exame de admissão às escolas de formação).

A CAPA DESTE NUMERO

A capa deste número é dedicada ao 394.º aniversário da cidade de São Paulo, comemorado a 25 de janeiro p. passado.

No primeiro plano vemos em desfile o Batalhão de Guardas da Força Pública, envergando seu vistoso uniforme de gala, do mesmo feitio e cores do usado pelos antigos milicianos da corporação, sob cuja guarda São Paulo cresceu. — Ao fundo, uma fotografia parcial da moderna metrópole Paulista.

Contemplando-a reportamo-nos, numa rápida visão do seu passado, àqueles primeiros dias quando estas plagas ainda eram somente os "campos de Piratininga", nos quais Anchieta plantou a Cruz que, como

disse Ibrahim Nobre, "floresceu, num milagre de fé". Pensamos em sua infância de lento crescer, que passou, às mãos dos titans humanos artífices da geografia pátria. Depois, o Grito da Independência, a que foi predestinada servir de teatro, já no século XIX, no correr do qual ela recebeu o impulso que haveria de transformá-la na cidade tentacular do presente, "fruto grandioso de um labor no qual seu povo empregou a mais formidável energia".

Por seu passado e por seu presente São Paulo é motivo de orgulho Nacional. Seu porvir, por outro lado, é uma esplendente certeza. — AVE SÃO PAULO!

SECCÃO DOS LEITORES

MILITIA acha-se francamente jubilosa com a acolhida que teve. Manifestações verbais de admiração e apôio, choveram. As críticas de sentido destrutivo foram tão poucas, que podem ser consideradas como exceção, diluídas em um oceano de aplausos e críticas construtivas. Infelizmente essas manifestações estimulantes deveriam ter sido escritas, a fim de que os nossos leitores tomassem conhecimento delas e se sentissem tentados a imitar o gesto daqueles cujas correspondências estamos publicando, os quais não ficaram nas louvaminhas verbais e se abalaram a enviar-nos os seus apreciados pontos de vista.

Por considerar sumamente interessante, publicamos hoje a carta do Tenente Rubens Martins, sublinhando a sua mais importante idéia, qual seja a de se mandar ler para as praças em geral, acompanhando a leitura de indispensáveis comentários, o artigo publicado nesta revista em seu primeiro número, "Soldado de S. Jorge", no qual é relatada a vida exemplar de um soldado da Fôrça que se notabilizou pelo rigoroso e inteligente cumprimento do dever profissional, sempre o fazendo de maneira a deixar a sua corporação em situação brilhante perante o povo. Eis a interessante carta:

O GRANDE HUMILDE

"É possível atingir-se ao mais alto grau no conceito popular sem outras bagagens que a disciplina, o espírito da concórdia e o amor ao próximo.

Comprova esta asserção o magistral artigo "Soldado de S. Jorge", de autoria do Ten. Monte Serrat, que

poz em relêvo a vida de simples soldado relegada ao início de fatal esquecimento.

O magnífico trabalho do oficial futuro, além de apresentar-nos em pinceladas preciosas, a biografia do humilíssimo Bentinho de Piracicaba, conseguiu, com habilidade oferecer-nos uma página de civismo edificante.

Pedimos permissão a quem de direito para sugerir fosse levado a cada praça da Fôrça Pública, o conhecimento do exemplo daquele velho soldado, que até vésperas de morrer fez do dever a cumprir a mística à que se identificou.

Há, na apreciada descrição do aludido oficial, sentido filosófico tocado de conhecimento profundo dos destinos da organização a que pertence.

Dá-nos a perceber que a centenária Fôrça Pública será cada vez maior, com a condição de não se descuidar dos alicerces do já apreciável monumento conquistado à custa de tantos sacrifícios e de tanta abnegação.

Esse soldado que nunca ouvira falar do afamado livro "Como fazer amigos e influenciar pessoas", conseguiu aureolar-se da admiração popular, cultuando a disciplina e o acatamento ao direito do próximo.

O trabalho que nos sugeriu estas linhas, podemos asseverar sem receio de contestação, será, através dos tempos, leitura preciosa, nas aulas aos iniciados, pela interpretação que comportam suas linhas. Muitos comentários estará, por certo, rece-

bendo o estudioso oficial, com expressões certamente as mais justas pelo êxito, aos quais juntaremos estas linhas de admirador da honrada Milícia que tanto tem enobrecido o Estado Bandeirante e o Brasil.

"Militia" que contou em seu primeiro número com magníficas, aprimoradas colaborações, brindou-nos com a do aludido moço que aparece nas letras, com os aplausos dos seus comandantes e comandados, pela pureza de sentimentos e pela cooperação cívica tão necessária nos dias que passam.

O Revm^o Pe. De Marie nas suas apreciadíssimas palestras realizadas nos auditórios da "Gazeta", subordinadas ao título "Psicologia Prática" usou desta sentença, encerrando as conferências, exortando aos ouvintes a dizerem sempre: "O mundo será melhor porque vivo".

O Bentinho de Piracicaba que das palestras não lhe fôra dado saber, pois falecera anteriormente às referidas preleções, em cada dia de trabalho no tribunal de sua consciência sentia por certo, a própria alma repetindo-lhe: "O mundo será melhor porque vivo".

Que o humilde soldado José Bento Silva seja o paradigma de quantos militam na caserna da Fôrça Bandeirante, redobrando assim o conceito já gozado pela corporação que tanto tem dignificado nossa terra".

S. Paulo, 26-1-48.

Rubens Martins

Do interior onde se acha destacado, enviou-nos o tenente Alberto Gonçalves de Moura, uma missiva congratulatória

onde se destacam palavras de entusiasmo e estímulo para a Fôrça, o Clube e a Revista.

Entre outras expressões de comunicativa alegria, eis como o ten. Alberto se refere a "Militia".

"Embora privado de um contacto mais direto com os prezados camaradas, em virtude de estar destacado no interior do Estado, não quiz deixar passar tão excelente oportunidade para congratular-me com a Fôrça Pública, por vosso intermédio, em face dessa formidável realização tornada possível por uma plêiade dinâmica de moços, seus idealizadores. Consigno ainda, nestas linhas, o fato de não me faltarem felicitações e elogios trazidos a mim, pelos vários amigos aos quais exhibi, envaidecido, "MILITIA".

Eis como o major Franklin Robilotti se manifestou em sua carta dirigida à nossa redação:

"Como um dos fundadores e colaboradores que fui da "Revista Militar Paulista" e ainda secretário e gerente do "Veterano", revistas essas que por motivos imperiosos e alheios à vontade de seus dirigentes deixaram de existir, não posso de maneira alguma, desinteressar-me por essa nova revista da nossa querida Fôrça Pública".

Embora grata pelas palavras gentis e ao mesmo tempo calorosas com que a mimoseiam os seus admiradores, "MILITIA" considera-se ainda não atendida no apêlo que fez no seu primeiro número. MILITIA precisa ser, de vez em quando, "topada", não ha dúvida, pelo carinho de seus leitores. Entretanto,

para que ela possa se apresentar mais bonita, mais agradável, mais interessante para todos os sabores, é preciso que sejam apontados os seus defeitos e senões inevitáveis, sem se perder de vista que tais defeitos para serem sanados precisam da inteligente colaboração do leitor, o qual deve indicar o melhor caminho, quando possível, para a sua eliminação. Mas não é só da eliminação dos defeitos que MILITIA deve cuidar. Ela precisade sugestões, muitas sugestões, no sentido de crescente melhora. O

que poderá interessar ao soldado? O que atrairá a família dos oficiais? O que agradará ao oficial do interior? Que coisas devem ser publicadas para que melhore a sua feição gráfica?

Os nossos leitores, especialmente aqueles que se acham tomados de entusiasmo pelo primeiro número de MILITIA, devem colaborar com ela apresentando idéias de aplicação exequível, ajudando-a a ser o que deverá ser um dia — UMA GRANDE REVISTA DA FORÇA.

RETIFICANDO...

Com esta nota retificamos algumas informações inexatas que esta revista publicou em seu primeiro número, (páginas 37 e 42) referentes ao nome do idealizador da Caixa Beneficente da Fôrça, à fundação da Escola de Educação Física e à instalação da primeira sala de esgrima no Brasil. As retificações que temos a fazer são as seguintes:

— O propugnador pela fundação de nossa Caixa Beneficente é o Gal. José Feliciano Lobo Viana, ainda vivo, residente no Rio de Janeiro. Ao tempo, em 1894, êle era ainda capitão do Exército e servia na Fôrça comissionado no posto de Tenente-Coronel, como comandante do Corpo de Bombeiros.

— A Escola de Educação Física da Fôrça Pública é a mais antiga do Brasil, efetivamente, mas não a segunda da América do Sul. A argentina e a chilena foram criadas em data anterior à nossa.

— A Sala de Armas fundada pelo Cel. Pedro Dias de Campos no Quartel da Luz, a 15 de julho de 1902, não foi o primeiro núcleo organizado do ensino da esgrima, no Brasil. Aqui mesmo em São Paulo, êsse illustre oficial superior criou, no meio civil, mais de um lustro antes, outros centros esgrimísticos. Mas, êstes últimos ainda não gozam dos foros de primazia. Aqui, em Piratininga, no tempo de Castro Alves, antes da República, já havia na Faculdade de Direito, um professor de esgrima, de nacionalidade alemã, que lecionou aos alunos do velho Convento Franciscano. No Exército, D. Pedro I baixou documento recomendando o Ministro da Guerra a mandar os oficiais frequentarem aulas, às ordens de um Professor que o documento não cita o nome. A Marinha contratou um mestre de armas português, em 1858.

Página Feminina

Maria Lucia

A moda dos vestidos compridos está aí. As elegantes já a estão lançando em São Paulo. E, em breve, todas nós, teremos que reformar completamente o nosso guarda roupa. Nada poderá ser aproveitado porque a mudança foi mesmo revolucionária. Por isso, lembramo-nos de fazer esta crônica.

TAILLEUR



Este modelo foi visto na semana passada usado por elegante dama da nossa sociedade. Note-se que a saia, no tailleur, estreita em baixo

OS VESTIDOS COMPRIDOS

Todas as grandes cidades do mundo civilizado sofrem, atualmente, de

uma doença cujos sintomas, tomando as pobres vítimas em todo o seu corpo, sem deixar livre uma parte sequer, transforma os seus pobres filhos, germens causadores da própria moléstia, em baratas atarantadas que de tudo precisam, mas que nada conseguem. E' o abandono dos campos pelas cidades grandes, o abandono da lavoura pela industria. E as cidades ficam atacadas pela doença chamada superpopulação.

São Paulo, porém, parece a mais atacada dentre todas do mundo. Está com "Superpopulite" aguda. O paulistano, coitado, disputa o pão, a casa e o meio de transporte como um cão disputa o osso. A luta maior é a pela condução, nas primeiras horas da manhã e nas últimas da tarde, luta essa entremeada de pequenas outras lutas, nas horas intermediárias: são operários, comerciários e bancários, professores e médicos, de todos os sexos e classes, que disputam os democráticos meios que os levam para o trabalho e, centenas de latas de sardinha "marca bonde" ou "marca onibus", vão se movimentando pelas ruas, na sua triste e eterna marcha.

E, num momento desses, lá longe, num país distante, um costureiro de bigodinhos finos, decretou que os vestidos seriam compridos. E as mulheres, maravilhadas com a "arcaica novidade", obedeceram a ordem. E os vestidos, mais do que esperava o costureiro, foram descendo, mais e mais, até os tornozelos, quasi. Es-

tética? Isso é costume. Logo acharemos feios os vestidos curtos.

As Évas esquecem-se, porém, de uma coisa: que não estamos mais nequeles tempos dantanho, em que a moça, para sair, ia num romântico tilburí, ou em seus passinhos miudos, em pressa por que a pressa não existia, tomar chá com uma amiga, ou dar uma lição de piano. Não havia fábricas, lojas e repartições onde, hoje, formiga o sexo fraco.

Agora, a coisa é toda outra. A disputa pela condução, as lutas nas lojas para conseguir comprar alguma coisa, os encontrões pelas ruas movimentadas, tudo conspira contra a "novidade".

Acontecerá o "imprevisto-inevitável". A posição das mulheres será medida pelo comprimento das suas saias, variando êsse comprimento em função do modo de vida de cada uma: as que lutam diariamente com conduções difíceis em caminho do emprêgo, saias curtas; as que, trabalhem ou não moram em bairros melhores, de condução bôa e farta, vestidos pela canela; e, finalmente, as gráficas, as que só andam de automóvel, as que só saem para chás e compras em estabelecimentos de mui requintado gosto, essas, então, vestidos até os tornozelos. Isso para ficarem bem diferentes das outras. E aí da que estiver com o vestido um pouco menos comprido. Terá um como que letreiro na testa: não sou do grupo.

XAROPE DE AGRIÃO

O xarope de agrião é, como diziam os antigos, um "santo remédio". É facilimo de fazer-se. Para isso,

limpa-se um maço de agrião e depois, com um pilão, soca-se, até transformá-lo numa pasta; essa pasta é esprimida num pano, retirando-se todo o suco possível. Adoça-se o suco, levando ao fogo. Após ferver algum tempo retira-se e coa-se, guardando-se num vidro. Êste só será arrolhado depois de frio o xarope.

*

TORTA ALEMÃ

Esta torta divide-se em duas partes: Massa e Creme.

Massa: 100 grs. de açúcar; 100 grs. de farinha de trigo; 100 grs. de manteiga; raspa de um limão; 2 ovos inteiros e uma colher de chá com fermento. Mistura-se êsses ingredientes, amassa-se muito bem, coloca-se em uma assadeira untada com manteiga e vai ao forno.

Creme: 1/2 k. de requeijão, passado na peneira; passas sem caroço; raspa de um limão; 2 ovos; uma colher de chá com maizena e açúcar a gosto. As claras são batidas e juntadas por último.

Êste creme é colocado sôbre a massa quando esta se achar corada, voltando, tudo, ao forno, novamente.

*

PÃO CASEIRO

Devido a escasses, e má qualidade do pão, atualmente, nós, donas de casa, precisamos abrir concorrência às padarias. Aqui apresentamos uma receita fácil de um delicioso pão.

Ingredientes: 3 chicaras de chá com farinha de trigo; 3 ovos inteiros; 3 colheres de açúcar; uma colher de sal; uma colher com manteiga;

uma colher rasa com fermento e uma chicara de chá com leite.

Amassa-se tudo muito bem, dá-se o formato escolhido levando-se ao forno regular, em assadeira untada com manteiga.

UTILIDADES DO AMONIACO

As manchas de tinta nos dedos saem facilmente passando-se amoniaco sobre elas.

O amoniaco é também empregado, na proporção de uma colherzinha de chá para um litro de água quente, na limpeza de quadros a óleo.

Pentes de chifre, de osso ou celuloide, submergido numa solução de amoniaco a 10% durante algum tempo, ficam como novos.

WHISKY

O whisky deve ser sempre escolhido dentre os de melhores marcas, pois, os de qualidade inferior contém substâncias tóxicas.

SAUDE E BELEZA

Para obtermos uma bonita pele livre de imperfeições e rugas; um sorriso sadio, olhos brilhantes e disposição para a vida é necessário, minha amiga, seguir-se, pelo menos êses conselhos gerais: *sono suficiente*, tendo horas regulares para deitar-se e levantar-se. Só assim teremos um olhar brilhante e satisfeito. *Regime alimentar apropriado*, alimentos frescos preparados com simplicidade e em quantidade suficiente, fornecem ao nosso organismo todas as vitaminas, sais e gorduras de que necessitamos. *O exercício e o asseio* são partes preponderantes desses nossos conselhos.

PEGNOIR E PENTEADO



Eis um lindo modelo de pegnoir. As rendas dão-lhe realce e originalidade. Quanto ao penteado usado pelo modelo é o que há de moderno para a noite

O MILHO

O milho é um alimento que está ao alcance de qualquer bolsa.

E' forte, simples e saudável. E uma infinidade de pratos podem ser preparados com êle. E' excelente como alimento popular pois dá energia aos cansados e fortalece os fracos.

NO DIA DE "REIS"

CAVALHEIRO FREIRE

*Senhor, vós que plantais à beira dos caminhos
a flor que vive bem ao lado dos espinhos;
vós que tendes no olhar divino e soberano
o fidalgo desvelo
de perdoar e esquecer as iras de um tirano,
e ao depois convertê-lo;
que concedeis ao mar selvagens harmonias
de negros furações,
que se tornam depois amenas melodias
de mansos corações;
volvei à terra ingrata um riso de bondade
nesta festa de "Reis",
quando se nos relembra a honra e a majestade
que, certo, mereceis
dos homens, do poder, dos gênios, da ciência!*

*Senhor, é outra a vida e a humana inteligência
prostituiu o pensar :
na terra prevalece, infelizmente, o olhar
da sórdida cobiça
que proscree a razão e o pensamento atíça
para as lutas do mal e as guerras de conquista.
Impera em toda a parte o fim materialista
do feroz argentário,
e surge, a cada passo, oculto entre o tropel
da vida transformada em Torre de Babel,
da inocência o corsário!
Quanta lama se arrasta em meio da torrente
dessa vida fugaz,
que brilha como honesta e engana a muita gente,
hipócrita e falaz...*

*Dai aos homens a paz: aquela paz superna
por que suspiram tanto os nossos corações;
aquela paz divina, aquela graça eterna
que doma, e vence, e extingue as míseras paixões!*

*Senhor, vós que fazeis sair à tona d'água
o caniço que verga aos látegos do vento,
tão humilde e sem mágoa;
aos homens dai, também que o altivo pensamento
se curve reverente
como outróra, em Belem, os magos lá do Oriente,
e aprenda, enfim, no olhar do meigo Salvador
— a imensa lei do amor!...*

Coração piedoso é o que sabe suportar com paciência — os defeitos e as imperfeições dos outros.

Antonio Agostinho.

O que une solidariamente à humanidade é o amor cristão, no sofrimento e na alegria sã.

M.M.S.

FERRO - AÇO - MÁQUINAS - FERRAMENTAS - TINTAS -
VERNIZES - ÓLEOS - ARTIGOS PARA PINTORES - LONAS -
ENCERADOS - CORREIAS - GAXETAS E PAPELÃO AMIANTO

ANTUNES, FREIXO & CIA. LTDA.

IMPORTADORES

Rua General Couto de Magalhães, 222

FONES { 4-6229
4-8626
6-2225

CAIXA POSTAL: 4922

End. Telegr. "An'reixo"
SÃO PAULO - BRASIL

OFICINA DE SERRALHERIA

FABRICA DE PORTAS DE CHAPAS DE AÇO ONDULADAS
Especialidade em trabalhos artísticos — Lustres, Grades, Portões. etc.
Executa-se qualquer trabalho em ferro batido — Solda autogênia
e solda elétrica — Preços módicos.

FRANCISCO CIPOLINI

Trabalha-se tanto para a Capital como para o Interior

Rua Marambáia, 124 — Tel. 5-4592 — SÃO PAULO

Estojozinho

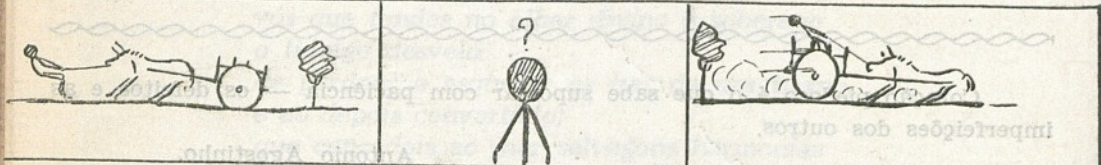


SABEDORIA DA CLASSE

Número 2

— XXX —

Texto e Ilustração de Yol.



— Uma acontece —

NO QUARTEL

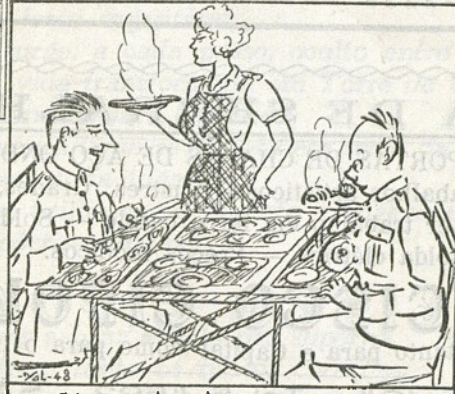
EM CASA



Conselho: Desista de aprender montar e compre uma bicicleta.

- NO SERVIÇO de Subsistência -

No Centro de Instrução Militar



- Ela está boa agora...
- Quem?
- Ora, a boia.

O aluno cometeu uma falta

SISTEMA HOLLERITH

Quanto maior a prole, maior o cheque.

*Um sargento chama-
do Penha, que mora
na Penha, trabalha
no S.F., seção de
empenhos, despe-
nhou do bonde
Penha.*

...o esporte é a vida... e sem a vida não se pode viver.

CONSOLDO DO SOLDADO



- Em casa eu sou o comandante

- Ψ - Desportado - K -
(voto de castigo)
 Com alacans no pulo,
 Cheio de pose camuinha,
 Se continuar desse jeito,
 Vai cair sua igrejainha.

DICIONARIO do Estopim

Cartucho - coisa usada por certos indivíduos para usar vantagem - pode ser verbal, por carta ou mesmo por rádio.
 Vantagem - ato de ganhar mais, ou ter mais regalos, trabalhando igual ou menos que os outros.

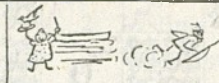
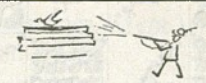
- Cx. Ben. -



Boca do Cofre



G.P.

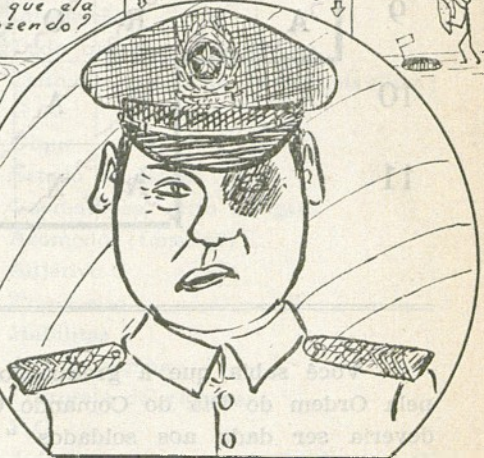


No jogo de pólo

Sabe o que ela está fazendo?



O que que está fazendo no seu aniversário, está lá por aí?



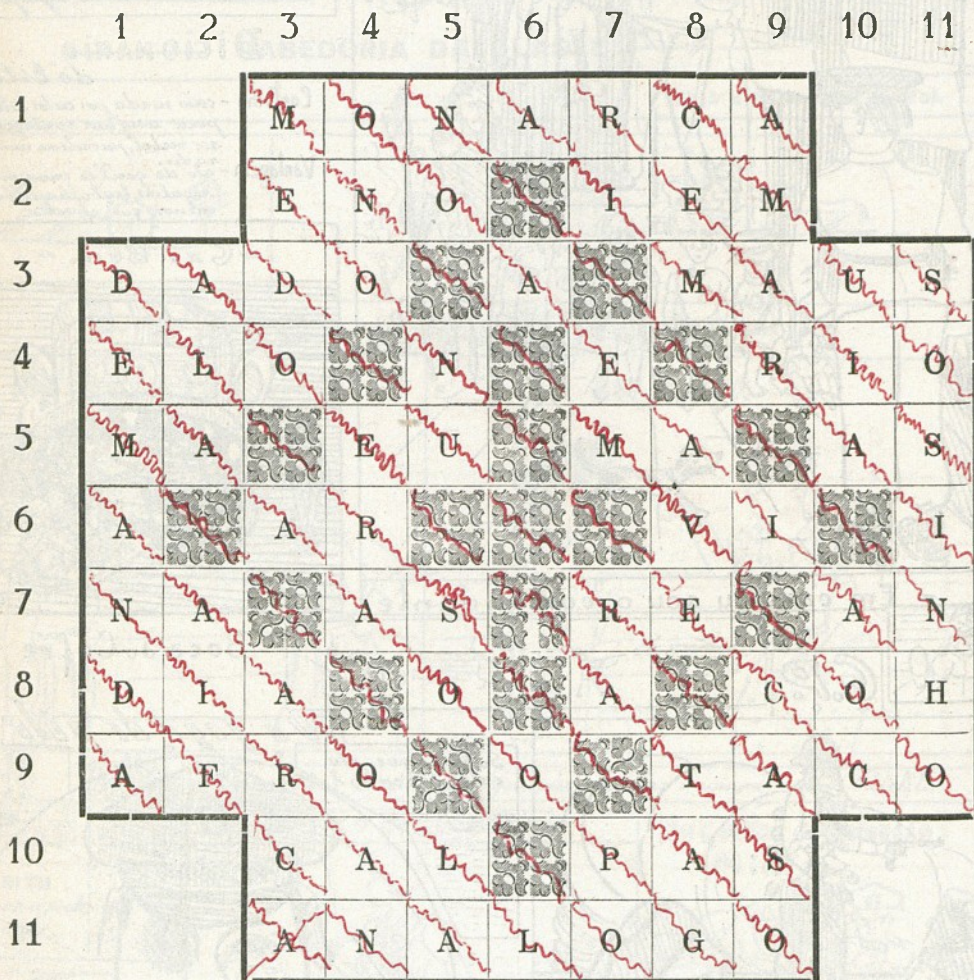
Ele ficou muito perto...

- Esse é do grupo de choque ou é árvore do Natal ?

Não se esqueça que a primeira "fila" foi inventada nos quartéis.

PALAVRAS CRUZADAS

Solução do passatempo oferecido à página 56 do nosso número anterior



Você sabia que a graduação de anspeçada foi criada na Fôrça Pública, pela Ordem do Dia do Comando Geral, n.º 118, de 24 de maio de 1907, e que deveria ser dada aos soldados " QUE SE DISTINGUISSEM PELAS SUAS APTIDÕES MILITARES, DISCIPLINA, ATOS DE CORAGEM E QUE SOUBESSEM LER E ESCREVER" ?

P
A
L
A
V
R
A
S



C
R
U
Z
A
D
A
S

CONCEITOS:

HORIZONTALIS

- 1 Serra do Estado da Paraíba (Inv.)
- 2 Relativo a onomatopéia (fem.)
- 3 Estado do Brasil (Inv.)
- 5 Teixo
- 6 Sufixo feminino
- 7 Botequim
- 11 Madeira brasileira muito rija (Inv.)
- 14 Rei de Bazan
- 15 Compaixão (Inv.)
- 16 Venha cá
- 17 Acomodar
- 18 Discutido (Inv.)
- 19 Sadio
- 20 Pronome (Inv.)
- 21 Tecido finíssimo
- 24 Filha de Inocho
- 25 Afluente do Paraná (Inv.)
- 26 Verme
- 27 Sombrias
- 30 Desanuvio
- 31 Corpo mineral simples
- 33 Contração (Inv.)
- 39 Naquele lugar
- 41 L. M.

VERTICAIS

- 1 Cavalo de batalha de Napoleão
- 2 Lastima (Inv.)
- 3 Nostalgia dos negros da Africa cativos e longe da Pátria (Inv.)
- 4 Fruto da amoreira
- 6 Interjeição
- 8 Tudo que serve de defesa
- 9 Conjunto de animais de um país (Inv.)
- 10 G.A.
- 12 Dique
- 13 Estado do Brasil
- 22 Onomatopéia, grito do gato
- 23 Acomodo (fonetica)
- 28 Adjetivo
- 29 Trapaceiro
- 32 Habilitas
- 34 Ave de rapina
- 35 Corrutela de atenazar
- 36 I.C.
- 37 J.O.L.
- 38 Alguem
- 40 Sobrenome

Carnaval de 1948



Apesar de estar faltando um zero no ordenado das festas foliões, eles ditam-se a valer. MIL TIA focaliza, aqui, flagrantes dos festejos de MOMO nos salões do Clube dos oficiais da Força Pública.



No Centro Social dos Sargentos da
Fôrça Pública os folgedos carna-
valescos estiveram para lá de bo-
Estas fotos dispensam comentário



alte-
do d
MI
i, u
eta
s
a.



SALTO DO CAVALO

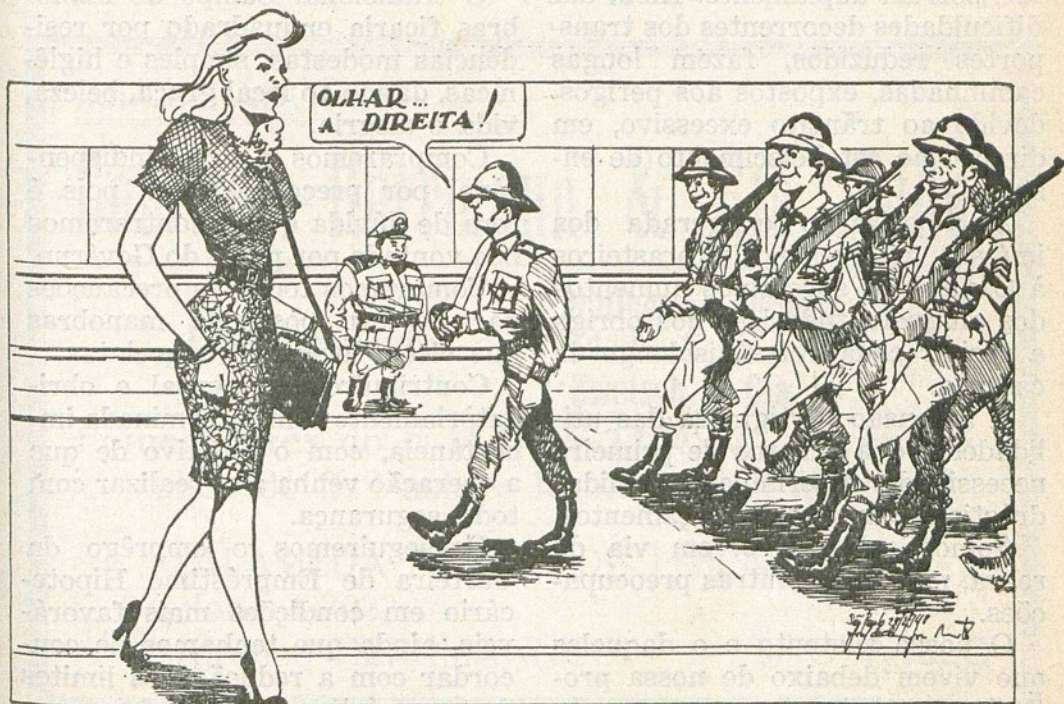
Solução do passatempo oferecido à pág. na 28 do nosso número anterior.

Passatempo oferecido por A. B. M.

ven	do	ca	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do
ca	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do
do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co
co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do
do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co
co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do
do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co
co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do
do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co
co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do
do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co
co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do	co	do

Versos de Paulo Setubal

Guiando os bois do seu carro,
 Que ringe num alto som,
 Nho João, na estrada de Barro,
 Lá vai, pitando um cigarro,
 Cheiroso de fumo bom.
 Com seu enorme trabuco,
 Calça xadrez, pé no chão,
 Na venda do Zé-Macuco,
 Sentado à mesa do truco,
 — Que noites passa nho João !



Por que não cuidamos disto?

L. T. R. S.

Os nossos problemas fundamentais, como homens do povo que somos, dizem respeito à habitação, transporte, alimentação e educação de nossos filhos.

Estamos sempre a braços com um desses problemas.

Viajamos, diariamente, nos estribos dos bondes ou nas perigosas entrevias, disputando um lugarzinho no veículo já superlotado.

Às vezes chegamos ao fim da viagem cansados e enervados. Quando chove nem é bom falar.

Os nossos filhos, em idade escolar, sofrem duplamente. Além das dificuldades decorrentes dos transportes reduzidos, fazem longas caminhadas, expostos aos perigos, devido ao trânsito excessivo, em direção ao estabelecimento de ensino.

A valorização exagerada dos imóveis, a afluência de forasteiros à Capital, os sucessivos aumentos dos alugueis, tudo isso nos obriga a residir cada vez mais longe da caserna.

A ascensão vertiginosa das utilidades e dos gêneros de primeira necessidade determinam medidas drásticas em nossos orçamentos.

Somos soldados e, em via de regra, não temos outras preocupações.

O nosso sustento e o daqueles que vivem debaixo de nossa proteção, as obrigações que nos são

impostas pelas convenções sociais, a impecável apresentação que devemos exibir perante o público, tudo sai de nossos vencimentos.

Poderemos conseguir seja a nossa Caixa a intermediária nas negociações junto aos Poderes Públicos.

Precisamos elaborar um programa, afim de ser submetido à apreciação de nosso Comandante Geral.

Sugerimos, com estas considerações, a possibilidade de se pleitear a construção de uma Vila Militar no Canindé.

O tradicional Campo de Manobras ficaria enquadrado por residências modestas, simples e higiênicas, dando ao local graça, beleza, vida e alegria.

Compraremos a área indispensável por preço razoável, pois é fora de dúvida que encontraremos boa vontade por parte do Governo.

Tomaremos todas as precauções para evitar possíveis manobras que visem lucros ou negociatas.

Contribuiremos mensal e obrigatoriamente com determinada importância, com o objetivo de que a operação venha a se realizar com toda segurança.

Conseguiremos o emprêgo da Carteira de Empréstimo Hipotecário em condições mais favoráveis, ainda que tenhamos de concordar com a redução dos limites dos empréstimos simples.

Acreditamos que a nossa Cruz Azul poderá resolver a questão educacional, porquanto a área existente ao lado do atual Ambulatório presta-se perfeitamente para a construção de confortável Escola Primária. Talvez possamos conseguir até um Ginásio, como prolongamento da iniciativa e continuidade dos estudos daqueles que possam e queiram fazer o Curso Secundário.

Se realizarmos tão grande empreendimento, a própria Escola de Oficiais poderá funcionar com a prata da casa, oriunda de excelente celeiro.

Forneceremos à Cruz Azul os meios materiais indispensáveis à construção do prédio, que será de vários andares, de sorte que o terreno tenha aproveitamento inteli-

gente, sem prejuízo da estética e dos preceitos higiênicos.

Mediante módica contribuição mensal, poremos à disposição da benemérita Instituição o numerário suficiente para o início, continuação e término do modelar edifício.

Contaremos, por certo, com o indispensável apoio do Executivo Estadual e da Prefeitura da Capital.

O nosso Comandante Geral, inteirado da saúde de nossos propósitos, estará conosco nesta jornada positivamente filantrópica e social.

Teremos a colaboração moral e material de nossos companheiros, de onde advirão os fundos que transformarão as nossas idéias em realidade.

Por que não cuidamos disto ?

IMPORTADORES

Conrado Herrmann & Cia. Ltda.

Representantes de: { Guilherme Ludwig
Adams & Cia.
Zwetsch & Cia.

Fornecedores do E. M. I. da 2.ª R. M., Fôrça Pública de S. Paulo e Repartições Públicas

ALAMEDA BARÃO DE LIMEIRA, 33

Tele { fone 4-7022
gráfico HERRMANNCO — SÃO PAULO

Segundo Batalhão da Fôrça Pública

1.º Ten. Calio C. Montes

Comemorou, à 1.º de dezembro passado, singelamente, seu 56.º aniversário de fundação, o 2.º Batalhão de Caçadores. No Boletim Comemorativo que fez publicar; o Comando da Unidade relembrou suas glórias e os serviços que prestou nesse seu mais de meio século de vida.

Diante da brilhante folha de serviços que possui essa unidade, não podemos deixar de relatar aqui alguma coisa de sua história, para conhecimento da atual geração miliciana.

O 2.º Batalhão de Caçadores teve sua origem no 2.º Corpo Militar de Polícia organizado pela Lei n.º 17, de 14 de novembro de 1891, que unificando as corporações policiais militares do Estado de São Paulo, criou a Fôrça Pública. A vida administrativa da unidade iniciou-se no dia 1.º de dezembro, quando o Coronel Rodolfo Gregório de Azambuja baixou sua Ordem do Dia n.º 1, organizando as sub-unidades do Corpo, que tinha o efetivo de 23 oficiais e 700 praças.

Em 1893, foi o nome da unidade mudado para 2.º Batalhão de Infantaria, que conservou até 1931 quando passou a denominar-se 2.º Batalhão de Caçadores Paulista. Em 1934, nova mudança de nome deu às unidades de infantaria da corporação a designação que até hoje conservam — Batalhões de Caçadores.

Creado em 1891, já em setembro de 1893 deixava o batalhão seu aquartelamento, seguindo inicialmente para Santos, com a missão de proteger o Forte Augusto, contra os revoltosos da Armada, e, depois, para o Paraná, onde se manteve até janeiro de 1895, tendo

percorrido várias cidades desse Estado em operações contra os "Federalistas".

Nessa campanha, o 2.º B.I. cobriu-se de glórias, como atestam as elogiosas referências que recebeu dos comandantes das colunas de que fez parte.

Em 1904, seguiu para o Rio de Janeiro, para auxiliar as tropas legais na subjugação da revolta que ali explodira. Na Capital Federal permaneceu por espaço de um mês, havendo sido alvo, por sua ação, dos maiores elogios de parte das mais altas autoridades civis e militares da nação.

A revolta iniciada em Mato Grosso em 1922 motivou novo deslocamento da unidade, que recebeu a missão de guardar as barrancas do Rio Paraná, entre Itapura e Jupia. Permaneceu em operações cerca de 20 dias.

Tendo os revoltosos de 1924 ocupado o quartel do batalhão, parte de seus elementos aderiu à revolução, e o restante ficou com as tropas legais, que depois se retiraram para o Ipiranga.

Cessada a revolução em São Paulo, com a retirada dos revolucionários, foi o batalhão reorganizado, e a 29 de setembro desse mesmo ano seguiu para o Paraná, incorporando-se à Coluna de tropas legais comandada pelo General Cândido Mariano Rondon. Nesse Estado tomou parte em vários combates, entre os quais os de "Rocinha", "Catanduvas", "Formigas", "Tormentas", "Quilometro 230" e muitos outros.

Depois de percorrer o centro e o oeste paranaense, sempre em operações de guerra, voltou a São Paulo a 4 de setembro de 1925.

Apesar das agruras próprias de uma campanha desenrolada em terreno hostil, não desmereceu, o 2.º B.I., do conceito que já havia firmado. Portou-se mesmo de maneira brilhante, marcando sua ação por rasgos de valor, desprendimento e grande amor pela causa pública. Seus oficiais e praças colheram novos louros para a história gloriosa da unidade.

Em 1930, no dia 6 de outubro, marchou o batalhão para a fronteira sul do Estado, onde se manteve em operações até o dia 24, quando cessou a luta, pela deposição do Governo Federal.

Outra página cheia de valor do 2.º B.C. é a que descreve sua ação em 1932. Foi êle o baluarte que defendeu São Paulo no setor da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Desembarcando no "Túnel", em momento critico, consolidou as posições que estavam sendo abandonadas, e aí se manteve em defensiva desesperada cerca de 3 meses. Inicialmente no "Túnel", e depois em "Engenheiro Neiva".

O "DOIS DE OURO" só abandonou suas posições quando ameaçado de desbordamento pelos flancos que haviam sido abandonados por outras tropas. Porém, retirou-se em ordem, carregando seu material e seus feridos, embora sob pressão de um inimigo aguerrido e bem armado. Seus homens fizeram prodígios.

Quando, mais tarde, se escrever a

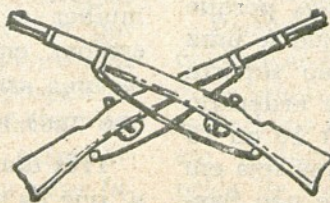
"História" da epopéia máxima dos paulistas para a constitucionalização do Brasil, isenta das naturais paixões políticas pessoais da época em que se passou o fato, o brilhante serviço que o 2.º Batalhão prestou à causa de São Paulo e do Brasil será relatado com a relevância de que se revestiu.

Nessa gloriosa luta, como em outras, o sangue generoso de seus oficiais e praças regou o solo paulista e brasileiro.

Em 1936, ao 2.º B.C. foi atribuído novamente a missão de guarnecer destacamentos policiais na Capital e no interior do Estado, missão que já tivera desde sua criação até 1914, quando passou para o serviço de guarnição paulistana.

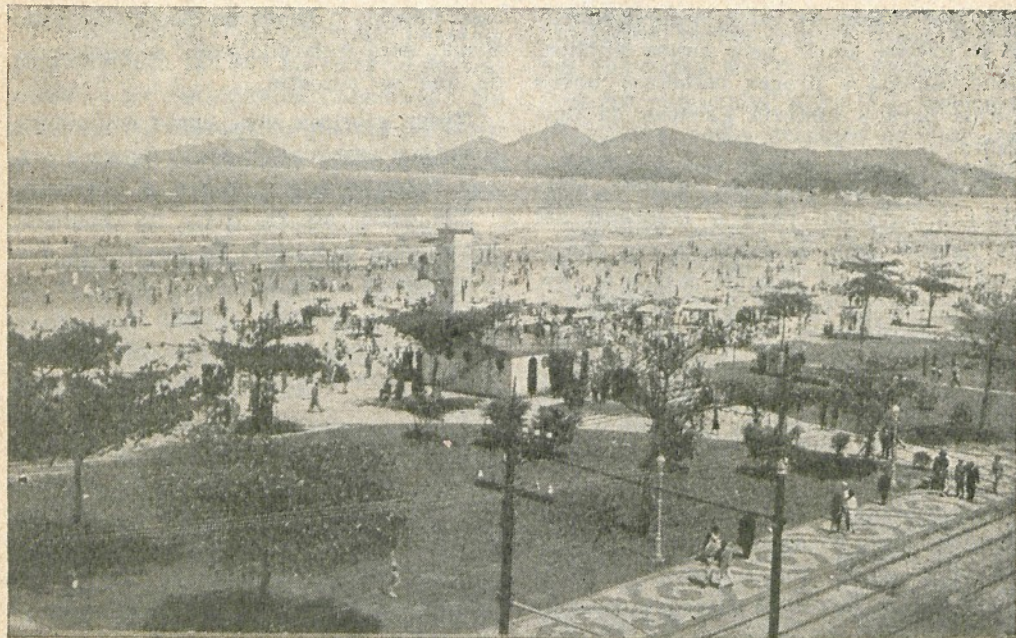
Durante a última guerra mundial, nova e importante missão lhe foi atribuída. A maior parte de seus elementos, assim como de outras unidades de nossa milícia, foi empregada no "Serviço de Vigilância Especial", nos pontos vitais de nosso Estado. O serviço, que por sua própria natureza e finalidade obrigava o emprêgo de energia e desprendimento, encontrou no ânimo e na disciplina do 2.º B.C., a execução que precisava, para ser bem feito.

Com esta evocação dos feitos do 2.º B.C., ao longo de sua mais que cinqüentenária existência, desejamos prestar-lhe nossas homenagens a augurar-lhe, outrossim, um futuro brilhante como o seu passado.



Mais uma Colonia de Férias

Cap. G. R. Scartezini



Aos domingos e feriados as praias de Santos ficam repletas de excursionistas de S. Paulo, que, por algumas horas, se entregam às delícias de suas águas e de seu sol

O mar exerce sôbre nós uma profunda atração, instintiva, por ser talvez a maior expressão da Natureza, a primitiva fonte da vida. Procurámo-lo todos, com fervor, principalmente os que moram nas cidades populosas, vivendo a vida artificial, tormentosa, extenuante, que elas oferecem.

Porém, é certo que a maioria dos cidadãos não pode ir a êle, porque isso importa em despesa que só uma parte menor da população suporta fazer. Os que vivem de ordenado dificilmente poderão feriar 10 ou 15 dias numa praia, mesmo que seja em outra cidade litorânea que não San-

tos. O custo da diária de uma pensão mais modesta não é inferior a Cr. \$ 40,00. Por outro lado, uma estacção a beira-mar não fica só pelo preço das diárias; existem os extraordinários na própria pensão; os extraordinários fóra, em passeios; as despesas de transporte; as despesas com roupas, etc.. Tomando por base uma família de 4 pessoas (marido, mulher e dois filhos), poderíamos estimar em Cr. \$ 1.900,00 o custo de uma estada de 10 dias no litoral, nas mais modestas condições:

Três diárias por dia (note-se que os dois filhos são con-

tados com uma diária só), a	Por dia
Cr. \$ 40,00	Cr. \$ 120,00
Extraordinários de pensão	
(para os quatro)	Cr. \$ 10,00
Despesas fóra da pensão,	
em passeios, etc. (para os	
quatro)	Cr. \$ 20,00
<hr/>	
Total	Cr. \$ 150,00
<hr/>	
10 dias a 150,00 ..	Cr. \$ 1.500,00
Passagem para a família,	
(de S. Paulo a Santos) Cr. \$	100,00
Despesas com roupa, sa-	
patos, etc.	Cr. \$ 300,00
<hr/>	
Total	Cr. \$ 1.900,00
<hr/>	

O cálculo feito corresponde ao mínimo possível; só um indivíduo muito controlado cumpriria êsse orçamento.

Portanto, as férias de menor duração e mais baratas, junto ao mar, ficam em Cr. \$ 1.900,00. E' evidente que um sargento e menos ainda um cabo ou um soldado poderá retirar anualmente de seu vencimento o necessário para cobrir essa despesa.

A recreação deve, todavia, ser assegurada a todos. "Nem só de pão vive o homem". Ela dá a alegria de viver, hoje muito necessária. Uma criatura saudável e alegre está longe de desânimo ou da revolta; é um fator positivo.

Felizmente, já existem diversas colônias de férias, construídas por organizações até menos favorecidas do que a nossa, as quais proporcionam a ferroviários, bancários, comerciantes e operários a possibilidade de irem ao mar, com suas fa-

mílias, para gozarem o bem que êle a todos proporciona, pródigamente.

Quer dizer que a Fôrça Pública pode construir, também, para os seus sargentos, cabos e soldados, uma colônia marítima de férias. Há muito recanto de praia, nas proximidades de Santos ou São Vicente, junto ao qual poderá ser obtido, gratuitamente, o terreno necessário à construção. Uma área de 20.000m² será talvez suficiente para a construção de uma colônia com capacidade para acomodar 80 famílias de cada vez ou até mesmo 100, isto é:

100 quartos de 3 x 4 ..	1.200m ²
Refeitório, cozinha, copa,	
despensa e instalações sani-	
tárias, etc. (área total) ..	800m ²
<hr/>	
	2.000m ²

Área livre de terreno (para	
futuras ampliações da	
colônia)	18.000m ²
<hr/>	
	20.000m ²

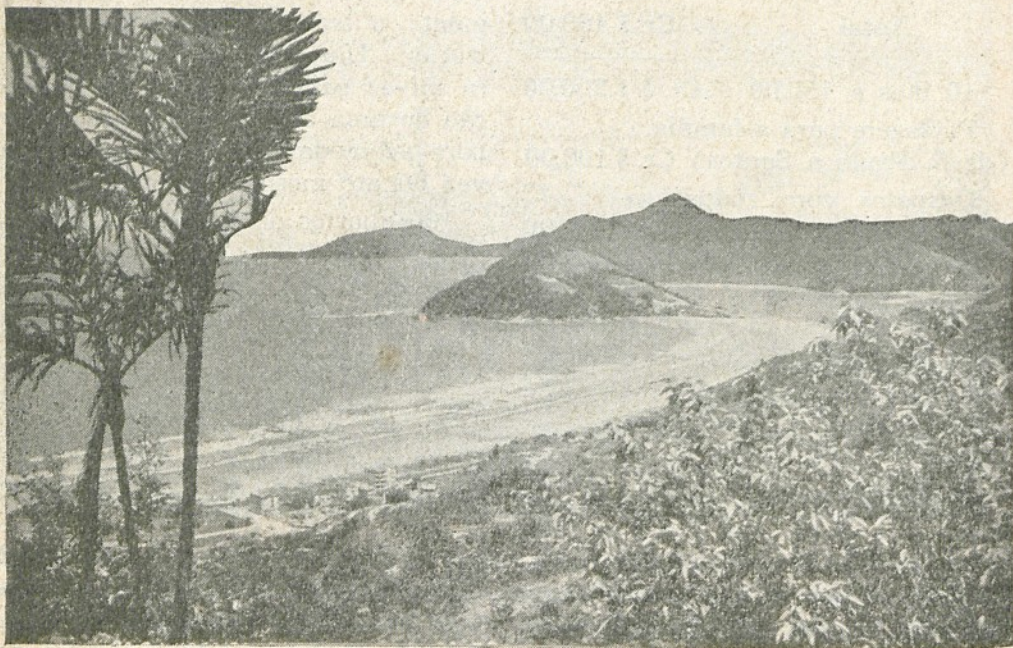
A construção orientar-se-ia no sentido mais econômico possível. A mão de obra seria obtida dentro da própria Fôrça. O Serviço de Engenharia teria a seu cargo a parte técnica. Sendo assim, a despesa estará reduzida quasi que à compra de material. Cada metro quadrado de construção consome aproximadamente Cr. \$ 500,00 de material; para os 2.000 metros iniciais previstos corresponderá uma despesa de Cr. \$ 1.000.000,00.

Poderá ser estudada também a construção da colônia por meio de casas pré-fabricadas, como está sendo adotado na Colônia dos Comerciantes, em andamento já adiantado na praia de Bertiooga, próxima de San-

tos. Todavia, parece que a forma mais razoável, quanto a preço, é a da construção em pavilhões.

Eis aqui um empreendimento que pode ser realizado, certamente com muitas dificuldades a vencer, mas

cujos frutos serão extraordinariamente compensadores. Melhorar as condições de vida do homem e de seus dependentes é obra de dignificação humana, de solidariedade social, de evidente oportunidade nas atuais circunstâncias.



Esta vista é da praia do Itararé, em São Vicente. Como êste existem muitos outros magníficos recantos a beira mar, onde cabe mais uma colônia de férias para a Fôrça Pública

Reserva de quartos na Colônia de Férias de S. Vicente

Comunicam-nos da Secretaria do Clube Militar que a reserva de quartos para a Colônia de Férias de São Vicente está agora afeta ao Cap. Dr. Mário Brasil Cococci, 2.º Secretário em exercício. Os pedidos de reserva deverão ser dirigidos à Secretaria

em documento escrito, do qual deverá constar o nome do sócio responsável pela hospedagem solicitada, nome das pessoas candidatas à hospedagem e respectivas idades, grau de parentesco ou não e período da permanência na Colônia.

DUAS TRAGEDIAS

(Ao eminente e acatado mestre de medicina, Dr. Bomfim de Andrade)

J. Sandoval de Figueiredo

A consciência moral, que é a própria razão, é o conhecimento que adquirimos da existência do bem e do seu oposto - o mal. Não nasce com o indivíduo: forma-se. É o produto de esmerada educação doméstica e escolar, de leituras sãs, de bons conselhos, de ambiente em que predominem a pureza de costumes e os bons exemplos.

Pela consciência é que o homem se torna bom chefe de família, cumpridor exato de seus deveres cívicos. Por ela é que respeitamos os direitos alheios, observando a regra segundo a qual não fazemos aos outros o que não queremos que os outros nos façam. Uma consciência bem orientada é tudo na vida de uma pessoa. O homem instruído, culto é pessoa de quem nada de mal se deve recear. É raríssimo que homem tal, sendo normal, pratique atentado contra a vida alheia ou contra direitos de outrem. Os crimes multiplicam-se unicamente entre pessoas sem cultura, refratárias às boas leituras. Dizia Platão que o "homem se comporta mal porque não sabe", o que se harmoniza com a frase proferida por Jesus ao expirar na cruz: "Perdoai-lhes, senhor, porque não sabem o que fazem". Ignorância é inconsciência. A religião sem cultura, sem consciência educada nos princípios da retidão, de nada serve, ou pouco serve.

Conheci um tipo que, por suas singularidades, era disso amargo documento. Muitos de seus atos esta-

vam em oposição formal com os seus sentimentos religiosos, dos quais não cessava de dar demonstrações públicas. Nele nenhum traço fisionômico revelava degenerescência, adquirida ou atávica. Era homem alegre e folgazão, de hábitos simples e modestos. Alguns de seus atos indicavam apenas acentuada insensibilidade moral determinada pela ausência de instrução e agravada pelo meio em que nasceu e viveu, meio êsse constituído por gente atrasada, destituída de qualquer noção de sociabilidade e de respeito à vida alheia.

Euria!, assim se chamava nosso herói-era duro de coração, indiferente à dor humana. Os lances trágicos que nos outros provocam lágrimas, nele despertavam apenas sorriso. Diz Catarina II, em suas "Memórias", que as cenas mais trágicas, mais emocionantes de um drama francês representado em S. Petersburgo, e que muito a comoveram, não causaram a menor impressão nos espectadores: deixaram-nos completamente frios e indiferentes. Manifestação nenhuma emotiva promoveram os russos, aplaudindo ou reprovando. Que prova isso? Temperamento ataraxico. Nosso herói possuía igual tempera. Nada o impressionava. Encarnação de Demócrito: só sabia rir. Ria alvarmente de tudo. Ria até quando assistia aos crimes mais hediondos. Em certa ocasião presenciou luta trágica entre dois inimigos. Em vez de, humanamente, intervir, procurando separar os contendo-

res e dando-lhes conselhos, estimulava-os na sua linguagem de arrieiro:

— Aí, bamba! Toca p'ra frente, minha gente! Aguenta firme, Chico. Isso, Tonico, Oh! Chico, que miséria de fraqueza é essa? Agora vai mêmo. Corage, caboclos!

Quando Chico derrubou o Tonico e puxou enorme faca:

— Oh! Chico, você e das arábias. Assim, caboclo bom! Isso! Espeta éssa Rio de Contas no buxo do Tonico. Assim! Ah! caboclo dos infernos! Dê cá um abraço, seu diabo! Você é um danado, Chico. Assim é que eu gosto. O Tonico levou a dele. Bem feito. Se não sabe brigar p'ra que se mete? E disparou o revólver no morto, por brincadeira!... E, apalpando o Tonico, exclamou, rindo: Entregou a alma ao demo.

Não passava Eurial por igreja ou ermida sem nelas entrar com o chapéu de couro na mão, a imagem da humildade estampada no rosto cadavérico e queimado, quase que se arrastando como os vermes. Não perdia missa e era dos mais contritos durante a cerimônia religiosa. Não cessava de bater no peito e de rezar. Entretanto, terminada a missa, de regresso ao lar, furava com a ponta da faca os olhos de todos os animais que, saltando ou derrubando a cerca, se encontravam dentro de sua granja. E fazia-o friamente como quem exerce ato lícito e normal. Não receava vinda dos prejudicados porque todos o temiam, tal era a fama de valentão de que gozava naquelas redondezas. Limitavam-se a rogar-lhe pragas de toda a natureza: Esperavam que Satanaz havia de dar fim

trágico ao bandido e levar-lhe a alma para os quintos dos infernos...

Jogador impenitente, caloteiro profissional, amigo de festas rumurosas, era muito dado a conquistas amorosas embora cretino, sem espírito e mais feio do que Quásimodo. A força de dinheiro lograva, às vezes, algumas vantagens junta às mulheres mercenárias.

Quando se embriagava, o que acontecia frequentemente, era presa de maus instintos e queria brigar com toda a gente. Neste estado de inconsciência chegou a praticar muitos atos condenados pelo Código e pela moral. Vai aqui exemplo: Em certa ocasião, em baile a que comparecera com a esposa, entendeu nosso labroste, com a libído que o caracterizava, de querer conquistar u'a moça, filha de um espanhol vendedor de verduras. Essa moça tinha feições agradáveis mas claudicava e o corpo não tinha curvas. Um mostrengo. Percebendo ela as intenções froidianas de nosso herói de fancaria de nenhuma letra mas de muita presunção, recusou-se a dançar com êle. Já estando bêbedo, Eurial promoveu grande escândalo e retirou-se sosinho para sua casa. Atribuiu à circunstância de ser casado a causa do malogro junto à moça. Enfureceu-se então contra a esposa inocente e submissa e, ao regressar esta à residência, espancou-a brutalmente e expulsou-a. Teve a desgraçada que percorrer um quilômetro a pé, por noite escura, estrada deserta para se recolher à habitação de família amiga. Dissipados os vapores alcoólicos, esquecido o despeito de que fôra presa, reconsiderou a proeza quixotesca, pediu perdão à mulher e a recon-

ciliação operou-se. Antes tal cousa não houvesse ocorrido no interesse da malfadada mulher. Mas ninguém torce o seu destino neste mundo, dizem os muçulmanos. E os fatos singulares que se observam diariamente confirmam a superstição.

Eurial era desses homens que só encontram prazer na prática de atos prejudiciais a terceiros. Era a personificação viva do egoísmo. Deliciava-o a embriaguez e tudo fazia para que seus sentidos estivessem perenemente nela mergulhados. Deu-nos a natureza a inteligência para nos distinguir dos irracionais. É, entretanto, certo que vagueiam pelo mundo muitos homens que de racional só têm a fôrma.

Jamais experimentou remorsos por nenhuma de suas ações criminosas. Era natural: Não tendo consciência do que fazia não podia, *ipso facto*, ter arrependimento porquanto uma cousa é consequência de outra. Verdadeiro e autêntico selvagem. Foi lhe funesto o resultado de tanta maldade.

Casado com mulher virtuosa, boa, trabalhadeira, que muito o ajudava nas lides roceiras, por ela se apaixonou um homem rústico das redondezas, rico e malvado. Dizendo que era malvado inútil será acrescentar que se tratava de elemento destituído de educação e de instrução. Desiludido em suas pretensões donjoanescas, pois era sempre repellido em suas tentativas, praticara, como vingança mesquinha, o ato mais abjeto,

mais ignobil, mais infame que um ser humano pôde praticar: Escrevera ao marido, então em viagem, uma carta anônima na qual informava que a esposa não procedia honestamente e andava prevaricando com um moço do lugar. Diante da notícia infausta regressou Eurial a seus penates com a velocidade do relâmpago. Desceu do animal à frente de sua casa, nesta penetrou dementado pela sêde de vingança.

Veio-lhe sua mulher ao encontro e, prazenteira, procurou abraçá-lo. O bruto, repelindo-a com violenta bofetada, que a fez cambalear e cair, sacou de afiada faca e debruçou-se sobre a infeliz indefesa.

Dorina (assim se chamava a desventurada), com os olhos fóra das órbitas, o rosto descomposto pela visão da morte certa, subjugada brutalmente, parecia a estátua do terror. Poucas palavras pôde articular: — Que é isto, Eurial? Você está louco? Que fiz eu?

E implorou-lhe, gritando em espasmo angustioso:

— Misericórdia! Pelo amor de Deus não me mate! Juro pela virgem Maria que não fiz nada! Jesus, tenha pena de mim!

Tudo com a rapidez do relâmpago. Não pronunciou o troglodita uma só palavra. Para que? Dorina era propriedade sua. Agia como dono. Nenhuma explicação achava que lhe devia dar de seu ato covarde e vil.

(Cont. no próximo número)

Você sabia que coube ao nosso 2.º Batalhão de Infantaria a glória de ser a primeira tropa legal a entrar em Curitiba, pondo em fuga os revoltosos que ali se encontravam à 1.ª de maio de 1894?

Boletim n.º 6 da Biblioteca do Hospital Militar da Fôrça Pública

Em setembro do corrente ano iniciou-se sob os auspícios das sociedades "AMERICAN HOFITAL ASSOCIATION" "UNITED STATS PUBLIC HEALTH SERVICE" e "NATIONAL TUBERCULOSES ASSOCIATION", uma campanha cuja finalidade é o exame radiográfico de todos os pacientes e do pessoal dos hospitais de todos os Estados-Unidos da América.

E' o propósito desta campanha prevenir a disseminação da Tuberculose dentro dos próprios hospitais.

A medida que a campanha progride, o exame radiológico chegará a ser um exame de rotina para os 20.000.00 de pessoas que ingressam anualmente nos hospitais ou se inscrevem para obter serviço de ambulatório. Segundo o Dr. Brahdyl, presidente da Comissão de Tuberculose do pessoal hospitalar, a frequência das enfermidades do tórax é duas ou três vezes maior entre os enfermos e os incapacitados de que entre a população em geral, servindo porisso o serviço roentgenológico de rotina como um meio eficaz para se descobrir os casos latentes de tuberculose.

A descoberta da tuberculose pulmonar em seu início por meio dos exames radiológicos feitos em grupos de pessoas que parecem gozar de boa saúde chegou assim a ser uma

das funções do serviço de saúde pública em geral.

A industria, as escolas, os clubes, enfim, todo o mundo tem-se esforçado e organizado para descobrir os casos latentes de tuberculose mediante a roentgrafia.

O lugar e o grupo ideal para tais exames é o hospital, onde o doente é recebido seja porque motivo fôr.

Segundo Russel H. Maxgan da Secção de Radiologia — U.S.P.H.S. é agora, norma geral dos que trabalham para controlar a tuberculose, radiografia de pessoas sem desvestir-se economisando-se assim muito tempo.

EL RADIQUENÕ — Vol. 1 n.º 1.

O Jornal Americano de Saúde Pública traz informações quanto ao valor dos estudos em massa como resultado para descobrir casos de tuberculose.

Os Dr. Eduardo X. Mirol, clínico e Roberto E., superintendente do hospital de Tuberculose (Division of Tuberculosis. New-York Stats Department of Health) informam que "50 a 60% dos casos descobertos pelo estudo em massa da população se apresentam sob a forma de lesões mínimas".

Este estudo refere-se a todo o Estado de New-Yrok com exceção da cidade de New-York.

NO H.M.

Atleta — Quanta febre tenho, "seu" Capitão ?

Médico — Quarenta graus e 5 décimos.

Atleta — E o record aqui, qual é ?

O Esporte no Clube

A esta altura não mais escapa aos nossos olhos que não era possível manter-se o Clube Militar, entidade social dos oficiais da Fôrça Pública de São Paulo, descolorido e sem expressão no setor das realizações esportivas, quando essa Fôrça, sem eiva de afetação podemos dizer, foi a precursora da fisicultura no Estado.

Grande foi o número de sócios a pleitear a criação de um Dpto. no Clube para que se realizasse algo de positivo. E a Comissão tudo fará afim de atender ao desejo geral.

Vae logo abaixo um relato de suas cogitações para o futuro. E se não for possível pô-las em prática, que os substitutos não descurem no alcance dos mesmos propósitos.

Iniciaremos os trabalhos no corrente ano com amplas possibilidades no setor voleibolista, pois, já contamos com diversos quadros à altura. Temos bem presente os feitos deslumbrantes e inesquecíveis do "Militia-A" frente aos 94 quadros amadores da Capital e do Interior. Sagrou-se vice-campeão do grande torneio, consignando brilhantemente sua estréia.

Reiniciaremos os treinos às 4.^{as} feiras à tarde, no ginásio e aos domingos no estádio, ambos da E.E.F..

O basquete, por requerer um treinamento mais severo, terá em breve um técnico da F.P.B. para orientá-lo, à disposição dos afeiçoados, em horário a ser estabelecido.

Treinaremos à noite dos dias de semana no ginásio e aos domingos pela manhã no estádio da E.E.F..

— O futebol também o teremos às 4.^{as} feiras e domingos.

— Para a esgrima nossos associados terão à frente um grande entusiasta, paciente orientador, completo sob todos os aspectos no esporte nobre e cuja fama já transcende as fronteiras do Estado, o Ten. Adauto Fernandes de Andrade. As belíssimas demonstrações que vem realizando pelo interior e as que ultimamente levou a efeito em Santa Catarina, como coroamento dos cursos por êle criados em nossa co-irmã, a P.M. dêsse Estado, presentes as mais altas autoridades quer civís, quer militares do E.N. e da Fôrça, valeram-lhe verdadeira consagração e com isso o respeito e acatamento pelo que é nosso, mesmo em terra estranha.

Esperamos assim que a Fôrça Pública de São Paulo retome, não muito longe, o lugar de principal competidora dos torneios estaduais e interestaduais de esgrima, já que de direito lh'o pertence, como pioneira da modalidade no Estado.

— A natação que tem entre nós perfeitos recordistas, será orientada pelos nossos professores da E.E.F..

— A ginástica de aparelho e de solo, cujas demonstrações põem tão alto o conceito de quem a pratica, pois atesta o índice físico de uma raça forte, contará com a assistência do nossos tão distintos quão competentes especialistas cap. Hamilton, tens. Nóbrega e Pisani.

— O atletismo, também queremos seja o elemento básico, capaz de garantir de futuro louváveis classificações no mundo esportivo, enaltecendo o nome da Corporação quiçá além de nosso território.

Muitos são os afeicionados, que só não se estimulam a treinos por falta de uma orientação geral, no que esperamos não desiludí-los, já que se nomeou uma comissão de esportes no Clube.

Os oficiais instrutores de nossa bem orientada Escola de Educação Física, por alta compreensão do alcance da medida, assistirão com prazer a todos que a êles recorrerem, orgulhar-se-ão mesmo do reconhecimento geral de suas qualidades.

Como não baste ainda, também nossos filhinhos, enquanto domingo nos dedicarmos ao esporte predileto no estádio, entregar-se-ão a exercícios fáceis que se coadunem com a idade, sob a ação benéfica do sol e tecnicamente orientados pelo ten.

Ulisses, que a tal se dispôs espontaneamente.

Dependente de uma reforma no Ginásio, nossas espôsas e filhos poderão aos domingos pela manhã dedicar-se a exercícios leves, sob a orientação eficiente do professoras de Ed. Física, em cujo número se incluem espôsas de nossos próprios colegas.

Excursões periódicas também as faremos, visando a realização de jogos contra equipes do interior, ou mesmo competições internas nas belas praias de S. Vicente, para o que teremos o concurso dos oficiais regimentais sediados fóra da Capital.

E o dia em que tudo isso for uma realidade, teremos a satisfação do dever cumprido

"Prova de Tiro Rápido sôbre Silhueta"

Realizou-se às 8,30 horas de 29 de fevereiro p.p., no Clube de Regatas Tietê, desta Capital, a disputa da "Prova de Tiro Rápido sôbre Silhueta", a 25 metros, para pistola calibre 22.

Defendendo as cores da Fôrça Pública, entre as diferentes entidades participantes, filiadas à Federação Paulista de Tiro ao Alvo, foram inscritos os seguintes oficiais:

- 1.º ten. José Tenório Q. dos Santos;
- 1.º ten. Elio Afonso da Cunha;
- 1.º ten. Saul Brasil Faleiros;
- 2.º ten. Nelson Simões Scheffer.

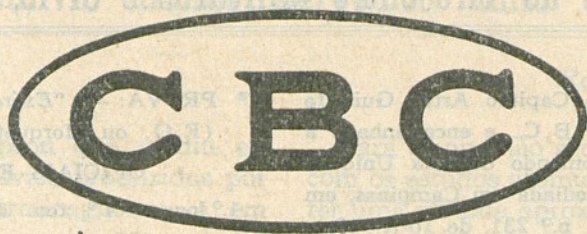
Referidos oficiais alcançaram os seguintes pontos:

- Ten. Elio, com 44 pontos para um total de 54;
- Ten. Scheffer — 43 pontos;
- Ten. Saul — 37 pontos;
- Ten. Quirino — 35 pontos.

O melhor concorrente classificado entre os civis, obteve 51 pontos.

Foi, sem dúvida, um resultado bastante auspicioso o que obtiveram êsses nossos companheiros, e MILITIA os cumprimenta através desta coluna.

Você sabia que desde 17 de setembro de 1893, até 14 de janeiro de 1894, o 2.º Batalhão esteve em operações de guerra contra os revoltosos, inicialmente em Santos e depois no Paraná onde percorreu inúmeras cidades entre as quais: Paranaguá, Antonina, Curitiba, Lapa, União da Vitória e Porto Tupã ?



MARCA REGISTRADA

Companhia Brasileira de Cartuchos

Fabricantes de Munições de Qualidade

AVENIDA INDUSTRIAL, 3330

UTINGA — E. F. S. J. — SÃO PAULO

Departamento de Vendas:

RUA XAVIER DE TOLEDO, 14

7.º andar — Caixa Postal, 1937 — SÃO PAULO

Campeonato de Tiro entre Militares e Civis, no 8.º B. C.

Idealizado pelo Capitão Artur Guisolfi de Castro, do 8.º B.C. e encaminhado à D.G.I., pelo Comando daquela Unidade da nossa Fôrça, sediada em Campinas, em Boletim do Q.G. n.º 231, de 16-X-947, o Exmo. Sr. Cel. Cmt. Geral, reconhecendo como útil e oportuno, autorizou a realização de um *Campeonato de Tiro* no Estande daquele B.C., entre militares e civis, certame êsse que contou na sua primeira realização, com elevado número de oficiais dos diversos Corpos ali sediados e não menos de civis, inclusive duas senhoras

Será êle realizado anualmente, no dia 14 de dezembro, como parte do programa em comemoração do aniversário da Fôrça Pública.

Procurando facilitar aos civis e prática e difusão de tão nobre e útil esporte, bem como um maior entrelaçamento das classes, a nossa D.G.I. baixou instruções aos Cmts. de Unidade, principalmente as do Interior, permitindo áqueles, o uso de armas nos concursos, bem como fornecendo-lhes a munição pelo preço de carga (Bol. Geral n.º 278, de 17-XII-47).

"Militia" faz votos para que, no corrente ano, os oficiais, sargentos, cabos e soldados da Capital e de outros Corpos de Interior emprestem a sua colaboração, inscrevendo-se, o que dará maior brilhantismo e prova de solidarielade da classe

Foi o seguinte o resultado obtido no ano p. passado:

1.ª PROVA: — "*Exército Nacional*"
(F.O. ou Morquetão)

OFICIAIS E CIVIS

1.º logar — 1.º ten. do 8.º B.C. João Sales — 105 pontos;

2.º logar — major do 8.º B.C. Anibal Carvalho dos Santos — 87 pontos;

3.º logar — cap. do 8.º B.C. Artur Guisolfi de Castro — 86 pontos

2ª PROVA: — "*Cidade de Campinas*"
(Pistola ou Revólver)

OFICIAIS E CIVIS

1.º logar — cap. do 8.º B.C. Artur Guisolfi de Castro — 115 pontos;

2.º logar — 1.º ten. do 8.º B.C. João Sales — 114 pontos;

3.º logar — major do 8.º B.C. Anibal Carvalho dos Santos — 108 pontos.

3.ª PROVA: — "*Fôrça P. de São Paulo*"
(F.O. ou Mosquetão)

SUB-TEN. — SGTS. — CABOS e SDS.

1.º logar — sub-ten. do 8.º B.C. João Pinto de Carvalho — 116 pontos;

2.º logar — 2.º sgt. do 8.º B.C. Eduardo Marcelo — 110 pontos;

3.º logar — sd. do 1.º B.C.C.L. Carlos Frederici — 102 pontos

Aos vencedores até o 3.º logar foram oferecidos prêmios em objetos de utilidade e em dinheiro, conforme está estabelecido.

NA DEFESA CIVIL

(Entre mulheres)

— Olhem... acabo de receber uma ordem secreta do Chefe Regional, mas, vocês prometem não dizer uma palavra a respeito?

Agora sim, o mundo curvou-se ante o Brasil

Rolim de Moura

Desde Thompson que mediu e comparou os desvios produzidos por um campo eletro-magnético e em consequência determinou a relação entre a carga e a massa de algo que fluía através de um condutor eléctrico, concluindo por descobrir, por assim dizer, o eléctron, a física corpuscular vem dando passos largos, chegando, após a verificação de existência dos prótons e há pouco dos neutrons, por Chadwick, até à realização revolucionária da bomba atômica.

Homens como Rutherford, Bohr, Einstein, Fermi ou o célebre casal Curie, ligados a essa ciência, são verdadeiros patrimônios de glória dos paizes que os viram nascer, muito embora o gênio, a arte, a ciência, etc. não tenham pátria e sejam, portanto, patrimônio comum do gênero humano.

Porisso nunca é demais salientar a importância do recente acontecimento, de que foi teatro a Universidade da California, em cujo ciclotron, um jovem brasileiro de 24 anos, o já agora famoso cientista Cesar Lattes, conseguiu produzir artificialmente o "meson", membro corpuscular da família atômica, já antes previsto pelo cientista japonês Yucawa.

Na opinião de Lawrence, Lattes acaba de realizar a mais importante façanha científica dos últimos tempos.

O mundo, pois, desta vês curvou-se ante o Brasil.

Para os que não são familiarizados com os estudos atômicos e afim de se ter uma medida aproximada do grande acontecimento, torna-se necessário fornecer umas ligeiras noções da matéria, que a tanto podem se reduzir os elementares conhecimentos de quem êste escreve.

Em 1896 Becquerel verificou que certos corpos emitiam radiações. Com base nessa primeira constatação, madame Curie descobriu o rádio, um corpo simples extraordinário, que emitia radiações e se desintegrava lentamente. Essas radiações mais tarde se verificou serem de três tipos, os quais foram chamados raios alfa, beta e gama. Os raios alfa apresentavam característicos tais que mais tarde supôs-se como ainda se supõe serem núcleos de hélio. Os raios beta, carregados de electricidade negativa, foram também mais tarde identificados como eléctrons. Os raios gama, porém, ao que parece, não apresentam relações que os identifiquem com qualquer corpusculo componente de qualquer elemento da série conhecida.

Tempos depois dessa importante descoberta, Rutherford e Bohr concebem a estrutura atômica como uma cópia de sistema solar, guardando certas relações de força e velocidade que permitiam admitir a semelhança.

Nesse sistema planetar infinitamente pequeno, os eléctrons desempenhavam o papel de planetas e o

núcleo, o de sól. Segundo alguns, os elétrons devem ser animados de movimentos de rotação e translação, movimentos êsses que lhes transmitem virtudes elétricas ou magnéticas.

Anos mais se passaram e surge Mendelejeff que, mediante artificios e cálculos miraculosos, classificou êsses sistemas planetários em 92 unidades, segundo o número de planetazinhos e de corpúsculos que compunham o núcleo. Assim foi que se achou a explicação para o número atômico, o peso atômico, a valência, etc. de cada elemento. Muito antes já se tinha verificado que cada átomo tem um peso determinado. Com a classificação veio a compreensão do porquê. E' que no núcleo, certos corpúsculos de peso 2.000 vezes superior, ao elétron, isto é, os protons, de carga positiva e mais tarde graças à descoberta de Chadwick, os neutrons, formando uma estrutura complicada, com arranjos corpusculares variados, que definem o conjunto, determinaram as diferentes maneiras de se apresentar da massa.

Hoje em dia se sabe que em um átomo se passam vários fenômenos que alteram passageiramente ou definitivamente o seu tipo e a sua natureza. Si os incidentes atômicos se referirem exclusivamente à parte exterior, isto é, aos planetas, o átomo não perde suas virtudes e apenas se aquece, produz energia elétrica ou magnética, voltando em seguida à sua forma permanente. Si, porém,

algo se passar na intimidade do núcleo, então o átomo fica instável, torna-se rádio-ativo ou se desintegra, convertendo-se em outro átomo, ou outros átomos, com extravio de corpúsculos fundamentais como protons ou neutrons.

Presume-se que os raios cósmicos são multidões de protons extraviados.

Os elétrons, porém, são de pouca significação nessa ordem de fenômenos. Êles andam por aí, como planetas desgarrados, sempre prontos a tomar o lugar de um colega que eventualmente se desgarre, indo reconstituir um átomo que porventura tenha perdido seus planetas, seja porque levou um choque, seja porque se traumatizou por uma modificação de temperatura.

E' quasi certo que não nos foi possível dar uma idéia, mesmo elementar, do que pretendemos, dada a curteza dos nossos conhecimentos. Entretanto na posição atual da ciência parece que o átomo continua a não passar de um minúsculo sistema planetário regido por maravilhosas leis de equilíbrio, que só por si justificam cabalmente a existência de uma inteligência sondando sempre a marcha dos acontecimentos, sejam êles infinitamente grandes, sejam êles infinitamente pequenos.

E' nesse campo cintilante de beleza, que mergulha o nosso patricio, o grande cientista Lattes, agora fazendo parte da aristocracia mental onde se encontram os Fermi, os Einstein, os Curie, etc..

Que honra para o Brasil!

Da poesia ao provérbio

Antonio Vieira Filho

2.º Ten.

Saudade palavra doce,
Que traduz tanto amargor.

Saudade é como se fosse
Espinho cheirando a flôr

.....
.....
A saudade é calculada
Por algarismos, também,
"Distância" multiplicada
Pelo fator "Querer Bem".

.....
.....
Sim, sempre temos saudade. Saudade de pessoas distantes, saudade de certa época de nossa vida, saudade de nossa terra enfim, saudade de tudo quanto passou.

É a saudade uma das mais veementes manifestações de nossa alma, chegando mesmo a constituir enfermidade — a nostalgia.

Talvez por essa razão os poetas, intérpretes da alma humana, têm dedicado muitas horas de seus trabalhos à epígrafe — saudade. E dentre esses trabalhos deve ocupar o primeiro lugar entre suas irmãs harmônicas e bela poesia de Bastos Tigre, bastante conhecida, da qual transcrevemos as duas quadras acima.

Deixando sua apreciação sob o ponto de vista formal ao sabor das críticas dos amantes da metrificação, permitam-nos analisar à nossa maneira, apenas essas duas quadras para nos inteirarmos, no entanto, que é completa e verdadeira no que

diz respeito ao sentimentalismo humano: —

— Saudade palavra doce — realmente, a palavra saudade sendo harmoniosa, suave, agrada ao ouvido, como o doce ao paladar;

— Que traduz tanto amargor — a saudade sendo um misto de recordações agradáveis e simultaneamente de tristeza de não poder reviver esses momentos alegres ou ter junto de nós os objetos ou pessoas queridas, na verdade traduz certa dose de amargor;

— Saudade é como se fosse

— Espinho cheirando a flôr — as gratas lembranças dos objetos das pessoas estimadas e de nossa terra distante, com a certeza absoluta da impossibilidade de revê-las ou tê-las junto de nós, ao mesmo tempo que enlevam a alma, como o aroma da flôr agrada ao alfato, a causa que impossibilita a posse, o convívio ou o retorno às épocas passadas, fere a alma como o espinho aos músculos. E, realmente, assemelha um espinho cheirando a flôr.

Passemos à segunda quadra: —

— Saudade é calculada
Por algarismos também,
"Distância" multiplicada
Pelo fator "Querer Bem".

Traduzindo o que está dito numa expressão matemática, temos: - SAUDADE = DISTÂNCIA X QUERER BEM ou, abreviadamente, S = D. x Q. B. Ainda desta expressão tiramos

que $Q. B. = \frac{S}{D}$. Ora, si D (distância) aumentar muito e aproximar do infinito, teremos que $Q. B. = \frac{S}{\infty}$, em que a fração constituinte do segundo membro da igualdade em aprêço é igual a zero, isto é, $\frac{S}{\infty} = 0$ e por conseguinte $Q. B. = 0$. Que sig-

nifica isto? Isto significa que querer bem de algo distante, muito distante, é uma expressão muito vaga ou melhor, vem provar o velho provérbio "*longe dos olhos, longe do coração*".

* *



CRUZ AZUL

Relatorio de 1946

Recebemos da diretoria da Cruz Azul um exemplar do relatório de suas atividades, referentes ao ano de 1946. Trata-se de uma exposição detalhada, seguida por 29 anexos, que dão ampla informação sobre todos os trabalhos assistenciais e administrativos a que deu desenvolvimento a Instituição, no correr daquele ano, inclusive ampliação e melhoria de suas instalações hospitalares e da própria séde.

Sob o ponto de vista econômico o relatório apresenta uma condição excelente. Houve, no exercício, um saldo de 506.207,70, elevando-se o patrimônio líquido social, em 31 de dezembro de 1946, a mais de quatro milhões de cruzeiros; isto é, precisamente Cr. \$ 4.093.924,60.

Essa situação auspiciosa evidencia boa administração, é claro.

Parabens, pois, à Diretoria da Cruz Azul, pela forma como está gerindo essa nossa tão importante Instituição.



Publicamos acima a fotografia do nosso camarada Ten. Farm. Iraní Paraná do Brasil, que nas últimas eleições conseguiu eleger-se, por expressivo número de votos, vereador em Tremembé, onde já exercera, no período de 7 de Abril a 31 de Dezembro de 1947, com proeficiência, o cargo de Prefeito Municipal.

Ao Ten. Iraní, MILITIA apresenta suas felicitações.

Notícias

PROMOÇÕES DE OFICIAIS

Foram promovidos os seguintes oficiais da Fôrça Pública, conforme decretos publicados no Diário Oficial de 5 de março de 1947:

No Quadro de Combatentes:

Ao posto de coronel:

- o Ten. Cel. Oscar de Melo Gaia;
- o Ten. Cel. Firmino Gonçalves da Silveira.

Ao posto de tenente coronel:

- o Major João Negrão;
- o Major Dermeval Mariano.

No Quadro de Saude:

Ao posto de coronel:

- o Ten. Cel. médico Raul Whitacker.

Ao posto de tenente coronel:

- o Major médico Benedito Leite Penteadó;
- o Major médico Jaime Cardoso Americano.

No Quadro de Administração:

Ao posto de tenente coronel:

- o Major Albino Augusto Rêgo.

Aos promovidos MILITIA apresenta seus cumprimentos.

* *

Por decreto de 19 de março último, foi promovido ao posto de tenente-coronel, do Q.Adm. de Fôrça Pública, o Snr. Major Adriano Augusto Machado. —

Ao Snr. Comandante Adriano endereçamos nossos cumprimentos pela justa promoção.

NOMEAÇÃO DE JUIZES

Por Decreto de 19 de março último, do do Governo do Estado, foram nomeados Juizes do Tribunal Superior de Justiça Militar, da Fôrça Pública, os Exmos. Snrs. Coroneis Coriolano de Almeida Junior e Sebastião do Amaral. — A S. Excias. os cumprimentos de MILITIA.

* *

FORMATURAS

MILITIA tem o prazer de consignar a notícia da conclusão de curso superior, em 1947, por parte dos seguintes oficiais da Fôrça Pública:

Capitão Benedito Antunes Chaves e 1.º Ten. Mário Ferrarini — curso de Direito, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo;

1.º Ten. Valdemar de Oliveira Urbano — curso de Engenharia Civil, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo; e,

2º Ten. Alfredo Marcheti — curso de Geografia e História, na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

A êsses camaradas apresentamos nossas congratulações, formulando votos para que sejam felizes no colhimento dos frutos do sacrifício que fizeram, dos quais se beneficiará também, sem dúvida, a Corporação, que tem a honra de os ver em suas fileiras.

ÍNDICE DE LEGISLAÇÃO

Organizado pelo 1.º ten. *José Arimathéa do Nascimento*

Alistamento na Fôrça — Instruções

Bol. Geral n.º 37, de 16-II-1948.

Publica algumas instruções sôbre o alistamento de voluntários na F.P..

Anuário dos Subtenentes

Bol. Geral n.º 19, de 23-I-1948.

Anuário dos Sargentos do Quadro de Motoristas — Inicia a publicação em anexo ao presente boletim geral:

Bol. Geral n.º 9, de 12-I-1948.

Assistência Social — Diretrizes

Bol. Geral n.º 7, de 9-I-1948.

«Assistência social: finalidade e divisão do serviço, atribuição do pessoal, modalidades de assistência e constituição da receita».

Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva — Lei n.º 97, de 27-II-1948.

Considera de utilidade pública a Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública do Estado de São Paulo.

«Art. 1.º) — E' considerada de utilidade pública a Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva da Fôrça Pública do Estado de São Paulo.

Art. 2.º) — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário».

Casa da Vila Militar do Barro Branco — Regulamento Provisório para a Distribuição e Uso — Publica-se em anexo ao:

Bol. Geral n.º 40, de 19-II-1948.

Centro Social dos Sargentos

Bol. Geral n.º 10, de 13-I-1948.

Aprovação dos Estatutos.

Concurso de Tiro patrocinado pela Federação Paulista de Tiro ao Alvo

Bol. Geral n.º 8, de 10-I-1948.

Publica-se em anexo o relatório das provas.

Concurso para preenchimento de vagas de 1.º tenente médico - Edital
Publica-se em anexo.

Bol. Geral n.º 45, de 25-II-1948 e Diário Oficial n.º 46, de 27-II-1948, página 13.

Curso Pré-Militar — Funcionamento

Bol. Geral n.º 290, de 31-XII-1947, item III

«Considerando que é intenção deste Comando restabelecer o Curso Pré-Militar em bases que sejam o esteio da cultura e da eficiência dos futuros oficiais desta Fôrça Pública;

considerando que o atual C.P.M., embora autorizado pelo Bol. Geral n.º 83, de 16-III-1945, vem funcionando irregularmente, acarretando, em consequência, uma situação de instabilidade e insegurança aos alunos que por êle têm passado;

considerando que os alunos que cursaram, com aproveitamento, o atual C.P.M. não devem ser prejudicados, mesmo porque os primeiros deles já se acham matriculados no 3.º C.O.C., prestes a serem declarados aspirantes.

RESOLVO:

- a) suspender, nesta data, o funcionamento do dito curso;
- b) solicitar ao Governador do Estado o encaminhamento de um projeto de lei reconhecendo o direito dos alunos que o fizeram com aproveitamento, nos anos de 1945, 1946 e 1947;
- c) que a D.G.I. elabore um ante-projeto de reforma do R.C.I.M., no qual se preveja o restabelecimento do C.P.M., em bases que melhor assegurem a realização de sua finalidade.

NOTA: — Eis um tema que pode ser considerado por intermédio de «MILITIA». Há adéptos do Pré-Militar e também adversários. De nossa parte achamos que o Pré-Militar constitui necessidade para a Corporação e medida de justiça para com as praças. A Fôrça Pública prestará grande serviço social se procurar, pelos meios a seu alcance, elevar o nível cultural de seus elementos. O C.P.M. deveria ser de dois anos. O aluno aprovado apenas adqueria o direito de matricular-se no Curso de Oficiais, concorrendo ao exame vestibular juntamente com os civis portadores de diploma ginásial.

Estágio de aspirante — Plano

Bol. Geral n.º 39, de 18-II-1948.

«Os aspirantes a oficiais egressos anualmente do C.I.M., passarão a estagiar, doravante, de acôrdo com o seguinte plano:

no R.C. — de 15 de janeiro a 30 de março;

no C.B. — de 6 de abril a 21 de junho e

na Polícia Civil — de 1.º de julho a 15 de setembro.

Para maior facilidade e maior rendimento dos trabalhos, torna-se necessário que o período de estágio no R.C. e no C.B., para as turmas de tenentes e aspirantes presentemente na situação de estagiários naquelas unidades, seja adaptado ao plano acima previsto, pelo que resolvo dilatar para 30 de março o da Cavalaria e reduzir de um mês o do C.B..

Fixa o Efetivo da Fôrça Pública do Estado para 1948

Lei n.º 48, de 31-XII-1947 — Bol. Geral n.º 10, de 13-I-148.

POLÍCIA RODOVIARIA

O Dec.-lei n.º 16.546, de 26-XI-946, dispõe sôbre a reorganização do Departamento de Estradas de Rodagem. No art. 2.º encontramos: Ao D.E.R. compete: —

c) exercer a polícia de tráfego nas estradas estaduais;

Este dispositivo dá ensejo ao Dec. n.º 17.868, de 10 de janeiro de 1948, regulamentando a polícia rodoviária do Departamento de Estradas de Rodagem.

Diz o art. 1.º — Fica criada, no Departamento de Estradas de Rodagem, a Polícia Rodoviária, destinada a exercer a fiscalização e o policiamento do tráfego nas rodovias estaduais.

Art 2.º — A Polícia Rodoviária, subordinada diretamente à Diretoria Geral, compete, principalmente:

a) exercer completa fiscalização do tráfego rodoviário, de maneira que sejam observadas as disposições legais atinentes ao trânsito e às disposições regulamentares especiais concernentes às estradas de rodagem;

b) aplicar multas aos infratores, apreender-lhes os documentos de habilitação e retirar os veículos da circulação;

c) cooperar com a Polícia Civil na prevenção e repressão dos crimes ou contravenções que ocorrem nas estradas estaduais;

d) zelar para que as rodovias, suas obras de arte e mais acessórios não sejam danificados;

e) socorrer, na medida do possível, as vítimas de acidentes de trânsito;

f) providenciar a remoção de qualquer empecilho ou embaraço na circulação dos veículos.

Seguem-se as condições para a admissão, a competência dos chefes e mais algumas disposições.

NOTA: — O Estado tem, portanto, mais uma polícia.

Inatividade de Oficiais e Praças

O deputado Alfredo Farhat apresentou à Assembléia Legislativa o projeto que tomou o n.º 290-47 e que trata da inatividade dos oficiais e praças; agregação, transferência para a reserva e reforma. O projeto visa substituir a atual lei de inatividade, n.º 2.940, de 6-IV-1937 e apresenta diversas modificações (pgs. 22 e 23 do D.O. n.º 289, de 20-XII-947).

Os deputados José Arthur da Motta Bicudo e Padre João Batista de Carvalho apresentaram um substitutivo a êsse projeto, (pg. n.º 26 do D.O. de 25-I-948). Diante disso, o processo foi remetido à Comissão de Constituição e Justiça, para dar seu parecer.

No D.O. do dia 29 de janeiro, pag. 16, o deputado Porfirio da Paz, em explicação pessoal, faz alguns comentários a respeito desses projetos.

Indulto

Bol. Geral n.º 25, de 30-I-1948.

Concede indulto aos delinquentes primários. Dec. Fed. 24.253, de 23-XII-1947.

Medalha «Ao Mérito» — Lei n.º 64, de 12-II-1948

Dispõe sôbre revogação dos decretos-leis n.ºs 16.453 e 16.454, de 12 de dezembro de 1946.

Art. 1.º — Ficam revogados o decreto-lei n.º 16.453, de 12 de dezembro de 1946, que instituiu a medalha «Ao Mérito», para oficiais e praças da Fôrça Policial do Estado de São Paulo e o decreto-lei n.º 16.454 de 12 de dezembro de 1946, que instituiu a medalha «Ao Mérito», para oficiais e praças do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo.

Art. 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Promoção

O Exmo. Snr. Cmt. Geral enviou aos Corpos e Serviços um anteprojeto de promoção de oficiais, a fim de receber sugestões dos interessados.

O ofício que o acompanha constitui verdadeira síntese do que se pretende e diz o seguinte:

«I — O plano de reorganização geral da Fôrça traçado por êste Comando, que vem sendo executado pela Comissão instituída no item 27 do Bol. Geral n.º 169, de 31-VII-47, com a colaboração eficiente e indispensável dos diferentes órgãos através dos quais a administração se exerce, não poderia deixar de prever uma reforma da Lei de Promoções de Oficiais, para ajustá-la aos fatos atuais, após 4 anos de vigência.

II — O ante-projeto de Lei de Promoções de Oficiais, que a este acompanha, introduz profundas modificações na lei vigente, especialmente no capítulo que regula as promoções por merecimento.

III — A preocupação dominante no espírito do legislador foi o estabelecimento de um critério que permita ao intérprete aferir, com o rigor aproximado de um cálculo matemático, o valor dos candidatos a promoção pelo princípio de merecimento, pela adoção do sistema de pontos atribuídos às diferentes manifestações de cultura geral e profissional, conduta militar e civil, dedicação ao exercício da profissão, desempenho dado às funções normais e às comissões de caráter técnico ou de relevo, qualidades essas que realmente definem o valor do oficial e o recomendam à promoção por esse princípio.

IV — Por outro lado, as invocações consagradas pelo ante-projeto, visam permitir que cada oficial conquiste pelo patrimônio de serviços que cada um conseguir acumular, a sua própria promoção por merecimento, libertando a classe, tanto quanto possível, dos efeitos sempre perniciosos para a formação de uma hierarquia eficiente decorrentes da seleção de valores através do critério básico das simpatias pessoais.

V — Transmitindo-vos o exemplar anexo, o Comando Geral solicita sugestões a respeito das modificações já introduzidas e de outras que a clarividência e a longa experiência dêsse Comando aconselhem, lembrando todavia, a conveniência de que as sugestões dessa Unidade sejam o resultado do exame sereno e atento do ante-projeto por uma comissão de oficiais, em que estejam representados todos os postos da hierarquia, si possível».

Desenhista do S. E. — Instruções para o concurso.

Bol. Geral n.º 7, de 9-I-1948.

Ranchos Administrativos — Aplicação de verba.

Bol. Geral n.º 33, de 11-II-1948.

Rancho Administrativo — Inauguração

Bol. Geral n.º 1, de 1.º-I-1948.

Boletim em que o Exmo. Snr. Cmt. Geral explica os motivos que o levaram a adotar o rancho administrativo: «Para que se abandonassem, no menor prazo possível, velhos e rotineiros processos que, já desde muitos anos, não condiziam com as conquistas da ciência e da técnica alimentares». Trata-se, como se vê, da adoção de novos métodos e processos aconselhados por natural evolução e ditados pela experiência colhidos em centros, principalmente americanos, mais avançados em civilização e que, alhures, asseguram o fornecimento adequado de alimentação preparada a grandes coletividades.

Seleção de Candidatos à Matrícula nas Escolas do E. N.

Bol. Geral n.º 23, de 28-I-1948.

Séde definitiva do 3.º B. C. — Ribeirão Preto

Bol. Geral n.º 32, de 7-II-1948.

Sífilis — Instalação de Posto de Combate

Bol. Geral n.º 3, de 3-I-1948.

«Foi instalado no Ambulatório da Cruz Azul, o Posto de Combate à Sífilis (P.C.S.), destinado a atender aos beneficiários daquela Instituição e a cargo e sob a responsabilidade do cap. med. Pedro Paulo Mesko.

O referido posto funcionará das 9 às 11 horas, sendo às 2.ªs e 5.ªs feiras para exame de sangue e às 3.ªs, 4.ªs, 6.ªs e aos sábados para tratamento anti-luético».

Tribunal de Justiça Militar

A lei n.º 73, de 21 de fevereiro de 1948, deu nova organização à Justiça Militar na Fôrça Pública. O Tribunal de Justiça Militar passou a compor-se de cinco juizes, sendo dois civis e três militares escolhidos entre coroneis da ativa. Além dessa, outras alterações foram introduzidas na lei n.º 2.856, de 8 I-937, que trata da organização da Justiça Militar.

Tuberculose e Profilaxia Ante-Venérea — Vigilância Sanitária contra

Bol. Geral n.º 41, de 20-II-1948.

«Recomendo aos Cmts. de Unidades, Chefe do S.S. e da Policlínica Militar, como medida preliminar para o entrosamento dos Serviços de "Vigilância Sanitária contra a Tuberculose e Profilaxia antevênerea" da Fôrça Pública e da Cruz Azul, que os elementos enfraquecidos, suspeitos ou atacados de «tuberculose», sejam relacionados imediatamente com a declaração de suas residências, e, enviada a relação à Cruz Azul. Da mesma forma deverão ser relacionados os que tenham «WASSERMAN» positivo. Depois de enviada a relação geral atualizada até o presente, sempre que surgir um novo caso, será sête comunicado com urgência à Chefia do S.S. com a declaração da residência do elemento em causa.

Vantagens e benefícios concedidos aos participantes da Revolução Constitucionalista de 1932 e aos componentes da Fôrça Expedicionária Brasileira, de São Paulo — Art. 30.º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da nossa Constituição Estadual.

Sôbre êste assunto em julho do ano passado foram sugeridos à Assembléia três projetos de lei, os quais tomaram os n.ºs 9, e 12 e 14.

A Comissão de Constituição e Justiça fundiu os três projetos em um único substitutivo, aprovado em 14 de novembro do ano findo.

A êste substitutivo foram apresentadas tantas emendas que os Srs. Deputados Mário Beni e Mota Bicudo pediram vistas ao processo e apresentaram em 29 de janeiro um novo substitutivo, (pag. 19 do D.O. n.º 23). Êste substitutivo, conquanto seja superior a tudo quanto se escreveu até agora, contudo, os seus autores ainda acham que êle não satisfaz, motivo pelo qual requereram para que o processo voltasse à Comissão de Justiça a fim de ser revisto pelos técnicos, e, apesar de forte oposição, assim foi feito (pag. 21 do D.O. n.º 32-48). A êste substitutivo que se encontra na Comissão de Constituição e Justiça já foram apresentadas algumas emendas.

Vencimentos de alunos oficiais

Bol. Geral n.º 38, de 17-II-1948.

«De acôrdo com a lei n.º 48, de 31-XII-947, que fixou a Fôrça Pública para o ano de 1948, os vencimentos dos alunos oficiais estão calculados para ser pagos na seguinte base, a partir de 1.º de janeiro p. passado, exceto quanto aos casados ou viuvos com filhos, que tenham vencimentos superiores aos ora estabelecidos, os quais continuarão a percebê-los sem alteração: —

- 1.º ano — Cr. \$ 800,00;
- 2.º ano — Cr. \$ 1.000,00;
- 3.º ano — Cr. \$ 1.200,00.

Vencimentos de reformados

Os proventos dos inativos, que, de acôrdo com o art. 5.º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, deverão ser equiparados aos atuais vencimentos do pessoal da ativa, estão sendo ajustados por uma comissão nomeada pelo Exmo. Snr. Governador com a Resolução n.º 183, de 15-IX-947. Esta Comissão vem trabalhando nesse sentido. Com referência aos reformados da F.P., foi organizada uma sub-comissão, que funciona no S.F.. Esta sub-comissão vem trabalhando bastante. Os serviços além de serem grandes são dificultosos, podendo-se mencionar como um dos maiores entraves não possuírem muitos reformados os seus títulos de reforma; isso atraza a pesquisa dos termos da reforma; desses, a maioria são os que já foram reformados há muito tempo e é demorada a pesquisa da publicação respectiva.

Somos testemunhas de que essa sub-comissão vem trabalhando com afinco até em horas fora do expediente, a fim de acelerar os serviços; se mais não fez foi porque não pode mesmo. Temos esperanças que os inativos passarão a perceber muito breve os proventos que merecem e que pelo seu trabalho e sacrifício fizeram jús, conforme veemente apêlo feito na Assembléia pelo Deputado Alfredo Farhat. (Pag. 17 do D.O. de 13-II-1948).

MILITIA — REGULAMENTO

(Continuação do verso da capa)

Art. 11.º — Ao Redator-chefe incumbe:

a) — Coadjuvar o Diretor na direção da Revista, substituindo-o em seus impedimentos

b) — Responsabilizar-se pelo linha doutrinária da Revista, consubstanciada nos artigos 1.º, 3.º, 5.º e 10.º, letra "a".

c) — Redigir o artigo de fundo.

d) — Ajuizar quanto à conveniência dos trabalhos a serem publicados, mantendo contacto com o Diretor, a êste respeito.

e) — Propor a nomeação dos membros das comissões referidas no artigo 9.º, bem como de redatores nos casos de vagas extraordinárias.

f) — Conhecer o conjunto redatorial do número a editar.

g) — Ter a iniciativa de todas as providências, de alçada da Chefia da Redação, visando o sucesso da Revista.

§ único — O Redator-Chefe será substituído pelo Secretário, em seus impedimentos.

Art. 12.º — Aos Redatores incumbe:

a) — Fazer a revisão geral das provas que lhes forem distribuídas, segundo a orientação e finalidade da Revista.

b) — Redigir e preparar o material a ser publicado, até o dia 15 de cada mês, submetendo os casos especiais ao conhecimento do Redator-Chefe.

c) — Fazer a revisão dos originais tipográficos.

d) — Fiscalizar os trabalhos de impressão e paginação.

e) — Pesquisar boas colaborações para a revista.

f) — Ter a iniciativa de todas as providências, da alçada da Redação, visando o êxito da Revista.

Art. 13.º — Ao Secretário incumbe:

a) — Responsabilizar-se pela apresentação material da Revista e pelo exame da

matéria redatorial, em consonância com as diretrizes do Redator-Chefe

b) — Receber e distribuir a correspondência da Revista.

c) — Receber as colaborações e distribuí-las às Comissões Técnicas, e depois, à Redação.

d) — Manter o fichário dos colaboradores.

e) — Assistir à paginação e organizar a revisão.

f) — Submeter ao Redator-Chefe o conjunto redatorial a editar.

g) — Manter o serviço de arquivo redatorial da Secretaria.

h) — Manter o intercâmbio cultural com as corporações e entidades congêneres.

i) — Providenciar quanto a reportagens.

j) — Propor o contrato de colaborações extras.

k) — Ter a iniciativa de todas as providências, de alçada da Secretaria, visando o êxito da Revista.

§ único — O Secretário será substituído em seus impedimentos por um dos redatores, designados pelo Diretor, mediante indicação do Redator-Chefe.

Art. 14.º — Ao Gerente incumbe:

a) — A direção comercial da Revista, e especialmente a iniciativa de todas as providências de caráter econômico.

b) — Manter a propaganda da Revista.

c) — Promover a obtenção de assinaturas e anúncios.

d) — Propor as tabelas de preços de assinaturas e anúncios e suas alterações.

e) — Manter o fichário dos assinantes, agentes e anunciantes.

f) — Fazer a distribuição da Revista.

Continua no próximo número



Há mais de 100 anos a
Fôrça Pública guarda,
com eficiência, o patri-
monio paulista

**Sr. Industrial,
Sr. Comerciante:**

Manifeste a esta Corporação
a sua simpatia, concedendo-nos a
propaganda, que também será
eficiente, de seu produto ou de
sua firma. —
